



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E
PESQUISA MESTRADO PROFISSIONAL EM
LETRAS EM REDE - PROFLETRAS
UNIDADE DE ITABAIANA**



RAILDA DE JESUS SANTANA

A compreensão ativa e a ressignificação valorada na leitura de *A Metamorfose*, de Franz Kafka: uma proposta dialógica para o ensino de literatura no Ensino Médio

**Itabaiana - SE
2026**

RAILDA DE JESUS SANTANA

A compreensão ativa e a ressignificação valorada na leitura de *A Metamorfose*, de Franz Kafka: uma proposta dialógica para o ensino de literatura no Ensino Médio

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Letras em Rede – PROFLETRAS, da Universidade Federal de Sergipe, Unidade de Itabaiana, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: José Ricardo Carvalho da Silva

**Itabaiana – SE
2026**

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA PROFESSOR ALBERTO CARVALHO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

S232c Santana, Railda de Jesus.

A compreensão ativa e a resignificação valorada na leitura de A metamorfose, de Franz Kafka: uma proposta dialógica para o ensino de literatura no ensino médio / Railda de Jesus Santana; orientação: José Ricardo Carvalho da Silva. – Itabaiana, 2026.

165 f.; il.

Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, Itabaiana, 2026.

1. Análise do discurso. 2. Formação do leitor. 3. Ensino médio. 4. Leitura. I. Silva, José Ricardo Carvalho. (orient.). II. Título.

CDU 81'42

RAILDA DE JESUS SANTANA

**A compreensão ativa e a ressignificação valorada na leitura de A
Metamorfose, de Franz Kafka: uma proposta dialógica para o
ensino de literatura no Ensino Médio**

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Letras em Rede – PROFLETRAS, da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovada em: ____ / ____ / ____

Prof. Dr. José Ricardo Carvalho da Silva
Universidade Federal de Sergipe – UFS
Orientador

Prof. Dr. César Costa Vitorino
Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Prof.^a Dr.^a Márcia Regina Curado Pereira Mariano
Universidade Federal de Sergipe – UFS

Dedico este trabalho aos meus familiares, pelo apoio incondicional durante toda a trajetória acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por me conceder força, sabedoria e perseverança ao longo de toda a minha trajetória acadêmica, tornando possível a concretização deste trabalho. À minha família, pelo amor, apoio incondicional, incentivo e compreensão nos momentos em que a dedicação aos estudos exigiu renúncias e ausências. Ao meu orientador, Professor Dr. José Ricardo Carvalho da Silva, pela orientação segura, pelas valiosas contribuições teóricas, pela disponibilidade e pela confiança depositada no desenvolvimento desta pesquisa. Aos professores do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da Universidade Federal de Sergipe (UFS), pelos conhecimentos compartilhados, pelas reflexões proporcionadas e pela formação acadêmica e humana construída ao longo do curso. Aos estudantes participantes desta pesquisa, pela disponibilidade, envolvimento e colaboração durante as oficinas de leitura, tornando possível a realização deste estudo. Ao amigo Nadson Cardoso de Jesus, pelo apoio, incentivo e amizade, fundamentais durante esta caminhada acadêmica. À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo financiamento do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), cujo apoio é essencial para a formação de professores e para o fortalecimento da pesquisa e da educação pública no Brasil. Por fim, agradeço a todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho e para o êxito desta etapa da minha formação. Meu sincero muito obrigado.

RESUMO

Esta dissertação investiga as potencialidades da leitura dialógica com ressignificação valorada no ensino de literatura no Ensino Médio, tomando como objeto de estudo a obra *A Metamorfose*, de Franz Kafka. O problema que orienta a pesquisa consiste na necessidade de superar práticas de leitura centradas predominantemente na decodificação textual e na transmissão de informações sobre a obra literária, propondo, em seu lugar, uma abordagem que favoreça a compreensão ativa, a responsividade e o posicionamento ético do estudante diante do texto. Nesse sentido, o objetivo geral da pesquisa é analisar as contribuições da leitura dialógica de *A Metamorfose*, fundamentada na compreensão ativa e na ressignificação valorada, para a formação crítica de estudantes do Ensino Médio. Fundamentada nos pressupostos teóricos do Círculo de Bakhtin, especialmente nos conceitos de dialogismo, polifonia, bivocalidade e axiologia, bem como nos estudos sobre leitura com ressignificação valorada (Carvalho, 2024a) e sobre o neofantástico (Roas, 2014), a investigação compreende o insólito kafkiano como uma estratégia estética capaz de suscitar tensões sociais, ideológicas e valorativas no leitor. Metodologicamente, trata-se de um estudo de caso de natureza qualitativa, desenvolvido por meio de uma oficina de leitura realizada em doze encontros com estudantes do 1º ano do Ensino Médio de uma escola pública sergipana. Os dados foram produzidos a partir de gravações em áudio das interações orais, das produções textuais dos participantes e dos registros elaborados durante a intervenção pedagógica, sendo analisados à luz dos planos discursivo, estético e ético propostos por Carvalho (2024a). Os resultados obtidos sugerem que a articulação entre a teoria dialógica, a poética do absurdo kafkiano e a progressão multimodal favoreceu a construção compartilhada de sentidos, o reconhecimento da alteridade e a ampliação do posicionamento crítico dos estudantes. Como contribuição para o ensino de literatura na Educação Básica e para o âmbito do PROFLETRAS, a pesquisa apresenta o Caderno Pedagógico *Vozes que Ressignificam: Leitura Dialógica e Valoração em A Metamorfose*, elaborado como produto educacional destinado a subsidiar práticas de mediação literária fundamentadas na compreensão ativa e na ressignificação valorada.

Palavras-chave: Leitura literária; Ressignificação valorada; Dialogismo; Franz Kafka; Neofantástico.

ABSTRACT

This dissertation investigates the potential of dialogic reading through valuative resignification in the teaching of literature in secondary education, taking Franz Kafka's *The Metamorphosis* as its object of study. The research is driven by the need to overcome reading practices predominantly centered on textual decoding and the transmission of information about literary works, proposing instead an approach that fosters active understanding, responsiveness, and the ethical positioning of students in relation to the text. In this sense, the general objective of the research is to analyze the contributions of dialogic reading of *The Metamorphosis*, grounded in active understanding and valuative resignification, to the critical formation of secondary school students. Grounded in the theoretical framework of the Bakhtin Circle—particularly the concepts of dialogism, polyphony, bivocality, and axiology—as well as in studies on reading through valuative resignification (Carvalho, 2024a) and the Neo-Fantastic (Roas, 2014), this investigation understands the Kafkaesque uncanny as an aesthetic strategy capable of eliciting social, ideological, and evaluative tensions in readers. Methodologically, this qualitative case study was developed through a reading workshop conducted over twelve sessions with first-year secondary school students from a public school in the state of Sergipe, Brazil. Data were generated from audio recordings of oral interactions, participants' written productions, and records produced during the pedagogical intervention. These materials were analyzed in light of the discursive, aesthetic, and ethical dimensions proposed by Carvalho (2024a). The findings suggest that the articulation of dialogic theory, Kafka's poetics of the absurd, and multimodal progression fostered the shared construction of meaning, the recognition of otherness, and the development of students' critical positioning. As a contribution to literature teaching in basic education and to the PROFLETRAS program, this research presents the pedagogical guide *Voices that Resignify: Dialogic Reading and Valuation in The Metamorphosis*, developed as an educational product aimed at supporting literary mediation practices grounded in active understanding and valuative resignification.

Keywords: Literary reading; Valuative resignification; Dialogism; Franz Kafka; Neo-Fantastic.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
1.1 A teoria dialógica e a estilística sociológica de Bakhtin	13
1.2 As questões axiológicas e a metalinguística.....	15
1.3 As relações dialógicas na literatura	17
1.4 A bivocalidade e o discurso do outro.....	18
1.5 Leitura com ressignificação valorada.....	20
1.6 O gênero fantástico e o neofantástico: definições e evolução.....	21
1.6.1 O fantástico em Todorov	22
1.6.2 O neofantástico em Roas	23
1.6.3 O insólito e a construção do estranhamento.....	24
1.7 Kafka e a poética do absurdo: uma estética da desumanização	25
1.8 Análise dialógica de <i>A Metamorfose</i> com ressignificação valorada.....	26
2 METODOLOGIA	27
2.1 Limitações da pesquisa.....	30
2.2 Considerações éticas da metodologia	31
2.3. Conclusão da Metodologia	32
3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	33
3.1 Sensibilização e Leitura da Capa.....	34
3.2 Unidade Temática I: Estranhamento Inaugural e Condição Humana	37
3.2.1 O Espaço Doméstico e a Identidade Laboral no Cotidiano Insólito	39
3.2.2 A Metáfora do Esgotamento Social e a Pressão Produtiva	40
3.2.3 A Perda da Voz e o Silenciamento	42
3.2.4 A Autoacusação e a Utilidade do Corpo.....	43
3.3 Unidade Temática II: Autoridade, Exposição e Desumanização	45
3.3.1 A Invasão do Espaço Privado e o Medo Institucional	46
3.3.2 A Desconfiança como Norma e a Vigilância no Trabalho Contemporâneo	47
3.3.3 A Queda do Corpo Produtivo e a Coisificação do Sujeito.....	49
3.3.4 O Silenciamento das Vozes e o Indivíduo como Problema	51
3.3.5 O Discurso Institucional e a Negação do Sofrimento	53
3.3.6 A Defesa Humilhada e a Interiorização da Culpa	54
3.4 Unidade Temática III: Trabalho, Controle e Ruptura	56

3.4.1 O Conflito Ético entre o Dever Profissional e a Saúde Física.....	56
3.4.2 Relações Dialógicas com o Mundo Contemporâneo: A Invisibilidade Emocional	58
3.4.3 O Diálogo Intertextual: A Exaustão de Gregor e a Invisibilidade Emocional Contemporânea	59
3.4.4 A Produção Responsiva Final: O Valor do Sujeito e a Crítica à Utilitarização da Vida	61
3.5 Unidade Temática IV – Silêncio, Cuidado Ambíguo e Desumanização Progressiva	63
3.5.1 O Diálogo Intersemiótico: A Tradição Literária e a Ironia Musical	63
3.5.2 A Síntese Responsiva: O Humor como Ferramenta de Crítica Social	65
3.6 Unidade Temática V – Economia Doméstica, Memória Afetiva e Reconfiguração do Cuidado	66
3.6.1 A Fome como Linguagem e a Voz Social do Dinheiro.....	66
3.6.2 A Fratura do Vínculo Afetivo e o Valor Utilitário do Sujeito	68
3.6.3 A Vergonha no Corpo e a Exclusão Espacial	69
3.6.4 Exotopia e Cuidado: A Janela como Memória de Liberdade	71
3.6.5 O Lençol como Pacto Silencioso e o Autoapagamento	72
3.7 Unidade Temática VI – Espaço, Memória e Conflito de Cuidado: O Quarto como Campo de Disputa	74
3.7.1 O Conflito de Cuidado e a Memória Material	74
3.7.2 Exotopia e a Voz Ética: O Quarto como Extensão da Identidade.....	76
3.8 Unidade Temática VII – Autoridade Restaurada, Morte e Ruptura Definitiva	77
3.8.1 A Linguagem da Desumanização e a Morte como Banalidade.....	78
3.8.2 O Alívio Familiar, o Recomeço e a Morte Simbólica.....	79
3.9 A Produção Responsiva Final: A Morte Simbólica, o Utilitarismo e a Crítica Social	80
3.9.1 O Verdadeiro Monstro: Utilitarismo e Descarte Social	81
3.9.2 A Linguagem da Frieza e a Coisificação do Sujeito	82
3.9.3 A Ironia do Recomeço e o Despertar Crítico do Leitor-Estudante	83
3.10 Avaliação das Atividades Realizadas	84
4 ANÁLISE DO PRODUTO EDUCACIONAL: O CADERNO PEDAGÓGICO VOZES QUE RESSIGNIFICAM	86
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	88
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	91
APÊNDICES.....	93
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)...	93
CONSENTIMENTO DO RESPONSÁVEL LEGAL.....	97
DECLARAÇÃO DO PESQUISADOR	97
APÊNDICE B – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)	98
APÊNDICE C – Transcrição dos áudios de discussão sobre A Metamorfose.....	100
APÊNDICE D – Transcrição dos áudios de discussão sobre A Metamorfose.....	155
ANEXOS	159

ANEXO A – Produções finais dos estudantes (A Metamorfose)	159
ANEXO B – Reportagem	166

INTRODUÇÃO

A literatura ocupa um lugar singular na formação humana por possibilitar o contato com experiências, valores, conflitos e modos de existência que ultrapassam a dimensão estritamente utilitária da linguagem. No contexto escolar, sua presença justifica-se não apenas pelo estudo de aspectos históricos, estéticos ou formais das obras, mas, sobretudo, por seu potencial de promover a produção de sentidos, o diálogo entre diferentes vozes e a reflexão crítica sobre questões humanas e sociais. Entretanto, a concretização desse potencial formativo depende de práticas de leitura que possibilitem ao estudante assumir uma posição responsiva diante da obra e participar ativamente da construção de sentidos. Nesse contexto, torna-se pertinente investigar de que maneira uma leitura dialógica, fundamentada na compreensão ativa e na ressignificação valorada, pode contribuir para a formação crítica de estudantes do Ensino Médio.

Partindo dessa perspectiva, esta pesquisa insere-se no campo dos estudos sobre ensino de literatura e formação de leitores, tomando como fundamento teórico o pensamento do Círculo de Bakhtin, especialmente os conceitos de dialogismo, responsividade, bivocalidade e relações axiológicas, em articulação com a proposta de leitura com ressignificação valorada desenvolvida por Carvalho (2024a). Tal abordagem compreende que o ato de ler não se esgota na decodificação do texto nem na reprodução de interpretações legitimadas pela crítica especializada, mas constitui uma atividade de compreensão ativa, na qual o leitor é convocado a assumir uma posição responsiva, relacionando os enunciados literários às suas próprias experiências, valores e condições históricas de existência, o que possibilita a construção de sentidos e o desenvolvimento de uma postura crítica diante dos discursos que atravessam a obra e a realidade social.

No âmbito dessa discussão, a literatura de Franz Kafka apresenta-se como um espaço profícuo para a constituição de práticas de leitura dialógicas voltadas à formação crítica dos estudantes. Entre suas obras, *A Metamorfose* destaca-se por problematizar questões relacionadas à exclusão, à instrumentalização das relações humanas, à desumanização do sujeito e às tensões produzidas pelas estruturas familiares, econômicas e sociais. A narrativa, inaugurada pela transformação inexplicável de Gregor Samsa em um inseto monstruoso, rompe com a lógica ordinária do real e instaura um universo marcado pelo estranhamento, pelo absurdo e pela

naturalização da *violência simbólica*¹, exigindo do leitor não apenas um esforço interpretativo, mas também um posicionamento axiológico diante das situações representadas. Ao narrar a transformação de Gregor Samsa e sua progressiva rejeição no espaço familiar, a obra constrói uma representação simbólica das formas pelas quais a sociedade tende a marginalizar sujeitos que deixam de corresponder a determinadas expectativas sociais e produtivas, possibilitando problematizar processos de objetificação, exclusão e desumanização que permanecem relevantes para a compreensão das dinâmicas sociais contemporâneas e para a formação crítica do leitor.

Sob essa ótica, a obra pode ser compreendida como uma manifestação do neofantástico, conforme discutido por Roas (2014), uma vez que o elemento insólito não se organiza em torno da hesitação característica da formulação clássica do fantástico proposta por Todorov (2004), mas atua como mecanismo de desestabilização das certezas que orientam a percepção cotidiana da realidade. Em Kafka, o absurdo não demanda explicações sobrenaturais nem soluções racionais; ao contrário, impõe-se como parte constitutiva da experiência humana moderna, permitindo que questões sociais e existenciais sejam percebidas sob uma nova perspectiva.

Ao aproximar a poética kafkiana das contribuições do pensamento bakhtiniano, esta pesquisa compreende que a leitura literária pode constituir-se como uma prática de encontro entre múltiplas vozes sociais, favorecendo processos de compreensão que ultrapassem interpretações unívocas e estimulem a problematização das ideologias presentes no discurso. Nesse sentido, a proposta de leitura com ressignificação valorada assume relevância por considerar os planos discursivo, estético e ético da obra literária, possibilitando que o estudante reconheça não apenas os sentidos explicitamente construídos pelo texto, mas também aqueles que permanecem silenciados, marginalizados ou naturalizados pelas relações de poder presentes na narrativa, favorecendo processos de reflexão crítica sobre as relações humanas, os valores sociais e as formas de desumanização representadas no texto literário. Nessa perspectiva, a adoção do referencial bakhtiniano, em articulação com a proposta de leitura desenvolvida por Carvalho (2024a), justifica-se por compreender a leitura literária como uma atividade discursiva, ética e estética, na qual o estudante deixa de ocupar uma posição passiva para assumir um papel responsivo diante das vozes

¹ Segundo Bourdieu, a violência simbólica é "toda coerção que só se institui por intermédio da adesão que o dominado acorda ao dominante", fazendo com que a relação de dominação pareça natural em razão dos instrumentos de conhecimento compartilhados entre ambos (BOURDIEU, 1997, p. 204, *apud* JUBÉ; CAVALCANTE; CASTRO, [ano], p. [página]).

sociais, dos conflitos ideológicos e dos diferentes centros de valor presentes na obra, ampliando as possibilidades de construção compartilhada de sentidos e de formação crítica.

Diante dessas considerações, esta dissertação busca responder à seguinte questão de pesquisa: como a leitura dialógica de *A Metamorfose*, de Franz Kafka, mediada pelos princípios da compreensão ativa e da resignificação valorada, pode contribuir para a formação crítica de estudantes do Ensino Médio?

Parte-se da hipótese de que a abordagem dialógica da narrativa kafkiana, organizada a partir dos planos discursivo, estético e ético, favorece a construção compartilhada de sentidos, amplia a capacidade de resposta crítica dos estudantes e promove deslocamentos axiológicos capazes de estimular reflexões acerca da alteridade, da exclusão social e das formas contemporâneas de desumanização.

Com vistas a investigar essa hipótese, a pesquisa tem como objetivo geral analisar as contribuições da leitura dialógica de *A Metamorfose*, fundamentada na compreensão ativa e na resignificação valorada, para a formação crítica de estudantes do primeiro ano do Ensino Médio, buscando favorecer processos de construção compartilhada de sentidos e de posicionamento ético-estético diante da obra literária. De maneira específica, busca-se discutir os pressupostos teóricos do dialogismo bakhtiniano e da proposta de resignificação valorada; compreender as aproximações entre a narrativa kafkiana e o neofantástico contemporâneo; desenvolver uma oficina de leitura literária baseada nesses pressupostos, utilizando um caderno pedagógico autoral; e analisar as respostas produzidas pelos estudantes, a partir das interações estabelecidas durante as atividades propostas, buscando compreender de que modo a abordagem dialógica favorece a construção de sentidos, o reconhecimento da alteridade e o desenvolvimento de posicionamentos críticos.

Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter interpretativo, configurada como estudo de caso, realizada com uma turma do primeiro ano do Ensino Médio de uma escola pública do estado de Sergipe. A investigação materializa-se por meio de uma oficina de leitura composta por doze encontros, nos quais serão desenvolvidas atividades voltadas à análise dialógica da obra, ao reconhecimento das vozes sociais presentes na narrativa e à problematização dos valores mobilizados pelos participantes. Os dados produzidos serão registrados em áudio, transcritos e examinados à luz das categorias discursivas, estéticas e éticas propostas por Carvalho (2024a).

A pesquisa também se justifica por sua inserção no âmbito do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), especialmente em razão de sua natureza aplicada e da elaboração do Produto Educacional, o Caderno Pedagógico *Vozes que Ressignificam*. Ao oferecer um percurso de leitura fundamentado na problematização, na participação ativa dos estudantes e na construção compartilhada de sentidos, esse material busca contribuir para o fortalecimento de práticas pedagógicas voltadas à formação crítica de leitores no Ensino Médio.

Por fim, a presente dissertação organiza-se em quatro capítulos, além desta introdução e das considerações finais. O Capítulo 1 desenvolve a fundamentação teórica, contemplando os estudos do Círculo de Bakhtin, a leitura com ressignificação valorada, as discussões acerca do fantástico e do neofantástico, além da poética kafkiana. Na sequência, o Capítulo 2 descreve o percurso metodológico, bem como os procedimentos de produção e análise dos dados. Posteriormente, o Capítulo 3 discute os resultados obtidos na oficina de leitura, organizados de forma cronológica por meio de Unidades Temáticas, nas quais os planos discursivo, estético e ético são analisados de maneira indissociável e simultânea. O Capítulo 4 dedica-se à apresentação e análise do Produto Educacional, o Caderno Pedagógico *Vozes que Ressignificam*. Por fim, apresentam-se as considerações finais, retomando os objetivos da investigação e refletindo sobre as contribuições da proposta para o ensino de literatura no Ensino Médio.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 A teoria dialógica e a estilística sociológica de Bakhtin

A teoria da linguagem postulada pelo Círculo de Bakhtin promoveu uma ruptura epistemológica com os paradigmas formalistas, deslocando o escopo investigativo da imanência sistêmica da língua para a teia de relações sociais, históricas e ideológicas que a constituem. Nessa perspectiva, a linguagem deixa de ser compreendida como um sistema abstrato e autônomo para ser concebida como uma prática social concreta, produzida nas interações entre sujeitos situados em diferentes esferas da atividade humana. A premissa angular dessa concepção é a de que nenhum enunciado é neutro ou isolado; ao contrário, ele se configura como um elo responsivo na cadeia ininterrupta da comunicação discursiva. O autor elucida:

A vida da linguagem é a comunicação. A linguagem vive no processo do intercâmbio verbal concreto, realizado em condições históricas específicas. Somente no processo da comunicação a linguagem adquire vida e sentido, sendo constantemente renovada e apropriada por diferentes sujeitos em diversas esferas da atividade humana (Bakhtin, 2016, p. 121).

Essa compreensão permite reconhecer que os sentidos não estão prontos no texto nem pertencem exclusivamente ao autor, mas são produzidos na relação dialógica estabelecida entre diferentes vozes sociais e centros de valor. Um dos desdobramentos de maior relevância dessa tese é o conceito de polifonia. Diferentemente do romance tradicional monológico, a obra polifônica abriga múltiplas consciências autônomas que coexistem na narrativa em regime de relativa isonomia, preservando suas perspectivas ideológicas próprias. Bakhtin (2015) pontua:

O romance de Dostoiévski é uma pluralidade de consciências, múltiplas e independentes, que não são fundidas em uma consciência única do autor. Cada voz mantém sua integridade ideológica e não é absorvida pela perspectiva narrativa dominante. [...] Nele, a consciência do herói é apresentada como outra, e não como objeto do autor. O autor escuta e dialoga com seus personagens, ao invés de dominá-los (Bakhtin, 2015, p. 5).

Ainda que o conceito tenha sido elaborado a partir da análise da obra dostoiévskiana, suas implicações teóricas permitem compreender outras produções literárias nas quais diferentes discursos entram em tensão, aspecto particularmente relevante para a leitura de *A Metamorfose*, cuja narrativa evidencia conflitos axiológicos que atravessam as relações familiares, laborais e sociais vivenciadas por Gregor Samsa.

Aliada à polifonia, emerge a proposta da estilística sociológica, que compreende o estilo literário não como mero adorno formal, mas como uma tomada de posição ideológica inscrita na materialidade do discurso. Volóchinov (2017) sintetiza essa compreensão ao afirmar que a linguagem não é transparente, mas uma arena de disputas valorativas:

A palavra está sempre impregnada de intenções e acentos. Está inserida num contexto social, respondendo a discursos anteriores e antecipando outros. Ela pertence a determinado grupo, determinada corrente, determinada tendência. Assim, mesmo quando parece neutra, ela traz consigo um histórico de usos que refletem lutas sociais, ideológicas e culturais. A linguagem não é transparente: ela é arena de conflito (Vvolóchinov, 2017, p. 167).

Sob essa perspectiva, o estilo de uma obra pode ser compreendido como um índice das vozes sociais em litígio, revelando posicionamentos, tensões e disputas de sentido que ultrapassam

a dimensão estritamente estética.

Dessa forma, a teoria dialógica e a estilística sociológica oferecem subsídios importantes para a compreensão da obra literária como um espaço de encontro e confronto entre diferentes perspectivas sociais, possibilitando analisar de que maneira os discursos presentes em *A Metamorfose* mobilizam valores, produzem estranhamentos e convocam o leitor a assumir uma postura responsiva diante das problemáticas humanas representadas na narrativa.

1.2 As questões axiológicas e a metalinguística

A abordagem dialógica da linguagem, conforme desenvolvida pelo Círculo de Bakhtin, compreende o enunciado como um fenômeno inerentemente social e permeado por valores. Sob essa ótica, a linguagem afasta-se de qualquer pretensão de neutralidade, veiculando intenções, ideologias e posicionamentos que se materializam concretamente na palavra. Consequentemente, as questões axiológicas ocupam um lugar central na análise discursiva, uma vez que permitem evidenciar os juízos de valor que estruturam os enunciados, sejam eles de natureza literária, artística ou cotidiana.

Para Bakhtin (2011), todo discurso é valorativo, orientando-se intrinsecamente por uma determinada visão de mundo e por relações de alteridade estabelecidas entre os sujeitos da interação discursiva. Nesse sentido, compreender um enunciado implica, inevitavelmente, assumir uma posição diante dos valores nele mobilizados. O autor afirma: “Toda compreensão de um discurso vivo é simultaneamente sua avaliação, porque nunca há compreensão sem atitude valorativa” (Bakhtin, 2011, p. 345). Essa premissa permite conceber o texto literário como um campo de tensões entre distintas vozes sociais, exigindo do leitor não apenas uma atividade interpretativa, mas também uma responsividade ética capaz de problematizar os conflitos axiológicos presentes na obra.

No âmbito de *A Metamorfose*, de Franz Kafka, os valores que regem as relações interpessoais são submetidos a um contínuo processo de tensionamento. A progressiva exclusão de Gregor Samsa evidencia um posicionamento ideológico que reduz o sujeito à sua funcionalidade econômica e à sua capacidade produtiva. Sob essa perspectiva, a análise axiológica revela-se fundamental para expor a crítica social inscrita na narrativa, uma vez que os valores não se

apresentam apenas no conteúdo temático, mas também se encarnam na própria forma do enunciado:

Na palavra, está sempre presente um determinado valor, uma posição axiológica; ela está sempre orientada para alguém, para um ouvinte, e, portanto, está sempre em relação com valores que esse outro reconhece ou rejeita. O enunciado é sempre um ato ético-estético (Bakhtin, 2011, p. 324).

Tal compreensão permite apreender o texto literário como uma construção orgânica, na qual os sentidos emergem do confronto entre posições sociais, ideológicas e afetivas distintas, tornando a leitura um espaço privilegiado para a identificação dos valores em disputa e para a produção de novas significações por parte do leitor.

Associado à dimensão axiológica, outro conceito basilar para esta pesquisa é o de metalinguística, definido por Bakhtin como um campo de investigação voltado ao estudo das relações entre os elementos formais do discurso e as condições sociais, históricas e ideológicas que os atravessam. Em contraposição às abordagens estritamente estruturalistas, a metalinguística compreende que forma e conteúdo constituem dimensões indissociáveis da produção de sentidos, conforme assinala o autor: "o conteúdo sem a forma é abstrato, e a forma sem o conteúdo é um jogo vazio" (Bakhtin, 2011, p. 298). Nessa perspectiva, o estudo metalinguístico propõe uma leitura do discurso que ultrapassa a descrição de recursos linguísticos, buscando compreender os efeitos valorativos produzidos pelas escolhas enunciativas. Conforme Bakhtin (2011, p. 301), "a metalinguística interessa-se pela palavra em sua dimensão histórica e social concreta, como campo de luta entre vozes e valores. Ela não estuda apenas o que é dito, mas como é dito e com que intenção axiológica".

Em *A Metamorfose*, a perspectiva metalinguística contribui para a compreensão da estilização promovida pelo autor-criador. A escolha de um narrador em terceira pessoa, marcada por uma aparente neutralidade diante da degradação progressiva de Gregor, constitui um recurso que intensifica a objetificação do protagonista e potencializa o efeito de estranhamento experimentado pelo leitor. Além disso, essa abordagem favorece o reconhecimento das múltiplas vozes sociais que atravessam a narrativa, oferecendo subsídios para a leitura com ressignificação valorada, especialmente no que se refere à identificação, problematização e reavaliação dos valores em disputa no interior da obra.

1.3 As relações dialógicas na literatura

A perspectiva bakhtiniana evidencia que a linguagem literária atua como uma caixa de ressonância da complexidade polivocal da experiência humana. A dinâmica dialógica estabelecida entre personagens, narradores e diferentes instâncias discursivas materializa o embate de visões de mundo, a circulação de valores e a negociação de relações de poder. Nesse sentido, a literatura constitui um espaço privilegiado para a manifestação da alteridade, uma vez que coloca em interação consciências que se constituem mutuamente no diálogo. Sobre a natureza indissociável entre o sujeito e o diálogo contínuo, Bakhtin postula:

A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo participa o homem por inteiro e com toda a sua vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o seu corpo e todos os seus atos. Ele investe-se por inteiro na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no banquete verbal da vida (Bakhtin, 2011, p. 337).

Na tessitura narrativa, a apropriação da palavra ilustra essa interdependência semântica e axiológica entre os sujeitos, uma vez que todo discurso se constitui a partir do contato com vozes anteriormente produzidas. Conforme afirma Bakhtin:

A palavra é metade do outro. A palavra torna-se 'própria' somente quando o falante a povoa com sua própria intenção, com seu próprio sotaque, quando a apropria, adaptando-a ao seu próprio significado expressivo e temático. Antes desse momento, a palavra não existe em um vocabulário neutro e impessoal do falante (não é tirada do dicionário!), mas existe nas bocas de outros, nos contextos de outros, servindo às intenções de outros: é ali que é preciso tomá-la e torná-la sua (Bakhtin, 2011, p. 293).

A polifonia desafia a tradicional visão monológica do discurso, visto que "uma pluralidade de consciências independentes [...] combina-se na unidade de um certo evento" (Bakhtin, 2011, p. 7). Ademais, a heteroglossia atua como um vetor essencial para a compreensão das obras literárias, manifestando a coexistência de estratos linguísticos, posicionamentos ideológicos e diferentes horizontes sociais. Conforme o teórico russo:

A heteroglossia, uma vez incorporada ao romance (qualquer romance, em certa medida), organiza em seu plano composicional um diálogo entre esses léxicos, línguas e dialetos sociais, entre os pontos de vista ideológicos inerentes a eles (pontos de vista que 'ressoam' nesses léxicos). Tais diálogos são preenchidos de tensão dramática e são extremamente significativos para a

compreensão das relações mútuas desses mundos sociais, dessas “linguagens” e “consciências” no processo histórico concreto (Bakhtin, 2011, p. 303).

Em obras como *A Metamorfose*, essas relações dialógicas permitem perceber como discursos vinculados ao trabalho, à família, à produtividade e ao pertencimento social entram em constante tensão, convocando o leitor a problematizar os valores naturalizados pela narrativa. Essa dialogicidade expande-se, inexoravelmente, para a esfera da recepção, uma vez que o ato de ler instaura um diálogo contínuo entre texto, leitor e contexto social. Nesse sentido, Bakhtin afirma:

Toda compreensão viva é essencialmente responsiva, e a responsabilidade, de uma forma ou de outra, está prenhe de uma resposta (mesmo que silenciosa) ao que foi ouvido e compreendido. O ouvinte torna-se falante. A compreensão ativa é o início de uma resposta (Bakhtin, 2011, p. 318).

Assim, as relações dialógicas na literatura ultrapassam a organização interna da obra, alcançando o próprio processo de leitura e constituindo um dos fundamentos da proposta de compreensão ativa e ressignificação valorada adotada nesta pesquisa.

1.4 A bivocalidade e o discurso do outro

A inserção do discurso do outro e o fenômeno da bivocalidade ocupam lugar de destaque na teoria bakhtiniana, sobretudo por evidenciarem a natureza essencialmente dialógica da linguagem. A bivocalidade ocorre quando duas vozes distintas coexistem em um mesmo enunciado, produzindo uma tensão interna que torna a palavra simultaneamente polifônica, ambígua e ideologicamente refratada. Bakhtin explica:

Na palavra bivocal, uma das vozes, sendo a principal, dirige-se ao seu objeto, ou seja, comunica um conteúdo, expressa uma intenção aparente. No entanto, simultaneamente, uma segunda voz se inscreve nesse mesmo enunciado, refratando-o — isto é, distorcendo-o, redirecionando seu sentido. Essa voz secundária pode investir o discurso de novas intenções, frequentemente irônicas, paródicas ou críticas. O resultado é uma duplicidade enunciativa, em que o discurso carrega não apenas uma, mas duas direções ideológicas. [...] Dessa forma, a bivocalidade é um dos mecanismos fundamentais para a construção do dialogismo no interior da linguagem (Bakhtin, 2015, p. 185).

Essa refração não se restringe a uma manobra estilística, operando como um espaço de confronto ideológico e de disputa entre perspectivas sociais distintas. Na tradição literária, essa

técnica mostra-se evidente em *Dom Quixote*, obra em que Todorov (1981) observa a resistência da voz diante das imposições do mundo social:

O herói de Cervantes é continuamente desmentido pelo mundo ao seu redor, que insiste em confrontá-lo com uma realidade contrária à sua visão idealizada. Ainda assim, ele persiste em sua fala, em sua narrativa, recusando-se a ser silenciado. Mesmo diante do fracasso e do escárnio, mantém sua voz ativa, reafirmando sua perspectiva sobre o mundo. Nunca é reduzido ao silêncio, pois sempre encontra uma forma de responder, de afirmar sua existência e seus valores. Sua palavra resiste, mesmo quando o mundo insiste em negá-la (Todorov, 1981, p. 59).

Na esfera do gênero fantástico, a bivocalidade também pode contribuir para a construção da hesitação "entre explicações naturais e sobrenaturais" (Todorov, 2004, p. 25). Em Kafka, entretanto, tal multiplicidade tende a assumir contornos mais próximos do neofantástico, refletindo a condição do sujeito imerso em discursos que o excedem e o constituem. Em *O Processo*, por exemplo, essa experiência aproxima-se de um aparato que "não pode ser simplesmente dominado ou racionalizado" (Roas, 2014, p. 112).

Carvalho (2021) articula essa premissa ao papel emancipador do leitor, defendendo a leitura crítica como "uma ação de construção e reconstruções das representações sociais e o reconhecimento de posicionamentos ético-valorativos" (Carvalho, 2021, p. 100). É nesse espaço de resignificação que as tensões discursivas do texto literário vêm à tona e adquirem novos sentidos:

No domínio da capacidade de resignificação valorada, o leitor atualiza os sentidos do objeto simbólico em relação ao contexto de produção, conferindo uma visão crítica sobre os diversos pontos de vistas exibidos no texto [...]. Nessa dinâmica considera-se que toda palavra corresponde a uma arena de disputa de sentidos, fazendo valer a contrapalavra, as réplicas proferidas por distintas vozes no interior do texto e fora dele (Carvalho, 2021, p. 95).

Portanto, a apreensão da bivocalidade ultrapassa a identificação de procedimentos discursivos, constituindo-se como um instrumento ético, crítico e político capaz de favorecer leituras que questionem discursos hegemônicos e promovam a participação responsiva do leitor na construção dos sentidos da obra literária.

1.5 Leitura com ressignificação valorada

A leitura com ressignificação valorada, concebida por Carvalho (2024a), erige-se como uma práxis interpretativa que supera a visão do texto literário como um artefato estático e autossuficiente. Ancorada nos construtos bakhtinianos, essa perspectiva compreende a leitura como uma atividade essencialmente responsiva, na qual o leitor assume protagonismo ao dialogar com a complexa rede de vozes, valores e crivos ideológicos presentes no enunciado. Nessa perspectiva, o sentido não é previamente dado, mas construído na interação entre texto, leitor e contexto social. Para o autor, o leitor não é um mero receptor, mas atua diretamente na obra, visto que: “O leitor, neste contexto, configura-se como um coconstrutor da criação artística-literária, ressignificando os enunciados proferidos pelas vozes em sua dimensão ética, estética e discursiva” (Carvalho, 2024a, p. 58-59).

Tal proposição encontra-se organicamente vinculada ao dialogismo bakhtiniano, partindo do princípio de que “a compreensão de uma palavra viva é sempre, por sua própria essência, uma compreensão responsiva” (Bakhtin, 2011, p. 119). No contexto escolar, a ressignificação valorada tensiona a naturalização de práticas monológicas que instrumentalizam a obra literária, concentrando-se predominantemente na análise estilístico-formal ou na reprodução de interpretações legitimadas. Combatendo a fragmentação que torna a relação entre arte e vida mecânica, faz-se necessário retomar o sentido da leitura como um ato crítico, no qual o leitor se envolve com os dilemas, conflitos e posicionamentos presentes no mundo representado:

As aulas de leitura artístico-literária frequentemente não abordam as relações dialógicas das criações estéticas com o mundo da vida em que os leitores estão situados. [...] a compreensão ativa de um texto artístico-literário ocorre em um processo interativo, no qual duas ou mais consciências dialogam construindo o percurso temático da obra (Carvalho, 2024a, p. 58).

A prática da ressignificação valorada exige que o leitor confronte os valores mobilizados pelo texto com suas próprias experiências, percepções e discursos socialmente constituídos. Carvalho fundamenta essa práxis na indissociabilidade dos planos ético, estético e discursivo, asseverando que a abordagem de leitura dialógica “não se limita a reconhecer aspectos formais dos gêneros discursivos”, pois compreende que “Não há compreensão estética se não houver compreensão ética” (Carvalho, 2024a, p. 70).

A resignificação valorada consolida-se, assim, como uma proposta pedagógica voltada para a emancipação do leitor, reconhecendo que a "compreensão ativa corresponde a uma tomada de posicionamento do leitor ao participar das relações dialógicas de forma valorada", momento no qual ele "faz conexões com sua própria vida, questiona as afirmações dos enunciados, levanta hipóteses, reflete sobre as intenções subjacentes e, assim, constrói um entendimento de forma pessoal e única" (Carvalho, 2024a, p. 63).

No caso de *A Metamorfose*, essa abordagem mostra-se particularmente profícua, pois possibilita que o estudante ultrapasse a percepção do elemento insólito como mera curiosidade narrativa e o compreenda como um dispositivo estético capaz de problematizar valores relacionados ao trabalho, à exclusão, à alteridade e aos processos contemporâneos de desumanização.

1.6 O gênero fantástico e o neofantástico: definições e evolução

A evolução do fantástico evidencia uma progressiva internalização do assombro, afastando-se gradativamente das manifestações do maravilhoso tradicional para concentrar-se em conflitos que atravessam a experiência humana e a percepção da realidade. Ao longo de sua trajetória, o insólito passou a assumir diferentes configurações estéticas, acompanhando transformações históricas, culturais e epistemológicas. Corrêa (2011) sintetiza esse percurso ao afirmar:

A narrativa fantástica, ao invés de apresentar mundos novos, dissociados da realidade, faz uso da vida cotidiana, apresentando sua problemática através da abordagem do comportamento humano. (...) Inicialmente, no século XVIII, o insólito era produzido no nível semântico; entre os séculos XVIII e XIX, exigia a presença de um elemento sobrenatural, sendo que o medo era provocado a partir da figura de um monstro ou um fantasma [...]; no século XIX, a dimensão psicológica das personagens passou a ser mais explorada e o sobrenatural foi substituído por imagens assustadoras advindas da loucura [...]; e, finalmente, no século XX, o fantástico infiltrou-se no nível sintático, criando incoerências entre elementos da vida comum, com a angústia frente ao surgimento do absurdo (Corrêa, 2011, p. 66-67).

Estruturalmente, o fantástico instaura uma cisão narrativa, contrapondo-se à não representação característica do maravilhoso tradicional. A construção do estranhamento passa a depender, em grande medida, da perspectiva do sujeito que experiencia o acontecimento insólito e de sua incapacidade de conciliá-lo plenamente com os referenciais da realidade cotidiana. Conforme elucida Camarani (2014):

O esquema de organização é o de uma narrativa desdobrada: há o “je”, a testemunha lúcida, que se interroga na incerteza, e há o “moi”, o herói que vive a aventura com paixão (até a morte ou a loucura, na maioria dos casos); o ponto de vista é eminentemente pessoal. (Camarani, 2014, p. 76).

Essa evolução histórica do fantástico torna-se particularmente relevante para a presente investigação, pois oferece subsídios para compreender a singularidade da narrativa kafkiana, frequentemente situada em uma zona limítrofe entre o fantástico tradicional, o absurdo e o neofantástico. Tal discussão será aprofundada nos tópicos seguintes, especialmente a partir das contribuições de Todorov (2004) e Roas (2014).

1.6.1 O fantástico em Todorov

Para Tzvetan Todorov (2004), o fantástico fundamenta-se estritamente na incerteza transitória experimentada por aquele que interage com o texto. A hesitação configura-se como o eixo central de sua teoria, pois é ela que delimita a especificidade do gênero diante de outras modalidades do insólito. O autor afirma:

Aquele que o percebe deve optar por uma das duas soluções possíveis; ou se trata de uma ilusão dos sentidos, de um produto da imaginação e nesse caso as leis do mundo continuam a ser o que são; ou então o acontecimento realmente ocorreu, é parte integrante da realidade, mas nesse caso esta realidade é regida por leis desconhecidas para nós. (...) O fantástico ocorre nesta incerteza; ao escolher uma ou outra resposta, deixa-se o fantástico para se entrar num gênero vizinho, o estranho [com a explicação natural] ou o maravilhoso [com a explicação sobrenatural]. O fantástico é a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, face a um acontecimento aparentemente sobrenatural (Todorov, 2004, p. 30-31).

A proposta estruturalista de Todorov representou uma importante contribuição para a sistematização dos estudos sobre o fantástico, sobretudo por destacar o papel do leitor na percepção do acontecimento insólito. Entretanto, sua aplicação a determinadas narrativas modernas revela algumas limitações interpretativas, especialmente em textos nos quais o elemento extraordinário é rapidamente assimilado pelas personagens e incorporado ao universo ficcional sem a busca por explicações plausíveis.

Em *A Metamorfose*, por exemplo, o absurdo não exige uma racionalização prévia nem sustenta prolongadamente a hesitação que fundamenta a categoria todoroviana. O próprio Todorov reconhece o caráter singular da narrativa kafkiana ao afirmar:

Tomemos o texto mais célebre sem dúvida que se deixa incluir nesta categoria: ‘A Metamorfose’ de Kafka. O acontecimento sobrenatural é trazido aqui em toda a primeira frase do texto: ‘Uma manhã, ao sair de um sonho agitado, Gregório Samsa acordou transformado em seu leito num verdadeiro inseto’ (...). Há, na seqüência do texto, algumas breves indicações de uma possível hesitação. [...] Mas estas sucintas indicações de uma hesitação se afogam no movimento geral da narrativa, onde a coisa mais surpreendente é precisamente a ausência de surpresa diante deste acontecimento inaudito, exatamente como em ‘O Nariz’ de Gogol (‘nunca nos espantaremos o suficiente com esta falta de espanto’, dizia Camus a propósito de Kafka). (Todorov, 2004, p. 177).

Desse modo, embora a teoria todoroviana ofereça importantes subsídios para a compreensão do fantástico clássico, a especificidade da narrativa kafkiana parece demandar abordagens capazes de considerar outras formas de manifestação do insólito, sobretudo aquelas que deslocam o foco da hesitação para os efeitos de estranhamento produzidos no leitor contemporâneo.

1.6.2 O neofantástico em Roas

As limitações de determinadas abordagens estruturalistas motivaram David Roas a relativizar a hesitação como elemento indispensável para a constituição do fantástico contemporâneo. Para o autor, a experiência neofantástica decorre, sobretudo, da transgressão ontológica provocada pela irrupção do impossível em um universo reconhecível e regido pelas leis da realidade cotidiana.

Ao refletir sobre a força destabilizadora dessa vertente contemporânea, Roas afirma que o fantástico:

Nutre-se do real, é profundamente realista, porque sempre oferece uma transgressão dos parâmetros que regem a ideia de realidade do leitor. Para conseguir esse efeito, é necessário estabelecer, em primeiro lugar, uma identidade entre o mundo ficcional e a realidade extratextual. Mas não basta reproduzir no texto o funcionamento físico dessa realidade, que é condição indispensável para produzir o efeito de fantástico; é preciso que o espaço da ficção seja uma duplicação do âmbito cotidiano em que está situado o leitor. Ele deve reconhecer e se reconhecer no espaço representado pelo texto. Por isso o fantástico é inquietante, constitui uma subversão do nosso mundo (Roas, 2014, p. 24).

Nessa perspectiva, o neofantástico deixa de depender exclusivamente da hesitação e passa a operar como um mecanismo de perturbação das certezas que sustentam a experiência ordinária do sujeito. A transformação de Gregor Samsa, aceita pela narrativa sem explicações sobrenaturais ou científicas, aproxima-se dessa concepção ao inserir o impossível em um espaço reconhecível, marcado por relações familiares, obrigações laborais e expectativas sociais compartilhadas pelo leitor.

Assim, o neofantástico revela-se uma "maneira de afirmar o estranho no coração do reconhecível" (Roas, 2014, p. 77), funcionando não apenas como procedimento estético, mas também como estratégia de problematização das formas contemporâneas de exclusão, objetificação e desumanização.

1.6.3 O insólito e a construção do estranhamento

O estranhamento edifica-se sobre a intrusão agressiva do inexplicável em um universo aparentemente familiar. Seja pela intrusão da "brutal do mistério" apontada por Vax (1960, p. 17 apud ROAS, 2014, p. 75) ou pela "ruptura da ordem reconhecida" sublinhada por Caillois (1974, p. 13 apud ROAS, 2014, p. 75), o efeito produzido sobre o leitor decorre da desestabilização de referenciais que até então pareciam seguros e previsíveis.

Roas (2014) conclui de maneira elucidativa sobre a intencionalidade dessa agressão epistêmica nas ficções modernas:

[...] para que a história narrada seja considerada fantástica, deve-se criar um espaço similar ao que o leitor habita, um espaço que se verá assaltado pelo fenômeno que transtornará sua estabilidade. É por isso que o sobrenatural vai supor sempre uma ameaça à nossa realidade, que até esse momento acreditávamos governada por leis rigorosas e imutáveis. A narrativa fantástica põe o leitor diante do sobrenatural, mas não como evasão, e sim, muito pelo contrário, para interrogá-lo e fazê-lo perder a segurança diante do mundo real (Roas, 2014, p. 31).

Em *A Metamorfose*, o estranhamento não decorre apenas da metamorfose física de Gregor Samsa, mas sobretudo da naturalização progressiva de sua exclusão e da indiferença manifestada pelas personagens diante de sua condição. O insólito, portanto, deixa de funcionar como simples elemento de evasão para assumir uma dimensão crítica, capaz de mobilizar conflitos axiológicos e provocar deslocamentos interpretativos no leitor. Sob essa perspectiva, o estranhamento constitui

um importante ponto de convergência entre a poética kafkiana, a teoria do neofantástico e a proposta de leitura com ressignificação valorada desenvolvida nesta pesquisa.

1.7 Kafka e a poética do absurdo: uma estética da desumanização

A obra de Franz Kafka ocupa um lugar singular na literatura moderna por construir uma estética fundada na naturalização do absurdo e na representação das tensões produzidas pela racionalidade burocrática e utilitária da sociedade contemporânea. Em suas narrativas, situações aparentemente inconcebíveis são apresentadas com extrema sobriedade, produzindo um efeito de estranhamento que desloca o olhar do leitor para os mecanismos cotidianos de exclusão e objetificação do sujeito.

O pilar estético da obra kafkiana estrutura-se sobre a poética do absurdo para denunciar a descartabilidade humana na modernidade. Blanchot (2005, p. 112) pondera que Kafka “não busca explicar o absurdo, mas levá-lo até as últimas consequências, mostrando como a linguagem pode ser usada para silenciar, excluir e degradar o outro”. De forma complementar, Camus (2019) sustenta que o absurdo nasce do divórcio entre o ser humano e o mundo, quando este já não lhe oferece um horizonte de sentido e o sujeito passa a experimentar uma condição de estranhamento diante da própria existência.

Em *A Metamorfose*, a transformação de Gregor Samsa em um inseto não constitui apenas um acontecimento fantástico ou insólito, mas um recurso estético que potencializa a percepção do processo gradual de desumanização do indivíduo. A monstruosidade física do protagonista passa a funcionar como metáfora da perda de reconhecimento social, revelando que seu valor estava condicionado à capacidade de sustentar economicamente a família e desempenhar suas funções laborais.

Nesse sentido, Gregor, progressivamente esvaziado de voz, afeto e pertencimento, ilustra o ápice da alienação institucional e burocrática. A narrativa evidencia como as relações humanas podem ser submetidas à lógica da utilidade, convertendo sujeitos em peças substituíveis de um sistema econômico que privilegia a produtividade em detrimento da alteridade. A poética do absurdo, portanto, não opera como mero exercício estético, mas como um dispositivo crítico capaz de desestabilizar certezas, denunciar formas contemporâneas de violência simbólica e convocar o leitor a uma tomada de posição ética diante da condição do outro.

1.8 Análise dialógica de *A Metamorfose* com ressignificação valorada

A articulação de *A Metamorfose* à proposta de leitura com ressignificação valorada desenvolvida por Carvalho (2024a) permite evidenciar os mecanismos discursivos e ideológicos que sustentam o progressivo silenciamento de Gregor Samsa. Nessa perspectiva, a obra deixa de ser compreendida apenas como representação do absurdo para constituir-se em um espaço de disputa entre vozes, valores e posicionamentos sociais.

Sob a ótica do plano discursivo, percebe-se que "os signos não são neutros, visto que eles possuem a capacidade de reforçar ideias e crenças a fim de influenciar, orientar e determinar condutas" (Carvalho, 2024a, p. 68). O narrador aparentemente impassível contribui para expor como "o discurso do outro pode se tornar autoritário, impondo-se como verdade inquestionável, silenciando as demais vozes possíveis" (Bakhtin, 2011, p. 114), aspecto que dialoga diretamente com a compreensão de Carvalho (2024a, p. 68) acerca da linguagem como instrumento de "afirmação de sistemas de crenças apresentados como verdade".

No plano estético, a construção narrativa de Kafka intensifica os efeitos de estranhamento ao apresentar um acontecimento extraordinário por meio de uma linguagem objetiva e cotidiana. A naturalização gradual da metamorfose desloca a atenção do leitor do fenômeno físico para as reações sociais produzidas em torno do protagonista, evidenciando processos de exclusão, objetificação e perda de reconhecimento.

A linguagem burocrática empregada por determinadas personagens também contribui para a constituição desses efeitos. A fala do gerente — "O senhor não está desempenhando seus deveres profissionais de modo satisfatório" (Kafka, 2019, p. 22) — exemplifica a prevalência de uma racionalidade produtivista que reduz Gregor à condição de trabalhador útil, escancarando a violência simbólica inscrita nas relações sociais.

No plano ético, destaca-se o progressivo apagamento do protagonista, cujo ápice pode ser observado no descaso manifestado pela família diante de sua morte: "Pensaram que seria melhor se Gregor finalmente desaparecesse" (Kafka, 2019, p. 89). Diante desse processo de silenciamento, a ressignificação valorada exige do leitor um posicionamento responsivo capaz de problematizar os valores mobilizados pela narrativa.

Como ressalta Carvalho (2024a, p. 64), a compreensão ética "atua como um convite ao leitor a mergulhar no universo dos personagens, suas motivações, escolhas e as consequências éticas na relação com o outro". Trata-se de uma postura interpretativa que "permite captar não apenas as vozes que se manifestam diretamente no discurso, mas também as que estão latentes, silenciadas ou marginalizadas" (Carvalho, 2024a, p. 64).

Destarte, ao apreender que "a arte não está separada da vida, ela é, por essência, uma forma de atividade responsável" (Bakhtin, 2011, p. 182) — premissa ecoada por Carvalho ao afirmar que "a arte não pode se desligar da vida e se tornar uma realidade paralela e autônoma [...] a arte responde a vida e a arte é respondida pela vida" (Carvalho, 2024a, p. 60) —, a leitura de *A Metamorfose* consolida-se não apenas como objeto de investigação acadêmica, mas também como uma prática formativa capaz de promover o engajamento ético do leitor e favorecer a construção de relações mais sensíveis com a alteridade.

2 METODOLOGIA

Esta pesquisa adotou ²o estudo de caso como abordagem metodológica, com o objetivo de investigar, em profundidade, a aplicação da leitura dialógica com ressignificação valorada em um contexto escolar específico, tendo como corpus literário a obra *A Metamorfose*, de Franz Kafka. Segundo Yin (2015), o estudo de caso mostra-se apropriado quando se pretende explorar fenômenos complexos inseridos em contextos reais, sobretudo quando os limites entre o objeto investigado e o ambiente em que ele se manifesta não se encontram claramente delimitados. Tratou-se, portanto, de uma escolha metodológica coerente com os objetivos desta investigação, que buscou articular pressupostos teóricos e práticas pedagógicas voltadas à formação de leitores críticos e responsivos.

A pesquisa foi desenvolvida com estudantes do primeiro ano do Ensino Médio do Colégio Eduardo Silveira, localizado no município de Itabaiana/SE³, em uma turma composta por

² É importante pontuar que, embora a pesquisa envolva uma intervenção pedagógica direta, ela se caracteriza estruturalmente como um estudo de caso (YIN, 2015), e não como pesquisa-ação, uma vez que o escopo primário não é a resolução de um problema estrutural da instituição, mas a compreensão aprofundada de um fenômeno específico (a produção de sentidos e a ressignificação valorada) dentro de um contexto delimitado.

³ O Colégio Estadual Eduardo Silveira é uma instituição da rede pública de ensino, localizada no município de Itabaiana/SE. O perfil sociodemográfico da turma caracteriza-se, majoritariamente, por estudantes oriundos de classes populares, residentes em bairros periféricos e pertencentes a famílias de trabalhadores do comércio local. Essa

aproximadamente quarenta alunos. A escolha desse grupo justifica-se pela etapa de consolidação das práticas de leitura em que os participantes se encontram, bem como pela possibilidade de acompanhar, em um contexto escolar concreto, os efeitos produzidos por uma proposta de leitura fundamentada na perspectiva dialógica da linguagem e na ressignificação valorada.

A investigação possui natureza qualitativa e caráter interpretativo, conforme defendem Denzin e Lincoln (2006), partindo do pressuposto de que o conhecimento não se apresenta como neutro ou estritamente objetivo, mas é construído nas interações entre sujeitos historicamente situados. Nesse sentido, buscou-se compreender os sentidos produzidos pelos estudantes durante a leitura de *A Metamorfose*, observando os deslocamentos interpretativos, os embates axiológicos e as respostas responsivas manifestadas ao longo das atividades propostas.

O percurso metodológico organizou-se em três fases complementares:

- A primeira fase, de caráter teórico, consistiu na seleção, estudo e sistematização dos referenciais que sustentam a abordagem dialógica do discurso, a proposta de leitura com ressignificação valorada e as categorias analíticas bakhtinianas, especialmente os planos discursivo, estético e ético, conforme desenvolvidos por Carvalho (2024a). Essa etapa possibilitou a elaboração de uma matriz analítica destinada à interpretação das interações leitoras observadas durante a intervenção pedagógica.
- A segunda fase correspondeu à implementação da proposta didática em sala de aula, por meio de uma oficina de leitura crítica da obra *A Metamorfose*, em sua versão integral, articulada a outras linguagens e gêneros discursivos, como reportagens jornalísticas e a canção *Uma barata chamada Kafka*, da banda Inimigos do Rei (1989). A oficina foi estruturada em aproximadamente doze encontros, contemplando atividades voltadas à análise dialógica da narrativa, à identificação das vozes discursivas presentes no texto e à problematização dos valores ideológicos mobilizados pela obra. Durante a realização da oficina, as interações verbais dos estudantes foram registradas por meio de gravações em áudio, mediante autorização

contextualização é metodologicamente relevante, uma vez que, segundo a perspectiva qualitativa e interpretativa de Denzin e Lincoln (2006), o ambiente sociocultural e as vivências reais dos sujeitos constituem o horizonte axiológico a partir do qual ocorre a compreensão ativa, permitindo-lhes ressignificar eticamente as tensões ideológicas e de exclusão presentes na narrativa de Kafka.

prévia dos participantes e de seus responsáveis legais, possibilitando a análise das interpretações produzidas, das resistências manifestadas e das aproximações estabelecidas entre os discursos literários e as experiências socioculturais dos leitores.

- A terceira fase foi dedicada à constituição e análise do corpus empírico, composto pelos registros das discussões desenvolvidas durante a oficina e pelas produções escritas elaboradas pelos estudantes. A interpretação dos dados foi conduzida a partir dos três planos analíticos adotados nesta pesquisa: o plano discursivo, voltado para a observação das relações entre as vozes presentes na obra e nas falas dos alunos; o plano estético, destinado à investigação das percepções dos participantes acerca das escolhas narrativas e expressivas de Kafka; e o plano ético, direcionado à identificação dos posicionamentos axiológicos construídos pelos leitores, especialmente no que se refere às questões de exclusão, alteridade e desumanização representadas na trajetória de Gregor Samsa.

Como produto educacional vinculado ao PROFLETRAS, foi elaborado um caderno de atividades pedagógicas⁴ contendo os textos utilizados na oficina, propostas de questões, orientações para mediação docente, sugestões de encaminhamentos interpretativos e conceitos fundamentais relacionados à abordagem dialógica da leitura literária. Esse material atuou simultaneamente como instrumento de intervenção pedagógica, suporte metodológico e mecanismo de sistematização dos resultados obtidos.

A análise dos dados seguiu uma orientação interpretativa fundamentada na perspectiva bakhtiniana da linguagem, considerando que, conforme Bakhtin (2011), “o enunciado é sempre uma resposta a outros enunciados, anteriores ou pressupostos” (p. 112). Desse modo, as manifestações discursivas dos estudantes foram compreendidas como respostas socialmente situadas, produzidas em diálogo com os discursos presentes na obra, com as interações desenvolvidas em sala de aula e com as experiências históricas e culturais dos sujeitos envolvidos.

⁴ Foi também produzido um caderno de atividades pedagógico, contendo os textos trabalhados, as perguntas formuladas para a oficina, sugestões de respostas e conceitos fundamentais para auxiliar na compreensão dos alunos. Esse material serviu tanto como suporte metodológico quanto como instrumento de registro e sistematização dos resultados...

Ao adotar o estudo de caso como estratégia metodológica e desenvolver uma intervenção pedagógica pautada na compreensão ativa e na ressignificação valorada, esta pesquisa buscou compreender as potencialidades da leitura literária como prática de formação crítica, privilegiando a escuta das vozes estudantis, a qualidade das interações estabelecidas e a construção compartilhada de sentidos.

2.1 Limitações da pesquisa

Toda investigação apresenta limites inerentes às escolhas metodológicas realizadas, os quais precisam ser explicitados para uma compreensão mais precisa do alcance dos resultados produzidos. Nesse sentido, a presente pesquisa possui algumas limitações que devem ser consideradas na interpretação dos dados.

Em primeiro lugar, a investigação foi desenvolvida com uma única turma do 1º ano do Ensino Médio de uma escola pública, circunscrevendo-se a um contexto escolar específico. Em pesquisas de natureza qualitativa, como esta, não se busca a generalização estatística dos resultados, mas a compreensão aprofundada de fenômenos situados. Assim, as interpretações produzidas podem contribuir para reflexões em contextos semelhantes, sem pretensão de serem automaticamente transferíveis para outras realidades educacionais marcadas por diferentes condições socioculturais.

Outra limitação refere-se à temporalidade da intervenção pedagógica. A oficina foi realizada ao longo de aproximadamente doze encontros, período que possibilitou acompanhar processos de construção de sentidos e manifestações responsivas dos estudantes, mas que pode não ter sido suficiente para consolidar plenamente determinadas competências interpretativas ou para aprofundar, de maneira mais sistemática, a mobilização das categorias discursivas, estéticas e éticas propostas pelo referencial teórico adotado.

Além disso, a abordagem desenvolvida demandou dos participantes um considerável nível de abstração para compreender e mobilizar conceitos oriundos do pensamento do Círculo de Bakhtin e da proposta de leitura com ressignificação valorada de Carvalho (2024a), o que pode ter ocasionado diferentes níveis de apropriação teórica entre os estudantes.

A natureza qualitativa e interpretativa do estudo também pressupõe a participação ativa do pesquisador no processo de análise, de modo que a interpretação dos dados esteve relacionada ao

percurso formativo, às escolhas analíticas e ao posicionamento teórico assumido nesta investigação. Do mesmo modo, a efetividade da proposta esteve vinculada ao grau de engajamento dos estudantes nas atividades de leitura, discussão e produção de respostas durante a oficina.

Por fim, a pesquisa não contemplou um acompanhamento longitudinal dos participantes após a conclusão da intervenção, impossibilitando a avaliação de possíveis impactos duradouros da proposta sobre a formação leitora dos estudantes e sobre a manutenção de práticas de leitura responsivas ao longo do tempo.

2.2 Considerações éticas da metodologia

O estudo foi desenvolvido em ambiente escolar e teve como foco a observação, a escuta e a análise das respostas responsivas dos estudantes durante a realização da oficina de leitura, respeitando os princípios éticos estabelecidos pela Resolução nº 510/2016 ⁵do Conselho Nacional de Saúde, que dispõe sobre pesquisas em Ciências Humanas e Sociais.

Foram assegurados aos participantes os direitos à autonomia, ao consentimento livre e esclarecido, à privacidade, ao anonimato e à confidencialidade das informações produzidas durante a pesquisa. Antes do início da intervenção pedagógica, os responsáveis legais pelos estudantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), no qual foram explicitados os objetivos da investigação, os procedimentos adotados, os possíveis riscos e benefícios, bem como a garantia de participação voluntária e da possibilidade de desistência a qualquer momento, sem prejuízo aos participantes.

Os estudantes também assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), elaborado em linguagem acessível, assegurando a compreensão acerca dos propósitos da pesquisa e reconhecendo-os como sujeitos participantes do processo investigativo.

Com o intuito de preservar a identidade dos colaboradores, os nomes dos estudantes foram substituídos por códigos alfanuméricos ou pseudônimos⁶ nas transcrições, análises e demais registros apresentados neste trabalho. Os arquivos de áudio produzidos durante a oficina foram

⁵ A Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016, é o marco regulatório específico para pesquisas em Ciências Humanas e Sociais no Brasil, reconhecendo as particularidades, os riscos diferenciados e a natureza da relação entre pesquisador e participante nessas áreas, em contraposição às normas de pesquisas estritamente biomédicas.

⁶ Os nomes empregados ao longo deste trabalho são pseudônimos adotados exclusivamente para preservar a identidade dos participantes da pesquisa, garantindo o anonimato e a confidencialidade das informações, em conformidade com as normas éticas vigentes e com a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa.

armazenados em ambiente seguro e utilizados exclusivamente para fins acadêmicos relacionados a esta investigação.

Além disso, foram adotadas medidas pedagógicas voltadas à construção de um ambiente de diálogo respeitoso e acolhedor, considerando as especificidades socioculturais dos participantes e favorecendo práticas de escuta e responsividade alinhadas à perspectiva bakhtiniana da responsabilidade ética nas relações humanas.

Todos os procedimentos foram submetidos à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Sergipe (UFS), sendo aprovados sob o protocolo CAAE nº 95026125.5.0000.0383 e Parecer Consubstanciado nº 8.506.273, cuja autorização constituiu condição indispensável para o início da coleta de dados.

2.3. Conclusão da Metodologia

A metodologia delineada nesta pesquisa fundamentou-se nos pressupostos do dialogismo bakhtiniano e na proposta de leitura com ressignificação valorada desenvolvida por Carvalho (2024a). A realização da oficina de leitura possibilitou a constituição de um espaço interpretativo pautado pela escuta ativa, pela responsividade e pela valorização das múltiplas vozes mobilizadas pela leitura de *A Metamorfose*. A estrutura da intervenção contemplou os três planos analíticos — discursivo, estético e ético —, oferecendo atividades que favoreceram a problematização do insólito kafkiano, a construção compartilhada de sentidos e o posicionamento valorativo dos estudantes diante das questões suscitadas pela narrativa.

A combinação entre a observação das interações verbais, a análise das produções escritas e os registros realizados no diário de campo permitiu uma compreensão mais abrangente dos efeitos produzidos pela abordagem dialógica da leitura literária. A gravação dos encontros, o acompanhamento sistemático das respostas dos participantes e a elaboração do caderno de atividades pedagógicas contribuíram significativamente para a constituição do corpus empírico e para a organização de procedimentos analíticos coerentes com os objetivos da investigação.

Dessa forma, a metodologia adotada mostrou-se adequada para investigar as potencialidades da leitura com ressignificação valorada na formação de leitores críticos, permitindo compreender como os estudantes negociam sentidos, reelaboram posicionamentos axiológicos e estabelecem relações entre a experiência estética, os discursos sociais e suas próprias vivências.

Além disso, o percurso metodológico possibilitou a produção de um material didático passível de adaptação e utilização em outros contextos escolares, reforçando o caráter aplicado e interventivo desta pesquisa no âmbito do PROFLETRAS.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este capítulo apresenta a análise e a discussão dos dados produzidos durante os doze encontros da oficina de leitura desenvolvida com estudantes⁷ do primeiro ano do Ensino Médio. O corpus empírico é constituído pelas gravações em áudio das interações realizadas em sala de aula (organizadas em quadros de diálogos), pelas produções escritas finais elaboradas pelos participantes e pelos materiais construídos ao longo da intervenção pedagógica.

A análise encontra-se metodologicamente ancorada na perspectiva dialógica da linguagem proposta pelo Círculo de Bakhtin e orientada pela abordagem de leitura com ressignificação valorada desenvolvida por Carvalho (2024a). Para a interpretação dos dados, adotaram-se como categorias analíticas os planos cognitivo, discursivo, estético e ético, compreendidos como dimensões interdependentes e mobilizadas ao longo das etapas da leitura.

O objetivo desta etapa consiste em compreender de que modo a progressão didática multimodal, estruturada a partir da leitura da obra *A Metamorfose* e articulada a outros gêneros discursivos, como reportagens e canções, favoreceu processos de compreensão ativa, mobilização axiológica e produção de respostas responsivas por parte dos estudantes. Busca-se identificar não apenas os sentidos explicitamente formulados pelos participantes, mas também os movimentos de negociação, tensionamento ideológico e reelaboração de valores suscitados pelo contato com a narrativa kafkiana.

A fim de refletir com fidelidade o percurso da pesquisa-intervenção, a discussão dos resultados está organizada de forma cronológica, acompanhando a progressão didática da oficina literária aplicada. A primeira seção (5.1) focaliza a sensibilização e a construção das expectativas de leitura a partir da observação da capa da obra. Em seguida, a análise percorre sete Unidades Temáticas (seções 5.2 a 5.8), investigando gradativamente os episódios selecionados de *A*

⁷ Para preservar a identidade dos estudantes e garantir o sigilo assegurado pelo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e pelo Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), todos os nomes reais apresentados nos quadros de diálogo e nas produções textuais deste capítulo foram substituídos por pseudônimos ou códigos alfanuméricos (ex: Aluno 1, Aluno 2), em estrita conformidade com as diretrizes do Comitê de Ética em Pesquisa da UFS (CAAE nº 95026125.5.0000.0383 e Parecer nº 8.506.273).

Metamorfose. Em cada uma dessas unidades, os planos cognitivo, discursivo, estético e ético são mobilizados de maneira articulada, evidenciando como os estudantes construíram posicionamentos críticos diante de temas como utilitarismo, exclusão, vigilância no trabalho e desumanização.

A seção 5.9 dedica-se à Produção Responsiva Final, examinando os textos produzidos pelos participantes e discutindo em que medida a escrita funcionou como um enunciado responsivo, capaz de evidenciar deslocamentos interpretativos e posicionamentos axiológicos construídos ao longo da oficina. Por fim, a seção 5.10 apresenta a avaliação das atividades realizadas, sintetizando os principais achados da pesquisa e discutindo as contribuições da transposição didática dos pressupostos dialógicos para a formação de leitores críticos no Ensino Médio.

3.1 Sensibilização e Leitura da Capa

Iniciando a oficina literária, a professora-pesquisadora propôs uma atividade prévia de leitura subjetiva e semiótica da capa da obra *A Metamorfose*, antes do contato direto com o texto escrito. O objetivo foi mobilizar a análise dos elementos visuais como signos ideológicos e considerar a distinção teórica entre *autor-pessoa* e *autor-criador*. A seguir, apresenta-se o quadro com os enunciados que demonstram as expectativas de leitura geradas.

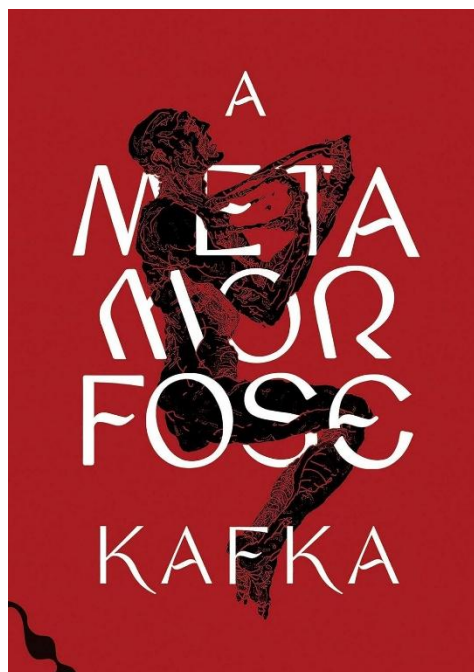


Imagem da Capa do livro

Fonte: <https://www.amazon.com.br/Metamorfose-Edi%C3%A7%C3%A3o-Exclusiva-Amazon-ebook/dp/B07RWCTY1V>

Quadro 1 – Diálogo sobre a leitura da capa e as sensações visuais

Interlocutor	Fala/Resposta
Professora-pesquisadora	Olhando a imagem da capa, o que tem? O que vocês identificam? Quais são os elementos individuais que compõem a capa? E quais são as cores que predominam?
Alunos (Resposta 1)	A imagem do homem.
Alunos (Resposta 2)	O inseto.
Alunos (Resposta 3)	Vermelho.
Professora-pesquisadora	O vermelho, por exemplo, o que ele representa para a gente? Que sensações ou sentimentos o uso do vermelho provoca em vocês nesse contexto?
Alunos (Resposta 4)	Ódio, sangue, raiva.
Professora-pesquisadora	Como você interpreta a relação entre a figura humana e a figura do inseto?
Alunos (Resposta 5)	Confronto.
Alunos (Resposta 6)	Pode ser transformação.
Professora-pesquisadora	Dos aspectos da vida de Kafka — pressão no trabalho, cobranças familiares e sentimento de inadequação — quais vocês acham que são mais comuns na vida das pessoas hoje em dia?
Alunos (Resposta 7)	A cobrança familiar e no trabalho.

Fonte: Elaborado pela autora a partir das interações realizadas durante a oficina literária (2026).

A análise do Quadro 1 evidencia que a mediação da professora-pesquisadora foi fundamental para ativar os conhecimentos prévios dos estudantes e prepará-los para a atmosfera insólita da obra. Ao questionar as sensações provocadas pelas cores e formas da capa, a docente

estimulou a compreensão ativa dos alunos, favorecendo a construção de um horizonte inicial de expectativas acerca da narrativa kafkiana. A interpretação das cores (vermelho associado a “ódio, sangue, raiva”) e das imagens (“confronto” e “transformação”) reflete a capacidade dos discentes de ler as imagens como signos carregados de emoção, tensão social e posicionamentos valorativos.

Do ponto de vista teórico-discursivo, fundamentado no Círculo de Bakhtin, essa etapa inicial permitiu aos educandos o contato com o conceito de signo ideológico, segundo o qual até mesmo a representação visual presente na capa de um livro absorve e refrata os conflitos da realidade social. Essa percepção corrobora o pensamento de Volóchinov (2017, p. 167), para quem “a linguagem não é transparente: ela é arena de conflito”. Assim, as respostas produzidas pelos estudantes podem ser compreendidas como enunciados concretos elaborados em uma situação específica de interação verbal, atravessados por experiências socioculturais, memórias discursivas e acentos valorativos. Conforme afirma Bakhtin (2011, p. 324), a palavra nunca se apresenta destituída de valor, estando sempre orientada para determinadas posições axiológicas e para a relação com o outro.

A constatação dos alunos de que a relação entre o homem e o inseto na imagem seria de “confronto” revela um engajamento responsivo que antecipa tensões centrais da obra de Kafka, como a exclusão, a desumanização e a perda do pertencimento social. Mais do que identificar elementos visuais isolados, os estudantes passaram a atribuir sentidos aos signos apresentados, produzindo aquilo que Bakhtin (2011, p. 271) denomina de compreensão ativamente responsiva, uma vez que não apenas reconheceram os elementos da capa, mas dialogaram com eles, elaborando uma espécie de contrapalavra ainda antes do contato efetivo com o texto literário.

Além disso, nota-se o êxito da transposição didática das concepções bakhtinianas ao se discutir as figuras do *autor-pessoa* e do *autor-criador*. A mediação conduziu os alunos a uma ressignificação valorada, fazendo com que estabelecessem relações dialógicas entre os dilemas vivenciados por Kafka no início do século XX e os seus próprios contextos contemporâneos. Ao reconhecerem que as “cobranças familiares” e a “pressão no trabalho” são realidades comuns na atualidade, os estudantes demonstraram assumir uma postura ética diante da obra, evidenciando que a literatura não é apenas o reflexo da vida de um autor, mas a reelaboração estética de experiências humanas historicamente situadas, capazes de dialogar com diferentes tempos, sujeitos e contextos sociais. Dessa maneira, a atividade de sensibilização cumpriu não apenas a função de despertar o interesse pela leitura, mas também de instaurar um espaço efetivamente dialógico, no

qual começaram a emergir posicionamentos axiológicos que seriam aprofundados ao longo da oficina literária.

3.2 Unidade Temática I: Estranhamento Inaugural e Condição Humana

Dando continuidade à oficina literária, adentra-se a Unidade Temática I, que explora o Trecho 1 da obra literária *A Metamorfose*. Neste momento, a professora-pesquisadora conduziu a leitura do despertar de Gregor Samsa, já metamorfoseado em inseto, tomando esse episódio inaugural como eixo de entrada na narrativa. O objetivo da mediação foi investigar como os educandos reagem à quebra de expectativa narrativa e ao elemento insólito — entendido aqui como a irrupção do extraordinário no cotidiano —, estimulando uma postura analítica diante das escolhas estéticas do autor-criador.

Sob essa perspectiva, buscou-se observar as primeiras formas de compreensão ativa dos estudantes diante de um enunciado literário que rompe com a lógica realista convencional. A seguir, apresenta-se o quadro com os enunciados que demonstram as reflexões geradas.

Quadro 2 – Diálogo sobre o despertar de Gregor e o estranhamento narrativo

Interlocutor	Fala/Resposta
Professora-pesquisadora	Como a descrição minuciosa do corpo transformado transforma o absurdo em algo quase natural aos olhos do leitor?
Aluno (Resposta 1)	A descrição detalhada faz a gente passar a ser um observador. Pelas características na narrativa, a gente imagina como é o inseto. Isso, claro, continua sendo uma situação absurda, mas, ao mesmo tempo, a gente entra na cena mais convencido, porque a gente sabe como acontece.
Professora-pesquisadora	Por que o narrador não oferece explicações para a metamorfose? Como o narrador não explica como aconteceu?
Aluno (Resposta 2)	O narrador não explica a metamorfose porque o foco do livro não é descobrir a causa de como ele se transformou, e sim as consequências que isso trouxe para a vida dele, para a vida de Gregor. Essa escolha também mantém muito mistério.
Professora-pesquisadora	O que revela o fato de Gregor se preocupar em compreender a situação e não se desesperar?

Aluno (Resposta 3)	O fato de ele tentar entender a situação e não surtar mostra que ele sabe lidar com as situações de forma prática e racional, mesmo diante de algo que parece impossível.
Professora-pesquisadora	De que modo o estranhamento inicial convida o leitor a suspender julgamentos imediatos?
Aluno (Resposta 4)	O estranhamento faz com que o leitor deixe de fazer julgamentos imediatos e comece a refletir sobre temas mais profundos, como exclusão e identidade. Ele deixa de olhar só para a aparência. Ao invés de julgar porque ele virou um inseto, o texto quer mostrar para a gente como isso vai afetar a vida dele.

Fonte: Elaborado pela autora a partir das interações realizadas durante a oficina literária (2026).

A análise do Quadro 2 revela que a mediação da professora-pesquisadora foi essencial para deslocar o foco dos alunos da simples literalidade narrativa (o inseto em si) para a intencionalidade estética e discursiva do texto literário. Ao problematizar a ausência de explicações e a reação excessivamente pragmática do protagonista diante do absurdo, a docente fomentou um ambiente dialógico em que o texto não é apenas lido, mas ativamente interrogado, permitindo que seus efeitos de sentido fossem gradualmente desvelados. Essa prática mediadora corrobora a proposta de formação de leitores críticos, não no sentido de impor interpretações, mas de orientar o grupo na compreensão da organização interna da obra e de suas estratégias de construção.

Do ponto de vista cognitivo, as interações evidenciam uma compreensão ativa consistente por parte dos alunos. Eles foram capazes de identificar a quebra de expectativa literária e compreender o funcionamento do elemento insólito na narrativa. A percepção de que a descrição minuciosa contribui para a aceitação do absurdo (Resposta 1) e de que o silêncio do narrador sobre as causas da mutação desloca a atenção para suas consequências sociais (Resposta 2) demonstra que os estudantes se apropriaram das estratégias do autor-criador. Assim, assumem um papel responsivo, assimilando ativamente o pacto ficcional proposto e reorganizando suas expectativas de leitura, em consonância com a noção bakhtiniana de que “toda compreensão plena real é ativamente responsiva” (Bakhtin, 2011, p. 271).

Na dimensão ético-discursiva, destaca-se a ressignificação valorada construída pelos educandos. Ao analisarem a ausência de desespero em Gregor (Resposta 3) e o movimento de suspensão de julgamentos (Resposta 4), os alunos não se restringem ao plano da narrativa, mas

elaboram um posicionamento axiológico diante das relações humanas ali implicadas. Essa atitude dialoga com a concepção do neofantástico formulada por Roas (2014, p. 24), entendido como uma estética que “nutre-se do real” e “constitui uma subversão do nosso mundo”. Nesse sentido, a metamorfose de Gregor é compreendida como um signo ideológico que refrata problemáticas mais amplas e universais, sobretudo aquelas ligadas à desumanização e à fragilização do reconhecimento do sujeito na vida social contemporânea. Evidencia-se, assim, a eficácia da transposição didática ao mobilizar o estranhamento como via de problematização crítica da realidade.

3.2.1 O Espaço Doméstico e a Identidade Laboral no Cotidiano Insólito

Após o impacto inicial da metamorfose, a professora-pesquisadora conduziu a turma à análise do espaço físico ao redor de Gregor Samsa (Trecho 2). O foco da mediação foi explorar como o ambiente do quarto e os objetos pessoais do personagem refletem as normas sociais e a sua identidade, sendo compreendidos como possíveis signos ideológicos. A seguir, apresenta-se o quadro com o diálogo estabelecido, evidenciando como os educandos perceberam o choque entre a normalidade e o absurdo.

Quadro 3 – Diálogo sobre o quarto, a profissão e o espaço doméstico

Interlocutor	Fala/Resposta
Professora-pesquisadora	Que elementos do quarto reforçam a ideia de normalidade apesar da situação absurda?
Aluno (Resposta 1)	Os elementos do quarto que reforçam a ideia de normalidade são os móveis organizados, a mesa com o mostruário de tecidos e o ambiente silencioso e comum. Mesmo após a metamorfose, o quarto continua parecido com o de uma pessoa comum, criando um contraste com a situação absurda.
Professora-pesquisadora	Que discurso social emerge quando o narrador destaca a profissão de Gregor e o mostruário de tecidos?
Aluno (Resposta 2)	O discurso social que emerge é o da valorização do trabalho e da produtividade. A profissão de Gregor, como caixeiro-viajante, e os tecidos mostram como sua vida era centrada no trabalho e nas obrigações.
Professora-pesquisadora	De que maneira o espaço doméstico contribui para que o leitor perceba que o insólito invade o cotidiano?

Aluno (Resposta 3)	O espaço doméstico contribui para o insólito porque o ambiente comum e familiar passa a abrigar algo estranho e absurdo. Isso faz o leitor perceber como o extraordinário invade a rotina cotidiana.
-----------------------	--

Fonte: Elaborado pela autora a partir das interações realizadas durante a oficina literária (2026).

A análise do Quadro 3 revela que a mediação docente foi fundamental ao direcionar o olhar dos alunos para os detalhes do cenário (os móveis, a disposição do quarto e o mostruário de tecidos), permitindo que a literatura fosse lida não apenas em seu enredo, mas também em sua constituição material, simbólica e discursiva. Nesse movimento, o espaço doméstico passa a ser compreendido como elemento atravessado por valores sociais que dialogam diretamente com a identidade laboral do protagonista.

Na perspectiva cognitiva, os alunos revelaram uma compreensão ativa consistente ao identificar que o quarto, apesar da metamorfose, mantém elementos de normalidade que intensificam o estranhamento da obra. Já na dimensão discursiva, fundamentada no Círculo de Bakhtin, a resposta dos alunos sobre a “valorização do trabalho e da produtividade” (Resposta 2) evidencia que eles apreenderam a profissão de Gregor como um signo ideológico. Nesse sentido, compreendem que, na sociedade representada pela obra, o sujeito é definido majoritariamente por sua utilidade e por suas obrigações, o que reforça um posicionamento crítico sobre as formas de reconhecimento social no contexto do trabalho.

3.2.2 A Metáfora do Esgotamento Social e a Pressão Produtiva

Aprofundando as relações entre trabalho, produtividade e valor social do sujeito, a oficina literária prosseguiu com a análise das reflexões internas de Gregor Samsa sobre sua profissão (Trecho 3). A mediação buscou estimular os estudantes a estabelecerem relações dialógicas entre o esgotamento físico e emocional do protagonista e as exigências impostas pelas dinâmicas laborais contemporâneas, favorecendo a construção de posicionamentos críticos acerca das pressões sociais vinculadas ao desempenho, à utilidade e ao reconhecimento individual.

Quadro 4 – Diálogo sobre o esgotamento no trabalho e a exclusão social

Interlocutor	Fala/Resposta
Professora-pesquisadora	Que discurso sobre o trabalho e produtividade se manifesta no pensamento de Gregor?
Aluno (Resposta 1)	O discurso mostra que o trabalho de Gregor é cansativo, repetitivo e feito apenas para sustentar sua família, mesmo sem satisfação pessoal.
Professora-pesquisadora	Onde se vê o cansaço emocional e afetivo do personagem?
Aluno (Resposta 2)	O cansaço de Gregor se vê quando ele demonstra seu desânimo, seu sofrimento e a falta de afeto pela rotina do dia a dia do trabalho.
Professora-pesquisadora	Como esse trecho dialoga com experiências contemporâneas de exploração do trabalho?
Aluno (Resposta 3)	O trecho dialoga com situações atuais de pessoas que enfrentam excesso de trabalho, pressão, estresse e desgaste emocional para manter a sobrevivência de sua família. Por exemplo: alguém é mãe e tem seus filhos, os filhos são menores, ela tem que trabalhar o dia inteiro, passa desgaste e trabalha só para conseguir dar o de comer para seus filhos.
Professora-pesquisadora	Em que sentido a metamorfose pode ser lida como metáfora de um corpo já esgotado socialmente?
Aluno (Resposta 4)	Ela pode ser vista como metáfora da exclusão e da desumanização do trabalhador da sociedade, que atualmente é o que a gente mais vê.

Fonte: Elaborado pela autora a partir das interações realizadas durante a oficina literária (2026).

Os enunciados dos alunos, apresentados no Quadro 4, revelam a eficácia da transposição didática das concepções do Círculo de Bakhtin, em especial no que tange ao princípio dialógico. A mediação docente provocou o cruzamento entre o texto literário do século XX e o “mundo da vida” dos estudantes, favorecendo a ampliação das relações de sentido entre a experiência ficcional e as vivências sociais concretas.

O ápice desta etapa ocorreu por meio da ressignificação valorada, quando um discente correlacionou o desgaste de Gregor com a realidade de uma mãe trabalhadora submetida ao estresse e ao desgaste emocional para sustentar os filhos (Resposta 3). Ao construir essa analogia, os alunos não apenas compreenderam a situação narrada, mas também assumiram um posicionamento ético diante das formas contemporâneas de exploração do trabalho, evidenciando uma leitura atravessada por valores sociais e experiências do cotidiano.

Além disso, os estudantes evidenciaram a apreensão da dimensão estética e social da obra ao interpretarem a metamorfose não como simples fantasia, mas como metáfora da desumanização do indivíduo que, exaurido pelas exigências produtivas, passa a ser reconhecido apenas por sua força de produção (Resposta 4). Esse deslocamento interpretativo confirma a consolidação de uma leitura responsiva, na qual a literatura deixa de ser apenas objeto de decodificação e se torna espaço de reflexão crítica sobre as tensões e desigualdades presentes na realidade social contemporânea.

3.2.3 A Perda da Voz e o Silenciamento

Dando sequência à oficina, a professora-pesquisadora direcionou a leitura para o momento em que a voz de Gregor Samsa sofre alteração e deixa de ser compreendida pela família (Trecho 4). O intuito da mediação foi explorar o silenciamento como forma de exclusão social e a recusa do outro em escutar o sujeito marginalizado. A seguir, apresenta-se o quadro com os enunciados produzidos nesse debate.

Quadro 5 – Diálogo sobre a alteração da voz e a recusa da escuta

Interlocutor	Fala/Resposta
Professora-pesquisadora	O que simbolizava a alteração da voz de Gregor no processo de comunicação?
Aluno (Resposta 1)	A alteração da voz de Gregor simbolizava a dificuldade de se comunicar e de ser compreendido pelos outros.
Professora-pesquisadora	A família escuta Gregor ou apenas reage àquilo que vê?
Aluno (Resposta 2)	A família não escuta de verdade Gregor, porque a aparência dele chama mais atenção. Eles sentem medo, em vez de tentar compreendê-lo. A aparência de inseto dele chamava a atenção.
Professora-pesquisadora	Quem são hoje os sujeitos cuja voz é considerada estranha ou incompreensível?
Aluno (Resposta 3)	Hoje podem ser pessoas excluídas ou discriminadas, como quem pensa diferente. Pessoas pobres, grupos que às vezes são ignorados.

Fonte: Elaborado pela autora a partir das interações realizadas durante a oficina literária (2026).

A análise do Quadro 5 demonstra como a mediação docente foi crucial para deslocar o olhar dos alunos do fenômeno biológico — a voz de inseto — para o fenômeno social — quem tem o direito de ser ouvido e reconhecido como sujeito. Ao questionar se a família “escuta ou apenas reage”, a professora instigou a turma a perceber a fragilidade da interação verbal e o peso da aparência na validação do outro, evidenciando como a escuta pode ser substituída por um julgamento imediato pautado no visível.

Do ponto de vista cognitivo, os discentes revelaram uma compreensão ativa ao constatar que a perda da voz humana implica, simbolicamente, a perda do status de sujeito. A percepção de que a família reage predominantemente ao aspecto visual da metamorfose e ignora a tentativa de diálogo de Gregor (Resposta 2) evidencia que os estudantes compreenderam a lógica do preconceito representada na obra, na qual a possibilidade de reconhecimento do outro é bloqueada pela recusa da escuta e pela centralidade da aparência.

Na dimensão discursiva e ética, fundamentada no Círculo de Bakhtin, observa-se um expressivo movimento de resignificação valorada quando os alunos correlacionam o silenciamento de Gregor a grupos socialmente marginalizados na contemporaneidade. Ao mencionarem pessoas excluídas, discriminadas, pobres e outros grupos frequentemente ignorados pela sociedade (Resposta 3), os educandos extrapolam os limites da narrativa e assumem um posicionamento axiológico diante das dinâmicas de poder e exclusão. Nesse sentido, o texto kafkiano atua como um *signo ideológico* que possibilita refletir sobre as condições de fala, escuta e reconhecimento nas relações sociais, evidenciando como determinadas vozes são sistematicamente tornadas inaudíveis no espaço social.

3.2.4 A Autoacusação e a Utilidade do Corpo

Para finalizar a Unidade Temática I, a oficina explorou o Trecho 5, no qual Gregor, mesmo transformado em inseto e incapaz de controlar o próprio corpo, culpa a si mesmo por não conseguir levantar para trabalhar. O foco da mediação esteve em evidenciar a opressão internalizada, a relação entre identidade e produtividade e os processos de mercantilização do sujeito. A seguir, apresenta-se o quadro com os enunciados produzidos durante essa discussão.

Quadro 6 – Diálogo sobre a autoacusação e o corpo produtivo

Interlocutor	Fala/Resposta
Professora-pesquisadora	O que revela a autoacusação de Gregor diante da própria limitação física?
Aluno (Resposta 1)	Gregor se mostra culpado e inútil. Ele se cobra por não conseguir cumprir suas funções, como seu trabalho, como conseguir ajudar sua família.
Professora-pesquisadora	Como o sofrimento corporal se articula ao sofrimento psicológico?
Aluno (Resposta 2)	Como ele não conseguia se levantar, não conseguia cumprir suas funções... A gente vive com um pouco de Gregor também. Por exemplo: você é uma boa mãe, mas ainda assim muitas vezes se sente culpada porque sai para trabalhar e deixa o filho... Um trabalhador também, quando precisa faltar ao trabalho porque não acordou bem, fica se cobrando.
Professora-pesquisadora	Quando Gregor se chama de inútil, aparece a voz da sociedade que valoriza a pessoa só pela sua produtividade e utilidade?
Aluno (Resposta 3)	Porque quando a gente não é mais útil, as pessoas nos tratam como se nós não fôssemos nada.

Fonte: Elaborado pela autora a partir das interações realizadas durante a oficina literária (2026).

A análise do Quadro 6 evidencia o significativo envolvimento ético e emocional dos estudantes diante da situação vivenciada por Gregor. A mediação docente, ao introduzir questionamentos sobre a utilidade do corpo e os sentimentos de culpa associados à incapacidade de trabalhar, possibilitou que a turma problematizasse os valores sociais internalizados pelo protagonista e refletisse sobre os efeitos das exigências de produtividade presentes na sociedade contemporânea.

Do ponto de vista cognitivo, os discentes revelaram uma compreensão ativa ao constatarem que o sofrimento de Gregor não decorre apenas de sua condição física, mas, sobretudo, da impossibilidade de continuar desempenhando o papel de provedor da família (Resposta 1). Ao identificarem que sua angústia está associada ao sentimento de inutilidade e à incapacidade de corresponder às expectativas familiares e econômicas, os estudantes demonstraram compreender os discursos sociais que vinculam o valor do indivíduo à sua capacidade produtiva.

Na dimensão discursiva e ética, fundamentada no Círculo de Bakhtin, ocorreu um importante movimento de ressignificação valorada quando os alunos relacionaram a experiência

de Gregor a situações contemporâneas marcadas pela culpa e pela pressão social. Ao aproximarem o personagem da realidade de trabalhadores adoecidos ou de pessoas que, por diferentes razões, não conseguem atender às exigências do mundo do trabalho (Resposta 2), os educandos extrapolaram os limites da narrativa ficcional e atribuíram novos sentidos à obra a partir de suas próprias referências sociais.

Esse posicionamento torna-se ainda mais evidente na afirmação de que “quando a gente não é mais útil, as pessoas nos tratam como se nós não fôssemos nada” (Resposta 3). Ao formularem essa reflexão, os estudantes materializam um posicionamento ideológico claro diante de relações sociais marcadas pela lógica utilitarista. A metamorfose de Gregor passa a ser compreendida como uma metáfora da objetificação do sujeito e do apagamento de sua humanidade quando deixa de corresponder às expectativas de produtividade. O texto kafkiano atuou, portanto, como um *signo ideológico* que permitiu aos alunos refletirem sobre as relações entre trabalho, valor social e reconhecimento humano em seu próprio contexto social.

3.3 Unidade Temática II: Autoridade, Exposição e Desumanização

Avançando para a próxima etapa da oficina literária, a Unidade Temática II desloca o foco do estranhamento interno do protagonista para o embate com as forças externas de controle e opressão. Nesta fase, a leitura centrou-se nas dinâmicas de poder, na quebra dos limites éticos decorrente da invasão do espaço privado e no adoecimento gerado pelas pressões laborais. O debate conduzido com os alunos teve como objetivo principal analisar como o mundo do trabalho atua como uma instância implacável de julgamento do humano, na qual determinados discursos negam o sofrimento, legitimam a desconfiança e reduzem o indivíduo a uma mera "máquina produtiva".

Mantendo o rigor metodológico amparado na teoria dialógica de Bakhtin, buscou-se compreender como essas vozes sociais são internalizadas pelos sujeitos, produzindo processos de culpabilização, submissão e desumanização. As discussões desta unidade revelaram, sobretudo, a interiorização da culpa e a rápida desumanização de Gregor Samsa diante da autoridade patronal, conforme evidenciado na análise das interações a seguir.

3.3.1 A Invasão do Espaço Privado e o Medo Institucional

Iniciando a Unidade Temática II (Trecho 1 – "A Campanha do Controle"), a professora-pesquisadora conduziu a leitura do momento em que o gerente da firma de Gregor dirige-se pessoalmente à sua residência para cobrar sua ausência no trabalho. O foco da mediação foi explorar a inversão de prioridades vivenciada pelo protagonista, bem como o caráter invasivo das relações trabalhistas quando estas ultrapassam os limites da esfera privada. Buscou-se problematizar, ainda, os mecanismos de controle presentes na relação entre empregado e empregador, evidenciando como determinadas estruturas hierárquicas podem interferir na autonomia do sujeito e condicionar suas ações e escolhas. O quadro a seguir ilustra as compreensões construídas pelos educandos ao longo desse debate.

Quadro 7 – Diálogo sobre a invasão do gerente e o medo da autoridade

Interlocutor	Fala/Resposta
Professora-pesquisadora	Que tipo de medo se instala em Gregor antes mesmo de ver o gerente?
Aluno (Resposta 1)	Gregor é demonstrado como um tipo de trabalhador que não se preocupa com sua saúde. Ele só se preocupa se vai trabalhar ou não. Ficou preocupado que alguém da loja visitou ele. Então, ele seria um típico trabalhador.
Professora-pesquisadora	O que a expressão "alguém da loja" revela sobre a loja que organiza sua vida?
Aluno (Resposta 2)	Demonstra que ele tem pouca intimidade com o pessoal do trabalho. Ele trata como "alguém da loja". Então, é um tipo de insignificância.
Professora-pesquisadora	Em que sentido o trabalho aparece como se fosse uma força invasiva do espaço privado?
Aluno (Resposta 3)	O gerente veio em pessoa. Ele não mandou uma carta, não mandou um aviso, não falou nada. Ele veio em pessoa, como se fosse dono da casa em si.

Fonte: Elaborado pela autora a partir das interações realizadas durante a oficina literária (2026).

A análise do Quadro 7 evidencia como a professora-pesquisadora estimulou o questionamento das estruturas de poder representadas no texto. Ao indagar sobre o "medo que se

instala" e a "força invasiva" do trabalho, a docente não forneceu respostas prontas, mas criou condições para que os discentes problematizassem a situação vivenciada por Gregor e refletissem sobre as relações de autoridade presentes na narrativa.

Cognitivamente, os alunos demonstraram uma compreensão ativa ao perceberem a inversão de prioridades experimentada pelo protagonista. Eles identificaram o caráter contraditório da situação: Gregor acaba de sofrer uma transformação extrema, mas sua principal preocupação não é sua condição física, e sim a possibilidade de sofrer consequências no trabalho (Resposta 1). Essa leitura evidencia que os estudantes compreenderam como as exigências laborais ocupam uma posição central na vida da personagem, influenciando a forma como ela interpreta sua própria realidade.

Sob a ótica discursiva e ideológica, a cena foi lida como uma representação das relações de controle presentes no universo do trabalho. Os alunos realizaram uma ressignificação valorada ao interpretar a atitude do gerente não como uma simples visita de rotina, mas como uma invasão dos limites da vida privada, uma vez que a figura de autoridade adentra o espaço doméstico de Gregor "como se fosse dono" do local (Resposta 3). Nessa direção, o uso da expressão "típico trabalhador" por um dos alunos assume relevância por condensar uma leitura crítica das relações de trabalho retratadas na obra, marcadas pela submissão e pela priorização das demandas profissionais em detrimento das necessidades individuais. Desse modo, a discussão ultrapassou a compreensão literal dos acontecimentos narrados e favoreceu a problematização de questões sociais que os estudantes reconheceram como significativas também fora do texto literário.

3.3.2 A Desconfiança como Norma e a Vigilância no Trabalho Contemporâneo

Dando prosseguimento, a oficina abordou o Trecho 2, intitulado "A Desconfiança Como Norma", em que os monólogos internos de Gregor revelam que qualquer ausência no emprego era recebida com suspeita e desconfiança. A mediação docente teve como objetivo central promover um cruzamento temporal entre a realidade social representada na narrativa e situações observadas no contexto contemporâneo, incentivando os estudantes a refletirem sobre as relações de trabalho, os mecanismos de controle e as expectativas que recaem sobre o trabalhador. Buscou-se, assim, ampliar as possibilidades de interpretação do texto por meio da aproximação entre a experiência da personagem e questões reconhecidas pelos próprios educandos em seu contexto social. A seguir,

apresenta-se o quadro com os enunciados produzidos pelos participantes durante essa etapa da oficina.

Quadro 8 – Diálogo sobre a vigilância, a desconfiança e o direito de adoecer

Interlocutor	Fala/Resposta
Professora-pesquisadora	Que concepção de trabalhador é pressuposta nesse sistema de vigilância?
Aluno (Resposta 1)	O trabalhador é visto como alguém naturalmente suspeito e precisa ser constantemente controlado e fiscalizado para cumprir suas obrigações.
Professora-pesquisadora	O direito ao adoecimento é reconhecido nesse contexto?
Aluno (Resposta 2)	Não, o direito ao adoecimento não é reconhecido, pois a ausência de Gregor já desperta desconfiança e culpa, como se ficar doente fosse sinal de irresponsabilidade.
Professora-pesquisadora	Que aproximações podem ser feitas com as relações de trabalho atuais?
Aluno (Resposta 3)	É possível relacionar o trecho a relações de trabalho atuais em que muitos funcionários sofrem com cobranças excessivas, metas abusivas e vigilância constante, inclusive por meios tecnológicos.
Professora-pesquisadora	Como esse processo contribui para a desumanização social?
Aluno (Resposta 4)	O trecho mostra que a metamorfose não é apenas física, mas também social, pois Gregor vai sendo desumanizado pelo sistema de trabalho e tratado mais como uma máquina produtiva do que como um ser humano.

Fonte: Elaborado pela autora a partir das interações realizadas durante a oficina literária (2026).

Os enunciados dos estudantes apresentados no Quadro 8 constituem um dos momentos mais expressivos da transposição didática das concepções bakhtinianas desenvolvidas ao longo da Unidade II. A mediação docente ampliou o debate para além do enredo literário, mobilizando reflexões sobre direitos sociais, especialmente no que se refere ao reconhecimento do direito ao adoecimento e às formas de controle exercidas sobre o trabalhador.

Ao compreenderem que a culpa experimentada por Gregor decorre das exigências impostas pelo sistema laboral em que está inserido, os alunos demonstraram uma significativa compreensão ativa, identificando marcas de sofrimento como ansiedade, pressão, insegurança e

autoculpabilização produzidas por um modelo que pressupõe o trabalhador como alguém permanentemente passível de suspeita e fiscalização (Resposta 1). A percepção de que a ausência por motivo de doença pode ser interpretada como sinal de irresponsabilidade (Resposta 2) evidencia que os estudantes apreenderam criticamente os mecanismos de desconfiança que atravessam as relações de trabalho.

A dimensão ética torna-se particularmente evidente por meio da ressignificação valorada presente na Resposta 3, quando os educandos aproximam a experiência de Gregor das relações laborais contemporâneas, mencionando "metas abusivas", "cobranças excessivas" e a "vigilância constante por meios tecnológicos". Nesse movimento interpretativo, os estudantes ultrapassam os limites da narrativa e assumem uma postura crítica diante de práticas sociais reconhecidas em seu próprio contexto histórico.

A reflexão culmina na Resposta 4, na qual os participantes compreendem que a metamorfose não se restringe à transformação física do personagem, mas representa um processo de desumanização associado à sua condição de trabalhador. Ao afirmarem que Gregor passa a ser tratado como uma "máquina produtiva", os estudantes atribuem ao corpo metamorfoseado um valor simbólico que remete à coisificação do sujeito. Nessa perspectiva, a figura do inseto pode ser compreendida como um signo ideológico que materializa a perda do reconhecimento humano quando o indivíduo deixa de corresponder às expectativas de produtividade impostas pelo meio social.

3.3.3 A Queda do Corpo Produtivo e a Coisificação do Sujeito

Dando sequência à Unidade Temática II, a oficina literária explorou o Trecho 3, que narra o momento em que Gregor Samsa, mesmo transformado em inseto, atira-se para fora da cama em uma tentativa desesperada de atender às exigências laborais. O objetivo da mediação docente foi instigar os alunos a refletirem sobre o sacrifício físico imposto pelas relações de trabalho, bem como problematizar os valores sociais que naturalizam o sofrimento e colocam as demandas produtivas acima das necessidades do próprio sujeito. A seguir, o quadro ilustra a compreensão discursiva construída pela turma acerca dessa passagem da narrativa.

Quadro 9 – Diálogo sobre a queda, o sacrifício e o corpo como instrumento

Interlocutor	Fala/Resposta
Professora-pesquisadora	Como a queda é narrada sem dramatização excessiva?
Aluno (Resposta 1)	A queda é narrada com moderação, objetividade e detalhes concretos, sem exagero ou dramatização excessiva.
Professora-pesquisadora	O que essa cena revela sobre o limite físico e emocional de Gregor?
Aluno (Resposta 2)	Revela que seu corpo transformado tem força, mas perdeu equilíbrio, controle e proteção. Fisicamente já não é o mesmo.
Professora-pesquisadora	Gregor se arrisca por escolha ou por coerção social?
Aluno (Resposta 3)	Ele se arrisca por escolha, como diz o trecho: “ele se lançou com toda a força para fora da cama”.
Professora-pesquisadora	Que valor social legitima esse sacrifício do corpo? E em que sentido o corpo deixa de ser sujeito e passa a ser instrumento?
Aluno (Resposta 4)	Ele era visto apenas como um corpo produtivo. Quando ele perde sua função produtiva e sua função humana reconhecida.

Fonte: Elaborado pela autora a partir das interações realizadas durante a oficina literária (2026).

A análise do Quadro 9 evidencia que a mediação da professora-pesquisadora foi assertiva ao não concentrar a discussão na mecânica da queda em si, mas nos valores sociais subjacentes à ação do protagonista. Ao lançar questionamentos sobre os "limites" do corpo e os "valores sociais que legitimam o sacrifício", a docente evitou respostas meramente literais e conduziu a turma a uma reflexão sobre a condição do trabalhador e os sentidos atribuídos ao sofrimento na narrativa.

Na dimensão cognitiva, os educandos demonstraram uma compreensão ativa ao perceberem a relativa frieza narrativa empregada na descrição do episódio. Ao afirmarem que a queda é narrada com "moderação, objetividade e detalhes concretos" (Resposta 1), os estudantes identificaram que o foco do trecho não recai sobre o impacto físico do acontecimento, mas sobre a situação vivenciada por Gregor. De modo semelhante, ao reconhecerem que o personagem perdeu o "equilíbrio, controle e proteção" (Resposta 2), apreenderam a condição de vulnerabilidade em que ele se encontra.

A dimensão ético-discursiva emerge de forma mais evidente na Resposta 4, quando os estudantes afirmam que Gregor passa a ser percebido "apenas como um corpo produtivo" e um

"instrumento". Tal posicionamento revela um movimento de ressignificação valorada, pois os alunos ultrapassam a descrição da cena e problematizam os critérios sociais que condicionam o reconhecimento do sujeito à sua capacidade de produzir. Nessa perspectiva, o corpo metamorfoseado de Gregor assume a função de signo ideológico, refratando uma lógica social na qual a utilidade produtiva se sobrepõe ao valor humano. Assim, a discussão possibilitou que os estudantes relacionassem a experiência da personagem a questões mais amplas envolvendo trabalho, vulnerabilidade e reconhecimento social.

3.3.4 O Silenciamento das Vozes e o Indivíduo como Problema

O Trecho 4 aprofunda a exclusão de Gregor ao evidenciar o choque entre o discurso institucional (representado pelo gerente) e a intimidade do espaço familiar. O foco da discussão centrou-se na análise das vozes sociais que se impõem na cena e no tratamento desumanizado conferido ao protagonista, que passa a ser visto como um empecilho financeiro.

Quadro 10 – Diálogo sobre as hierarquias de voz e o discurso familiar moldado pelo trabalho

Interlocutor	Fala/Resposta
Professora-pesquisadora	Que vozes sociais se impõem nessa cena e quais são silenciadas?
Aluno (Resposta 1)	A que se impõe é a do gerente, porque ele chega, como fala no trecho, “intrometeu-se” na conversa que o pai estava tendo. E também um pouco da mãe falando. Então as duas se impõem, e aqui é silenciada a do pai, porque o pai estava lá se desdobrando e mesmo assim ele foi silenciado pelo gerente.
Professora-pesquisadora	Como a fala da mãe revela simultaneamente cuidado e submissão?
Aluno (Resposta 2)	Enquanto todos já estavam preocupados em saber por que ele tinha faltado, a mãe perguntou diretamente sobre ele. O pai e o gerente estavam ligados principalmente ao trabalho. Então, por isso que parte de cuidado e submissão.
Professora-pesquisadora	Gregor é tratado como sujeito de direitos ou um problema a ser resolvido?
Aluno (Resposta 3)	Problema a ser resolvido, porque todos estavam tratando de saber por que Gregor não tinha ido para o trabalho, então era para resolver aquele problema.

	Não como se fosse um sujeito de direitos.
Professora-pesquisadora	De que modo o discurso familiar é moldado pela lógica do trabalho?
Aluno (Resposta 4)	De modo que todos da família dependiam do trabalho de Gregor. Então, eles estavam forçando ele a levantar como uma obrigação para trabalhar, porque todos dependiam dele: o pai, a mãe e a irmã. Se ele não trabalhasse, não teria nada na mesa para comer.

Fonte: Elaborado pela autora a partir das interações realizadas durante a oficina literária (2026).

A mediação da professora-pesquisadora no Quadro 10 buscou instigar os alunos a identificarem as hierarquias de poder presentes nas interações verbais. Ao questionar quais vozes se impõem, quais são silenciadas e de que forma o discurso familiar passa a ser atravessado pela lógica do trabalho, a docente orientou os estudantes para uma leitura atenta às relações sociais e valorativas materializadas na cena.

Os discentes demonstraram uma compreensão ativa refinada ao analisarem a *polifonia* que atravessa o episódio. A Resposta 1 evidencia a percepção de que a fala do gerente assume posição de autoridade, sobrepondo-se à do pai e reorganizando a dinâmica comunicativa do ambiente doméstico. De modo semelhante, a interpretação da figura materna (Resposta 2) revela a compreensão de que seu discurso expressa simultaneamente preocupação com o filho e submissão diante das exigências impostas pelo representante da empresa, evidenciando como as relações familiares passam a ser influenciadas por interesses econômicos.

O posicionamento ético e axiológico dos estudantes emerge de forma mais evidente nas Respostas 3 e 4. Ao afirmarem que Gregor deixa de ser reconhecido como um "sujeito de direitos" para tornar-se "um problema a ser resolvido", os alunos realizam um movimento de resignificação valorada que ultrapassa a descrição dos acontecimentos narrados. A constatação de que a família depende economicamente do trabalho de Gregor e o incentiva a levantar-se para garantir a subsistência doméstica demonstra que os estudantes compreenderam criticamente como as necessidades materiais podem sobrepor-se aos vínculos afetivos e influenciar a forma como os sujeitos são avaliados e reconhecidos. Desse modo, a discussão favoreceu a problematização de processos de desumanização presentes na obra, permitindo que os participantes refletissem sobre os critérios sociais que condicionam o valor atribuído ao indivíduo à sua capacidade produtiva.

3.3.5 O Discurso Institucional e a Negação do Sofrimento

Avançando para o encerramento da Unidade Temática II, a oficina literária explorou o Trecho 5, no qual a voz do gerente, enquanto representante da instituição patronal, se impõe para minimizar o adoecimento de Gregor Samsa. O foco da mediação da professora-pesquisadora foi desvelar a ideologia subjacente ao discurso corporativo que coloca a produção acima da saúde física e mental do indivíduo, promovendo reflexões sobre os valores e as relações de poder que atravessam o universo do trabalho representado na narrativa. A seguir, o quadro demonstra a interação dos educandos com a temática.

Quadro 11 – Diálogo sobre o discurso institucional e a minimização do adoecimento

Interlocutor	Fala/Resposta
Professora-pesquisadora	Que ideologia sobre o trabalho e a saúde se materializa na fala do gerente?
Aluno (Resposta 1)	A fala do gerente mostra uma ideologia em que o trabalho é colocado acima da saúde e do bem-estar pessoal. O sofrimento de Gregor é tratado como algo normal que deve ser suportado por consideração aos negócios.
Professora-pesquisadora	O sofrimento humano é reconhecido ou relativizado?
Aluno (Resposta 2)	Ele é relativizado, porque em vez de ser levado a sério, ele é minimizado como um simples leve mal-estar, como se não fosse importante diante das obrigações profissionais.
Professora-pesquisadora	Em que contextos atuais esse discurso ainda se legitima?
Aluno (Resposta 3)	Em ambientes de trabalho muito exigentes, onde funcionários são pressionados a trabalhar, mesmo cansados, doentes ou emocionalmente desabalados.
Professora-pesquisadora	Como essa fala contribui para a desumanização gradual de Gregor?
Aluno (Resposta 4)	Os seus sentimentos e sua condição física deixam de importar. O gerente e a família se preocupam mais com seu trabalho e obrigações do que com seu

	sofrimento, fazendo com que Gregor seja visto apenas como alguém útil para produzir e trazer renda para casa.
--	---

Fonte: Elaborado pela autora a partir das interações realizadas durante a oficina literária (2026).

A análise do Quadro 11 comprova que a mediação docente foi decisiva para que os alunos desconstruíssem a aparente "polidez" do gerente, identificando-a como uma estratégia discursiva que encobre práticas de coerção e responsabilização do trabalhador adoecido. A professora conduziu o debate não apenas para interpretar a narrativa, mas para desvelar os valores e os signos ideológicos presentes nas falas institucionais.

No plano cognitivo, a compreensão ativa dos alunos é evidenciada quando percebem que o mal-estar do protagonista é sistematicamente "relativizado" e rebaixado pelo sistema, de modo a garantir a continuidade da engrenagem produtiva (Resposta 2).

No plano discursivo, a intervenção atinge seu ápice por meio da ressignificação valorada, expressa nas Respostas 3 e 4. Os discentes transpõem o dilema de Gregor para a realidade contemporânea ao identificarem que, ainda hoje, trabalhadores exaustos e adoecidos são pressionados a negligenciar o próprio corpo em prol de "metas e obrigações". Esse cruzamento entre o texto e o contexto evidencia um posicionamento ético e axiológico dos estudantes diante de um sistema que tende a reduzir o sujeito a alguém "útil para produzir", intensificando processos de desumanização.

3.3.6 A Defesa Humilhada e a Interiorização da Culpa

O último trecho (Trecho 6) da Unidade Temática II consolidou as discussões desenvolvidas ao longo da oficina ao focalizar o desespero interno de Gregor Samsa que, em vez de reivindicar auxílio diante de sua incapacitação física, busca justificar-se, pede compreensão e submete-se de maneira extrema à autoridade representada pelo gerente. O objetivo central desta etapa consistiu em refletir sobre como as relações de poder incidem sobre o sujeito a ponto de fragilizar sua dignidade e levá-lo a aceitar a humilhação como forma de sobrevivência. A seguir, apresenta-se o quadro com os enunciados produzidos pelos estudantes durante esse momento da oficina.

Quadro 12 – Diálogo sobre a submissão, a culpa e a opressão internalizada

Interlocutor	Fala/Resposta
Professora-pesquisadora	Por que Gregor se justifica excessivamente em vez de reivindicar compreensão?
Aluno (Resposta 1)	Porque todos ali dependiam do emprego de Gregor. Então, ele tinha que se humilhar, ele tinha que se desgastar, mesmo estando com seu corpo não respondendo aos seus comandos. Tinha que dar o que ele tinha para conseguir ainda manter o seu emprego, após a ameaça do gerente.
Professora-pesquisadora	Que sentimento de culpa atravessa esse discurso?
Aluno (Resposta 2)	Culpa por estar na cama, por estar se sentindo inútil. Se ele não fosse trabalhar, ele ia ficar inútil, não ia dar nada para a família dele, e isso passa sentimento de culpa.
Professora-pesquisadora	Em que sentido Gregor já internalizou a lógica da opressão?
Aluno (Resposta 3)	O Gregor já internalizou por depender dessa opressão. Ele depende de ser oprimido porque, infelizmente, é o dinheiro de onde ele é sustentado. Então, ele depende de ser humilhado. Igual muitas realidades brasileiras que têm que ser oprimidos porque é a única saída.

Fonte: Elaborado pela autora a partir das interações realizadas durante a oficina literária (2026).

Os enunciados do Quadro 12 revelam um nível significativo de maturidade crítica por parte dos discentes. A mediação da professora-pesquisadora, ao problematizar as razões pelas quais Gregor busca justificar-se e assume para si a responsabilidade por uma situação que escapa ao seu controle, instigou a turma a identificar as formas de violência simbólica presentes nas relações de trabalho e nos discursos de autoridade.

A compreensão ativa dos estudantes permitiu apreender a dimensão trágica da cena, ao reconhecerem que a necessidade de Gregor explicar-se não decorre de respeito ao gerente, mas do medo de perder sua função de provedor e de não corresponder às expectativas impostas pelo sistema produtivo (Respostas 1 e 2). Os alunos evidenciam estranhamento diante do fato de o

personagem preocupar-se com a impossibilidade de trabalhar, mesmo após uma transformação corporal extrema, o que revela a inversão de valores que sustenta sua autoacusação.

A consagração dessa análise ocorre na Resposta 3, por meio de um movimento de ressignificação valorada. Ao afirmarem que Gregor “depende de ser oprimido” e necessita “ser humilhado” para subsistir, os estudantes articulam a cena a experiências sociais contemporâneas marcadas por relações de dependência econômica e por formas de trabalho precarizadas. Ao traçarem um paralelo com “muitas realidades brasileiras”, nas quais suportar a opressão aparece como estratégia de sobrevivência, os alunos ultrapassam a leitura estritamente narrativa e assumem um posicionamento crítico diante das desigualdades sociais e das formas de exploração presentes na realidade. Nesse movimento, o texto literário evidencia sua potência dialógica ao possibilitar a articulação entre a experiência estética e as fraturas do mundo social.

3.4 Unidade Temática III: Trabalho, Controle e Ruptura

Nesta terceira unidade temática da oficina literária, o foco da leitura e das discussões voltou-se para a ruptura definitiva dos laços de reconhecimento do protagonista e a intensificação de seu processo de exclusão social. O objetivo central da mediação docente foi instigar os educandos a refletirem sobre o conflito ético entre a preservação da saúde — compreendida como cuidado de si — e as opressivas exigências do dever profissional, estabelecendo relações dialógicas entre a narrativa kafkiana e problemáticas contemporâneas do mundo do trabalho, a partir do diálogo com diferentes gêneros discursivos, como reportagens.

3.4.1 O Conflito Ético entre o Dever Profissional e a Saúde Física

A discussão foi iniciada com a análise das passagens em que Gregor Samsa, mesmo submetido a uma condição física monstruosa e limitante, demonstra maior preocupação com a possibilidade de perder o emprego do que com o próprio bem-estar. A professora-pesquisadora problematizou os valores priorizados pelo personagem, promovendo um cruzamento entre as obrigações de Gregor e as pressões laborais modernas.

Quadro 13 – Diálogo sobre o esgotamento produtivo e o esquecimento de si

Interlocutor	Fala/Resposta
Professora-pesquisadora	Qual é a principal preocupação de Gregor neste trecho e que valor aparece mais fortemente: vida ou trabalho?
Aluno (Resposta 1)	A principal preocupação dele é não perder o emprego e continuar sustentando a família. O trabalho aparece mais fortemente no trecho, pois Gregor demonstra medo de perder sua posição e preocupação com a opinião do gerente.
Professora-pesquisadora	Hoje, vocês veem que muitas pessoas colocam o trabalho, as obrigações ou a produtividade acima da própria saúde?
Aluno (Resposta 2)	Sim. Por meio disso, as pessoas muitas vezes acabam esquecendo da sua saúde só para focarem em trabalhar. Elas acabam se preocupando mais com o seu trabalho e acabam esquecendo a família para focar no trabalho.

Fonte: Elaborado pela autora a partir das interações realizadas durante a oficina literária (2026).

A análise do Quadro 13 evidencia uma compreensão ativa consistente por parte dos discentes. O aluno da Resposta 1 identificou a inversão de valores vivenciada por Gregor, reconhecendo que sua principal preocupação está em não perder o emprego e em manter o sustento da família, o que faz com que o trabalho apareça como elemento central de sua percepção da realidade.

A mediação da professora-pesquisadora possibilitou a ampliação dessa leitura por meio de um processo de ressignificação valorada. Ao problematizar se essa priorização do trabalho também se manifesta na contemporaneidade, a docente aproximou a narrativa kafkiana das experiências cotidianas dos estudantes. O aluno da Resposta 2 reconhece que, atualmente, muitas pessoas acabam concentrando suas preocupações no trabalho e nas obrigações produtivas, chegando a negligenciar a própria saúde e, em alguns casos, as relações familiares. Desse modo, a discussão evidencia o movimento de articulação entre a experiência literária e situações sociais reconhecíveis no contexto dos participantes.

3.4.2 Relações Dialógicas com o Mundo Contemporâneo: A Invisibilidade Emocional

Aprofundando as discussões acerca das cobranças sociais e do esgotamento do sujeito, a professora-pesquisadora propôs uma atividade de intertextualidade por meio da leitura da reportagem *Existe uma forma de invisibilidade que atinge pessoas muito queridas por todos*, de Patrick Silva. O intuito da mediação foi estabelecer relações dialógicas entre a exclusão vivenciada por Gregor Samsa em *A Metamorfose* e as formas contemporâneas de invisibilidade emocional experimentadas por sujeitos que assumem cargas excessivas de responsabilidade e tendem a ocultar o próprio sofrimento. A seguir, apresenta-se o quadro com os enunciados que sintetizam as discussões construídas pelos grupos de trabalho.

Quadro 14 – Diálogo comparativo entre *A Metamorfose* e a reportagem jornalística

Interlocutor	Fala/Resposta
Professora-pesquisadora	Que tipo de invisibilidade é apresentada na reportagem e por que as pessoas têm dificuldade de pedir ajuda?
Aluno (Resposta 1)	Invisibilidade emocional. São geralmente pessoas que querem se mostrar fortes, mas que estão passando por grandes dificuldades. Por querer parecer forte o tempo todo, elas sentem vergonha, medo de julgamento e receio de decepcionar as pessoas.
Professora-pesquisadora	O que aproxima as experiências apresentadas nos dois textos (o conto e a reportagem)?
Aluno (Resposta 2)	Ambos mostram pessoas que acabam se preocupando mais com como vão demonstrar aos outros do que com si próprios. Na situação de Gregor, isso preocupa mais o trabalho do que a saúde em si.
Professora-pesquisadora	Em que momento uma pessoa deixa de ser vista como sujeito e passa a ser vista apenas pela função que exerce?
Aluno (Resposta 3)	Quando a pessoa passa a ser vista apenas pela função que exerce, suas necessidades e dificuldades deixam de ser consideradas. Em <i>A Metamorfose</i> , Gregor perde o reconhecimento da família quando não consegue mais trabalhar e sustentar a casa. Na reportagem ocorre ao observar pessoas que assumem

	muitas responsabilidades e escondem o sofrimento. Em ambos os casos, o valor da pessoa passa a ser medido pela sua utilidade. Isso revela uma sociedade que muitas vezes prioriza a produtividade em vez da humanidade e do cuidado com o outro.
--	---

Fonte: Elaborado pela autora a partir das interações realizadas durante a oficina literária (2026).

A análise do Quadro 14 evidencia um dos momentos mais significativos da oficina literária sob a perspectiva da teoria do Círculo de Bakhtin. A transposição didática proposta pela professora-pesquisadora, ao articular reportagem e texto literário, favoreceu a ampliação das vozes em circulação na sala de aula e possibilitou que os estudantes estabelecessem relações entre a experiência estética e questões sociais contemporâneas.

A compreensão ativa manifesta-se de maneira consistente nas respostas dos educandos. O aluno da Resposta 1 identifica a invisibilidade emocional como um fenômeno associado ao medo de julgamento, à necessidade de demonstrar força e à dificuldade de reconhecer fragilidades pessoais. O aluno da Resposta 2 estabelece aproximações entre *A Metamorfose* e a reportagem ao indicar que, em ambos os textos, os sujeitos tendem a priorizar a forma como são percebidos pelos outros em detrimento do próprio cuidado, relacionando essa dinâmica à experiência de Gregor e às exigências contemporâneas de desempenho.

A resignificação valorada torna-se mais evidente na Resposta 3, na qual o aluno afirma que o valor do sujeito passa a ser medido por sua utilidade, destacando a centralidade da produtividade em detrimento da humanidade e do cuidado com o outro. Nesse movimento, o cruzamento entre a obra de Kafka e a reportagem permite ao estudante ultrapassar a dimensão descritiva dos textos e assumir um posicionamento axiológico diante das formas de reconhecimento social. Desse modo, a discussão evidencia como determinados modos de organização social ainda condicionam a visibilidade dos sujeitos à sua capacidade de desempenho e produção.

3.4.3 O Diálogo Intertextual: *A Exaustão de Gregor e a Invisibilidade Emocional Contemporânea*

Aprofundando as relações com a atualidade, a professora-pesquisadora dividiu a turma em grupos para um estudo comparativo (Atividade 6). Enquanto o Grupo A dedicou-se a identificar as pressões sofridas por Gregor Samsa no texto literário, o Grupo B examinou a reportagem de Patrick

Silva, que trata da "invisibilidade emocional" de pessoas que assumem o papel de " pilar da família" e escondem suas fraquezas. O objetivo dessa mediação foi transformar a sala de aula em uma verdadeira *arena de vozes* sociais, estimulando a intertextualidade. O quadro a seguir ilustra a partilha de percepções entre os grupos:

Quadro 15 – Diálogo intertextual entre os grupos de trabalho (*A Metamorfose* e a reportagem jornalística)

Interlocutor	Fala/Resposta
Professora-pesquisadora	Aluno 1, o que você apontou como pressão pela produtividade na obra <i>A Metamorfose</i> ?
Aluno (Grupo A)	Gregor se preocupa mais em não faltar ao trabalho do que com a transformação que ele sofreu, porque mesmo doente, ele pensa nas obrigações profissionais e no chefe. Gregor se sentiu culpado por não poder trabalhar e sustentar a família, acreditando que está decepcionando todos ao seu redor.
Professora-pesquisadora	Agora vamos para a parte da reportagem. Sobre a invisibilidade emocional?
Aluno (Grupo B)	As pessoas sofrem em silêncio, pois acreditam que devem se esforçar o tempo todo e acabam escondendo suas dificuldades e fraquezas. Assumem muitas obrigações e sentem que precisam cuidar de todos ao seu redor, independentemente da sua própria saúde mental.
Professora-pesquisadora	O que aproxima as experiências apresentadas nos dois textos?
Aluno (Resposta Geral)	Ambos mostram pessoas que acabam se preocupando mais com como vão demonstrar aos outros do que com si próprios. Na situação de Gregor, isso preocupa mais o trabalho do que a saúde em si.

Fonte: Elaborado pela autora a partir das interações realizadas durante a oficina literária (2026).

A análise do Quadro 15 evidencia o êxito da transposição didática fundamentada no princípio dialógico. A professora-pesquisadora não apenas expôs os textos, mas orquestrou o embate entre eles, criando condições para que os estudantes estabelecessem aproximações e

diferenças entre as produções, permitindo que a compreensão ativa dos alunos se materializasse na comparação.

Cognitivamente, os discentes foram capazes de mapear os *signos ideológicos* análogos nas duas produções. O Grupo A identificou brilhantemente o absurdo da racionalidade de Gregor: o sujeito sofre uma mutação monstruosa, mas sua maior angústia é "não faltar ao trabalho" e a "culpa" por decepcionar o chefe e deixar de cumprir seu papel de provedor da família. Por outro lado, o Grupo B correlaciona essa alienação ao conceito jornalístico de invisibilidade emocional, identificando que o indivíduo contemporâneo também esconde "dificuldades e fraquezas" para sustentar uma imagem inabalável perante a família e a sociedade, assumindo frequentemente responsabilidades excessivas e silenciando seus próprios sofrimentos.

Sob a ótica discursiva, a atividade instigou uma forte ressignificação valorada. Os alunos perceberam que o texto de Kafka não se isola no absurdo literário do passado, mas dialoga intimamente com o esgotamento atual. A constatação final de que "ambos mostram pessoas que acabam se preocupando mais com como vão demonstrar aos outros do que com si próprios" comprova que os estudantes atingiram a dimensão ética da leitura, ultrapassando uma compreensão literal dos textos para refletirem criticamente sobre formas contemporâneas de autocobrança, silenciamento emocional e desgaste subjetivo. Desse modo, compreenderam as violências invisíveis (como a cobrança excessiva) impostas àqueles que assumem o papel de "suporte" incondicional do outro, muitas vezes em detrimento do próprio cuidado e bem-estar.

3.4.4 A Produção Responsiva Final: O Valor do Sujeito e a Crítica à Utilitarização da Vida

Para coroar as discussões da Unidade Temática III, a docente propôs uma atividade de "Produção Responsiva". Os alunos foram instigados a redigir uma síntese argumentativa respondendo ao questionamento central: *"Em que momento uma pessoa deixa de ser vista como sujeito e passa a ser vista apenas pela função que exerce?"*.

Essa atividade representou o cume do percurso dialógico, exigindo que os estudantes consolidassem suas posições axiológicas construídas ao longo das leituras literária e jornalística, bem como dos debates desenvolvidos na oficina. Abaixo, apresenta-se o enunciado elaborado por um dos discentes, que sintetizou discussões recorrentes da turma e os principais sentidos construídos coletivamente ao longo do percurso.

Quadro 16 – Produção responsiva final sobre o utilitarismo social

Interlocutor	Fala/Resposta
Professora-pesquisadora	Em que momento uma pessoa deixa de ser vista como sujeito e passa a ser vista apenas pela função que exerce?
Produção Final – Aluno 10	Quando a pessoa passa a ser vista apenas pela função que exerce, suas necessidades e dificuldades deixam de ser consideradas. Em <i>A Metamorfose</i> , Gregor perde o reconhecimento da família quando não consegue mais trabalhar e sustentar a casa. Na reportagem ocorre ao observar pessoas que assumem muitas responsabilidades e escondem o sofrimento para continuar parecendo fortes. Em ambos os casos, o valor da pessoa passa a ser medido pela sua utilidade. Isso revela uma sociedade que muitas vezes prioriza a produtividade em vez da humanidade e do cuidado com o outro.

Fonte: Síntese discursiva produzida por um estudante durante a oficina literária, em diálogo com a obra *A Metamorfose* e a reportagem jornalística (2026).

A formulação expressa no Quadro 16 é um contundente exemplo de leitura dialógica e responsiva, conforme os pressupostos do Círculo de Bakhtin. O texto produzido pelo discente transcende a mera descrição do enredo para assumir um posicionamento axiológico diante das problemáticas discutidas, aproximando-se do formato de um manifesto sociológico.

O ápice dessa interação discursiva reside no posicionamento ético do estudante ao elaborar a tese de que *"o valor da pessoa passa a ser medido pela sua utilidade"* e, por conseguinte, de que *"a sociedade prioriza a produtividade em vez da humanidade"*. O aluno decodifica as duas esferas discursivas — a ficcional (Gregor perdendo o reconhecimento familiar por não sustentar a casa) e a referencial/jornalística (o sujeito silenciado pelo peso das obrigações) — e chega a uma conclusão de elevado nível de abstração. Ao relacionar essas experiências, demonstra ter produzido sentidos que extrapolam a dimensão estritamente literária e alcançam questões sociais contemporâneas.

Essa produção comprova a tese central desta pesquisa-intervenção: a de que a literatura, quando mediada por uma prática de leitura dialógica, de ressignificação valorada e articulada a outros gêneros textuais (como a reportagem), rompe com a passividade da sala de aula. O leitor-estudante não atuou como um receptor de informações, mas como um sujeito do discurso. Ele utilizou a fábula do homem-inseto e o relato sobre a invisibilidade moderna como ferramentas para desmascarar e criticar o modelo utilitarista da sociedade capitalista contemporânea, refletindo sobre processos de invisibilização, desumanização e autocobrança que atravessam a experiência social.

Desse modo, valida-se a função da leitura literária como instrumento de conscientização, reflexão crítica e emancipação cidadã.

3.5 Unidade Temática IV – Silêncio, Cuidado Ambíguo e Desumanização Progressiva

Nesta unidade, a oficina literária aprofundou as discussões sobre a exclusão social do protagonista. Após debaterem como o silêncio familiar e o confinamento no quarto funcionavam como mecanismos de apagamento de Gregor Samsa, a professora-pesquisadora propôs um diálogo intersemiótico inovador. Os educandos foram convidados a ouvir e analisar a canção "Uma Barata Chamada Kafka", da banda Inimigos do Rei, que propõe uma releitura da obra por meio de um gênero discursivo distinto e com uma tonalidade bem diferente da adotada na literatura.

3.5.1 O Diálogo Intersemiótico: A Tradição Literária e a Ironia Musical

Para estabelecer a relação dialógica entre o conto e a canção, a mediação docente propôs a escuta atenta da letra, que mescla referências diretas ao autor tcheco com elementos urbanos cotidianos e cômicos, conforme os trechos a seguir:

Encontrei uma barata na cozinha / Eu olhei pra ela ela olhou pra mim / Ofereci a ela um pedaço de pudim / O curioso foi que ela / Ela disse sim! [...] / Vem, Kafka / [...] Você mora na Barata Ribeiro, um edifício / Que tem um buraco perto do chuveiro / Já se drogou com detefon, insetizan, fumou baygon / Tudo quanto é tipo de veneno você acha bom (Inimigos do Rei. 2019).

Após a escuta, a professora-pesquisadora orquestrou um debate comparativo (Quadro Comparativo), instigando a turma a refletir sobre como o mesmo tema — a repulsa pelo inseto/diferente — é tratado em diferentes esferas da comunicação humana. O quadro a seguir ilustra a riqueza das respostas geradas na "arena de vozes" da sala de aula:

Quadro 17 – Relações dialógicas entre *A Metamorfose* e a música *Uma Barata Chamada Kafka*

Interlocutor	Fala/Resposta
Professora-pesquisadora	Em que aspectos a música e o trecho de <i>A Metamorfose</i> se aproximam ou se afastam na forma de representar a barata e a exclusão?

Aluno (Resposta 1)	Ambos os textos utilizam a figura da barata para discutir rejeição, estranhamento e exclusão. A diferença é que Kafka constrói uma atmosfera mais trágica e angustiante, enquanto a música utiliza humor e ironia para abordar o tema.
Professora-pesquisadora	Como ocorre a exclusão em <i>A Metamorfose</i> e na música?
Aluno (Resposta 2)	Na <i>Metamorfose</i> , por meio do isolamento, silêncio e rejeição familiar. Já na música, é por meio da ridicularização e do estranhamento social.
Professora-pesquisadora	E o humor da música cria distanciamento, crítica ou aproximação do tema trabalhado por Kafka?
Aluno (Resposta 3)	Ele cria aproximação, porque facilita a compreensão do tema da exclusão social. E, ao mesmo tempo, está funcionando como crítica, mostrando de forma irônica como a sociedade rejeita quem é considerado diferente.
Professora-pesquisadora	Qual é a crítica social presente nos dois tipos de texto?
Aluno (Resposta 4)	<i>A Metamorfose</i> demonstra a valorização da utilidade e a exclusão do diferente. Já na música, apresenta o preconceito e a marginalização do que foge ao padrão.

Fonte: Elaborado pela autora a partir das interações realizadas durante a oficina literária (2026).

A análise do Quadro 17 evidencia o sucesso da transposição didática. A professora-pesquisadora não apenas introduziu um novo texto, mas utilizou a música como ferramenta para ativar a compreensão ativa dos estudantes acerca dos múltiplos usos da linguagem e das diferentes formas de representação da exclusão social. Do ponto de vista sociocognitivo, os alunos identificaram perfeitamente que o *signo ideológico* central — o inseto marginalizado — está presente em ambas as obras, mas com acentos valorativos distintos: enquanto o conto literário constrói uma atmosfera de dor, angústia e compaixão, a canção recorre ao deboche, ao humor e à ironia (ex.: "já se drogou com detefon") para abordar a rejeição do diferente.

Na dimensão ético-discursiva, amparada nos postulados de Bakhtin, percebe-se que os discentes não se deixaram enganar pelo tom festivo da música, ultrapassando sua recepção imediata para reconhecer sua dimensão crítica. A ressignificação valorada ocorre no exato momento em que um aluno afirma que a exclusão na música se dá "por meio da ridicularização" e outro conclui que o humor funciona "mostrando de forma irônica como a sociedade rejeita quem é considerado

diferente". Essas interpretações evidenciam a compreensão de que o riso pode funcionar como mecanismo de estigmatização e violência simbólica, atuando, em determinadas dinâmicas sociais, de forma tão opressiva quanto o silêncio e a rejeição experimentados por Gregor Samsa. Desse modo, os estudantes demonstraram compreender que diferentes gêneros discursivos refratam uma mesma problemática social por meio de recursos expressivos diversos, produzindo efeitos de sentido complementares.

3.5.2 A Síntese Responsiva: O Humor como Ferramenta de Crítica Social

Como fechamento desta atividade intersemiótica, foi solicitada a elaboração de uma produção textual de síntese, na qual os estudantes deveriam responder se o humor enfraquece ou fortalece a crítica social presente na obra kafkiana. A seguir, destaca-se a resposta de um dos educandos:

Quadro 18 – Produção final sobre a função do humor e a exclusão social

Interlocutor	Fala/Resposta
Professora-pesquisadora	O humor presente na música fortalece ou enfraquece a crítica à exclusão social em Kafka?
Produção Final – Aluno 7	“O humor presente na música fortalece a crítica à exclusão social presente em Kafka. Embora a canção utilize ironia e elementos cômicos, ela chama atenção para a forma como a sociedade trata aquilo que considera diferente. Em <i>A Metamorfose</i> , Gregor é isolado e perde seu lugar na família à medida que deixa de ser útil. Na música, a barata também aparece como figura associada ao estranhamento e à rejeição. Assim, cada texto utiliza recursos diferentes, mas ambos levam o leitor a refletir sobre preconceito, exclusão e desumanização.”

Fonte: Produção responsiva elaborada por estudante durante a oficina literária (2026).

A elaboração deste enunciado no Quadro 18 cristaliza o desenvolvimento de um posicionamento ético, estético e axiológico maduro por parte do leitor-estudante. Em total consonância com a teoria dialógica, o aluno atua não como mero reproduzidor de conteúdo, mas como

sujeito do discurso e elo de conexão entre as vozes do autor-criador tcheco (Franz Kafka) e dos compositores contemporâneos, produzindo novos sentidos a partir desse encontro discursivo.

Ao redigir que "cada texto utiliza recursos diferentes, mas ambos levam o leitor a refletir sobre preconceito", o estudante materializa a essência da compreensão ativa e responsiva. Ele apreende que distintas manifestações artísticas podem convergir para a problematização de uma mesma questão social e que a arte — seja por meio da tragédia do isolamento num quarto, seja por meio da paródia musical de uma barata que ouve *Beatles* e consome veneno — atua como um espelho crítico implacável sobre os processos de exclusão, preconceito e desumanização. A literatura e a música deixam de ser objetos isolados e tornam-se, na voz do aluno, instrumentos complementares de denúncia e reflexão crítica contra um modelo de sociedade que descarta tudo aquilo que lhe soa estranho ou que deixa de ser útil.

3.6 Unidade Temática V – Economia Doméstica, Memória Afetiva e Reconfiguração do Cuidado

Nesta unidade temática, a leitura orientada explorou as transformações na dinâmica familiar após a metamorfose do protagonista, evidenciando um cotidiano progressivamente marcado pelo silêncio e pela centralidade da sobrevivência financeira. A mediação docente teve como objetivo instigar os alunos a perceberem como mudanças materiais e econômicas afetam as relações afetivas, a ética e a comunicação dentro do lar, reconfigurando a forma como o sujeito é reconhecido no interior da família. Nesse percurso, buscou-se ampliar a compreensão dos estudantes acerca das tensões entre cuidado, dependência econômica e pertencimento, dando continuidade ao movimento de leitura dialógica desenvolvido ao longo da oficina.

3.6.1 A Fome como Linguagem e a Voz Social do Dinheiro

A discussão iniciou-se com a análise dos Trechos 1 e 2 da unidade, nos quais a família de Gregor reduz sua alimentação e passa a organizar a vida em torno do cofre do pai. A professora-pesquisadora problematizou o silêncio e os gestos mecânicos da família, conduzindo a turma a uma leitura simbólica do ambiente doméstico. O quadro a seguir ilustra as percepções dos estudantes:

Quadro 19 – Diálogo sobre o silêncio familiar e a centralidade do dinheiro

Interlocutor	Fala/Resposta
Professora-pesquisadora	O que esse trecho revela sobre o clima emocional da casa? E por que a fala “obrigado, comi o suficiente” pode ser lida como mais do que uma informação sobre comida?
Aluno (Resposta 1)	O trecho revela um clima emocional tenso, triste e afetado entre os membros da família. Porque a frase demonstrava não ser só satisfação com a comida, mas também resignação, insatisfação, silêncio e tentativa de evitar conflito com o outro.
Professora-pesquisadora	O texto dá importância ao som do cofre. O que ele representa e que “voz social” entra em cena?
Aluno (Resposta 2)	Porque o cofre representava a segurança financeira e a sobrevivência da família. O dinheiro e a situação financeira passam a ocupar o centro da vida da família.
Professora-pesquisadora	Se Gregor pudesse ouvir a conversa da família sobre dinheiro, o que ele perceberia sobre o espaço que ele ocupava na família?
Aluno (Resposta 3)	Ele ocupava o lugar de trazer dinheiro para casa. A única relação entre eles era o dinheiro.

Fonte: Elaborado pela autora a partir das interações realizadas durante a oficina literária (2026).

A mediação da professora-pesquisadora, conforme demonstrado no Quadro 19, foi fundamental para deslocar a atenção dos discentes da camada literal do texto para a sua dimensão semiótica e discursiva. Ao focar no silêncio, na recusa da comida e no ruído da fechadura do cofre, a docente conduziu a turma a enxergar esses elementos não como meros detalhes descritivos, mas como *signos ideológicos* que revelam as transformações nas relações familiares.

No plano sociocognitivo, os alunos demonstraram uma forte compreensão ativa. Eles identificaram que o fechamento comunicativo (o “não se falava mais a respeito”) é, na verdade, a materialização de um lar que perdeu seu vínculo humano e afetivo. A interpretação da expressão “obrigado, comi o suficiente” como algo que ultrapassa a simples informação sobre a alimentação, assumindo sentidos de resignação e evitação de conflito, reforça a capacidade dos educandos de atribuir significações ampliadas aos enunciados do texto. Ao constatarem que a “única relação entre

eles era o dinheiro" (Resposta 3), os discentes evidenciam ter compreendido a dura denúncia de Kafka: a de que o espaço familiar havia se transformado em um espaço puramente transacional, regido pela sobrevivência econômica.

3.6.2 A Fratura do Vínculo Afetivo e o Valor Utilitário do Sujeito

Dando prosseguimento, a oficina atingiu um elevado grau de abstração sociológica ao analisar o Trecho 3, que contrasta as lembranças do "afeto caloroso" do passado com a frieza do presente, quando a família apenas "aceitava agradecida o dinheiro" de Gregor. O objetivo foi discutir a mercantilização das relações afetivas.

Quadro 20 – Diálogo sobre o afeto, o dinheiro e o valor humano

Interlocutor	Fala/Resposta
Professora-pesquisadora	Qual é a diferença, no texto, entre dar dinheiro e receber afeto?
Aluno (Resposta 1)	Dar dinheiro é ajudar materialmente e receber afeto é receber carinho e atenção.
Professora-pesquisadora	O que o narrador sugere sobre como o dinheiro pode mudar a vida familiar?
Aluno (Resposta 2)	Que o dinheiro pode sustentar e substituir o amor, o carinho e o afeto.
Professora-pesquisadora	Em uma perspectiva bakhtiniana, como podemos ler essa passagem em termos de valor e da relação entre o eu e o outro?
Aluno (Resposta 3)	A relação entre o eu e o outro se reorganiza, porque o sujeito começa a passar a ser definido pela utilidade econômica.
Professora-pesquisadora	Uma pessoa vale pelo que faz ou pelo que é?
Aluno (Resposta 4)	Infelizmente, hoje em dia, o que a gente mais vê é que a sociedade prefere o que você tem ao que você é. Não é o certo, mas infelizmente é a realidade que hoje em dia nós temos.

Fonte: Elaborado pela autora a partir das interações realizadas durante a oficina literária (2026).

Os enunciados dos estudantes no Quadro 20 configuram um dos momentos mais expressivos da transposição das teorias do Círculo de Bakhtin para o ensino de literatura. A mediação docente provocou o cruzamento direto entre a ficção de Kafka e a constituição ética do sujeito contemporâneo.

A compreensão ativa é evidenciada quando os alunos distinguem o papel de provedor ("ajudar materialmente") do vínculo humano ("carinho e atenção"), contrapondo essas dimensões e constatando que, na ausência do dinheiro, o afeto por Gregor também se extingue. Esse movimento demonstra uma leitura crítica das transformações nas relações estabelecidas com o protagonista.

A verdadeira força desta etapa reside na resignificação valorada. Ao responderem à provocação da docente com a constatação de que "o sujeito começa a passar a ser definido pela utilidade econômica" (Resposta 3), os alunos apropriam-se do discurso de forma autônoma, materializando a premissa bakhtiniana de que "toda compreensão de um discurso vivo é simultaneamente sua avaliação, porque nunca há compreensão sem atitude valorativa" (Bakhtin, 2011, p. 345). O ápice crítico ocorre na Resposta 4, quando um discente assume um posicionamento ético e axiológico ao afirmar que *"a sociedade prefere o que você tem ao que você é"*. Nesse movimento, o conto deixa de ser apenas uma narrativa fantástica do século XX e passa a atuar como um espelho crítico e desconfortável da mercantilização da vida humana na contemporaneidade.

3.6.3 *A Vergonha no Corpo e a Exclusão Espacial*

Avançando na leitura da Unidade Temática V (Trecho 4), a professora-pesquisadora conduziu a turma a refletir sobre os momentos em que Gregor, ao ouvir a família discutir sobre a falta de dinheiro, lança-se sobre o sofá de couro em um misto de angústia e impotência. O foco da mediação foi analisar como o sofrimento moral e a exclusão social se manifestam fisicamente no corpo do indivíduo.

Quadro 21 – Diálogo sobre a vergonha, a culpa e a somatização do sofrimento

Interlocutor	Fala/Resposta
Professora-pesquisadora	Por que Gregor sentia tanta vergonha? E quais palavras transformam a vergonha em algo físico?
Aluno (Resposta 1)	Porque ele não podia mais trabalhar e via o fardo financeiro para a família. “Quente de vergonha” e “arranhando o couro”.
Professora-pesquisadora	O que pode representar o gesto de arranhar o couro?
Aluno (Resposta 2)	O desespero e a ansiedade pela frustração de estar preso e impotente.
Professora-pesquisadora	Vocês já sentiram sentimentos aparecendo no corpo de vocês?
Aluno (Resposta 3)	A gente tem ansiedade. Ansiedade em momentos bons, momentos ruins. Eu estou sentindo bastante ansiedade nesses dias em relação ao meu futuro, em relação ao Enem, essas coisas. Então eu acho que o meu sentimento mais forte tem sido isso, porque eu me cobro bastante sobre os estudos, me preocupo muito com o meu futuro.
Professora-pesquisadora	Se Gregor pudesse olhar para si mesmo naquele sofá, como ele se enxergaria?
Aluno (Resposta 4)	Como uma pessoa que perdeu o seu lugar, porque, da forma que ele está, ele não consegue mais ser um trabalhador, não consegue mais trazer lucro para a sociedade. Ele só realmente está existindo.

Fonte: Elaborado pela autora a partir das interações realizadas durante a oficina literária (2026).

A mediação exposta no Quadro 21 revela o sucesso da transposição didática ao conectar a descrição literária do século XX às pressões psicológicas contemporâneas. Ao questionar as marcas linguísticas que tornam a vergonha "algo físico", a professora-pesquisadora ativou a compreensão ativa dos estudantes, que decodificaram o ato de "arranhar o couro" não como uma ação animalesca, mas como o extravasamento tátil do desespero, da ansiedade e do sentimento de impotência diante das exigências sociais.

Do ponto de vista discursivo, a interação culmina em uma ressignificação valorada de alta densidade emocional. Ao serem questionados se já sentiram emoções se manifestando no próprio corpo, um aluno traça um paralelo direto entre a autocobrança de Gregor (que sofre por não prover o sustento da família) e a sua própria ansiedade diante do ENEM e das cobranças sobre o seu "futuro", evidenciando a associação entre valor do sujeito e desempenho social. O estudante compreende a opressão vivenciada pelo protagonista, assumindo um posicionamento ético de que a sociedade adoece o indivíduo que sente estar falhando em suas obrigações. Gregor passa, assim, a espelhar a angústia da juventude moderna frente à obrigação de ser produtiva e corresponder continuamente às expectativas sociais.

3.6.4 *Exotopia e Cuidado: A Janela como Memória de Liberdade*

Dando sequência (Trecho 5), a oficina abordou um dos raros momentos de empatia familiar na obra: quando a irmã de Gregor percebe que ele tem dificuldade para olhar pela janela e passa a deixar uma cadeira estrategicamente posicionada para auxiliá-lo. O debate ancorou-se no conceito bakhtiniano de *exotopia* — entendido como a possibilidade de olhar a partir do lugar do outro sem perder a própria posição valorativa — e na linguagem dos gestos não verbais.

Quadro 22 – Diálogo sobre o cuidado silencioso e a memória de liberdade

Interlocutor	Fala/Resposta
Professora-pesquisadora	O que a janela simboliza e o que muda quando a irmã passa a deixar a cadeira preparada para ele?
Aluno (Resposta 1)	Simbolizava a fronteira entre o isolamento e o mundo exterior. É o elo de Gregor com sua humanidade. Muda a dinâmica do isolamento. Ele deixa de fazer um esforço físico doloroso e passa a ter seu desejo de olhar para fora validado.
Professora-pesquisadora	Como essa atitude pode ser lida como uma contrapalavra da irmã e onde está o trágico nessa cena?
Aluno (Resposta 2)	A bondade aparece através da empatia. Ela observa a necessidade silenciosa dele e age para garantir seu bem-estar. O trágico está no fato de que Gregor depende de um esforço hercúleo para um ato simples, e sua liberdade agora é apenas visual. Ele continua preso.

Professora-pesquisadora	Pequenos gestos podem dizer muito, mesmo sem palavras. Que gestos mostram cuidado no cotidiano de vocês?
Aluno (Resposta 3)	Um gesto simples, como perguntar como você está, já faz a pessoa se sentir importante. Um bom dia, por exemplo. Você vê que a pessoa está ali e demonstra felicidade.

Fonte: Elaborado pela autora a partir das interações realizadas durante a oficina literária (2026).

A análise do Quadro 22 destaca como a mediação levou os alunos a compreenderem o silêncio não apenas como opressão, mas, em momentos específicos, como veículo de afeto e reconhecimento do outro. A docente instigou a compreensão ativa ao introduzir a atitude da irmã como uma *contrapalavra* — uma resposta discursiva concretizada em ação. Os alunos apreenderam a dimensão *exotópica* da cena, observando que a irmã foi capaz de sair de si mesma para enxergar o esforço do outro, validando sua humanidade.

Esse exercício de empatia literária resultou em um engajamento responsivo. A ressignificação valorada materializou-se quando a turma transferiu a reflexão do romance para o cotidiano, valorizando a dimensão ética dos "pequenos gestos" cotidianos, como um simples "bom dia" ou perguntar "como você está". O texto kafkiano atuou, mais uma vez, como ponte para a reavaliação das relações interpessoais dos educandos.

3.6.5 O Lençol como Pacto Silencioso e o Autoapagamento

O fechamento da Unidade Temática V (Trecho 6) analisou a cena em que Gregor se cobre com um lençol para esconder sua aparência física e poupar a irmã do desconforto. A discussão mediada visou debater o limite entre o cuidado com o outro e a anulação de si mesmo em busca de aceitação.

Quadro 23 – Diálogo sobre o autoapagamento e a busca por inclusão

Interlocutor	Fala/Resposta
Professora-pesquisadora	Por que Gregor decide se cobrir com o lençol? Isso é apenas submissão ou também é um gesto ético?
Aluno (Resposta 1)	Para não assustar nem incomodar sua irmã. É também um gesto ético de cuidado que ele tem por ela.

Professora-pesquisadora	Que tensão aparece aqui entre reconhecimento do outro e apagamento de si?
Aluno (Resposta 2)	Gregor tenta ser reconhecido, mas ao mesmo tempo se apaga para proteger os outros.
Professora-pesquisadora	Às vezes a gente esconde partes de quem é para não incomodar ou não ser rejeitado pelas outras pessoas?
Aluno (Resposta 3)	A gente esconde muitas vezes para se sentir mais incluído em um grupo. Vamos supor que você entra em uma escola nova e não se identifica muito. Aí você esconde muitas vezes quem você é, o que realmente pensa, e acaba perdendo a personalidade por causa disso.
Professora-pesquisadora	Às vezes a gente esconde partes de quem é para não incomodar ou não ser rejeitado pelas outras pessoas?
Aluno (Resposta 4)	Se você se esconde para não incomodar, isso acontece muito dentro de casa. Às vezes as pessoas escondem o que estão passando dentro de casa, fazem silêncio para não incomodar a mãe, os amigos, não falam o que está acontecendo.

Fonte: Elaborado pela autora a partir das interações realizadas durante a oficina literária (2026).

O Quadro 23 expõe um dos debates de maior densidade axiológica da pesquisa. A mediação da professora-pesquisadora evitou a polarização simplista da narrativa — restrita à oposição entre vítima e algozes — e provocou a turma a reconhecer as ambiguidades presentes na conduta de Gregor. Os alunos alcançaram uma compreensão ativa aprofundada ao interpretarem o lençol não apenas como um objeto físico, mas como um *signo ideológico* ambíguo: ele é, simultaneamente, um gesto de amor e cuidado, ao buscar poupar o outro do desconforto, e um ato de submissão, na medida em que oculta a própria existência para continuar sendo tolerado no espaço familiar.

O sucesso desta transposição didática reflete-se na ressignificação valorada das Respostas 3 e 4. Guiados pelo princípio dialógico de Bakhtin, os estudantes deslocaram o dilema do homem-inseto para experiências relacionadas à adolescência e ao convívio familiar. Eles estabelecem um posicionamento ético significativo ao compararem o lençol de Gregor às "máscaras" sociais utilizadas pelos jovens para se adequarem a novos grupos na escola, muitas vezes "perdendo a personalidade" no processo. Ademais, reconhecem o autoapagamento emocional dentro de casa,

onde indivíduos silenciam dores e sofrimentos "para não incomodar a mãe". A literatura cumpriu seu papel transformador ao fornecer as palavras necessárias para que os alunos desvelassem, problematizassem e nomeassem seus próprios pactos silenciosos de exclusão, convertendo a leitura em um espaço de reflexão crítica sobre si e sobre o outro.

3.7 Unidade Temática VI – Espaço, Memória e Conflito de Cuidado: O Quarto como Campo de Disputa

Nesta unidade temática, a leitura evidenciou o aprofundamento do conflito entre cuidado e apagamento social. O foco das discussões direcionou-se para a transformação do quarto de Gregor Samsa, espaço que passa a atuar como uma materialização de sua identidade, de suas memórias e de seus vínculos com a condição humana. A mediação da professora-pesquisadora problematizou a decisão da mãe e da irmã de retirar os móveis do cômodo, instigando os alunos a analisarem como decisões aparentemente práticas e bem-intencionadas carregam profundos valores éticos, afetivos e ideológicos e podem acelerar, ainda que involuntariamente, o processo de desumanização do sujeito.

3.7.1 O Conflito de Cuidado e a Memória Material

A discussão foi iniciada com a análise das diferentes perspectivas familiares sobre o esvaziamento do quarto de Gregor. Enquanto a irmã enxergava a retirada dos móveis como uma forma de proporcionar mais espaço para Gregor rastejar, privilegiando sua nova condição animal, a mãe temia que tal decisão significasse um abandono simbólico de sua vida pregressa, de suas memórias e de sua identidade anterior. A mediação da professora-pesquisadora problematizou essa tensão entre adaptação e preservação, conduzindo os estudantes a refletirem sobre o papel dos objetos como suportes de memória, pertencimento e reconhecimento humano. O quadro a seguir ilustra a compreensão dos educandos acerca do valor afetivo e simbólico desses objetos.

Quadro 24 – Diálogo sobre a retirada dos móveis e o valor afetivo dos objetos

Interlocutor	Fala/Resposta
Professora-pesquisadora	Por que a mãe não queria retirar todos os móveis do quarto?
Aluno (Resposta 1)	Porque ela acreditava que os móveis ainda representavam um vínculo entre Gregor e sua vida humana anterior. Para ela, esvaziar completamente o quarto poderia significar desistir dele e tratá-lo apenas como um inseto.
Professora-pesquisadora	O que as paredes vazias simbolizam nesse trecho?
Aluno (Resposta 2)	As paredes vazias simbolizam o abandono, a perda da identidade e o rompimento definitivo dos laços de Gregor com sua vida passada.
Professora-pesquisadora	Qual a diferença entre a atitude da mãe e a da irmã nesse momento da narrativa?
Aluno (Resposta 3)	A irmã acredita que retirar os móveis ajudaria Gregor a se adaptar à sua nova condição. Já a mãe teme que essa mudança represente a perda daquilo que ainda o liga à sua humanidade e à sua história.
Professora-pesquisadora	É possível que algo material tenha valor afetivo? Explique.
Aluno (Resposta 4)	Sim. Alguns objetos guardam lembranças, histórias e sentimentos importantes. Eles ajudam a preservar a identidade das pessoas e a memória de quem elas são.

Fonte: Elaborado pela autora a partir das interações realizadas durante a oficina literária (2026).

A análise do Quadro 24 evidencia o sucesso da mediação docente ao não permitir que a leitura se limitasse à superfície narrativa do texto. Ao questionar os motivos da mãe e o peso simbólico das "paredes vazias", a professora-pesquisadora ativou a compreensão ativa dos estudantes, que foram capazes de interpretar o quarto não como um mero agrupamento de objetos materiais, mas como um *signo ideológico* atravessado por memórias, afetos e experiências constitutivas da trajetória de Gregor.

Os discentes compreenderam que os móveis materiais representam, na verdade, a "identidade", a "memória" e os vestígios da existência social do protagonista (Resposta 4). Essa constatação sociocognitiva é fundamental na teoria bakhtiniana, pois demonstra que os alunos perceberam que o apagamento social do indivíduo começa com o apagamento dos seus rastros

históricos, culturais e afetivos no mundo. Dessa forma, o esvaziamento do quarto simboliza a perda progressiva dos referenciais que sustentam o reconhecimento do sujeito como indivíduo.

3.7.2 Exotopia e a Voz Ética: O Quarto como Extensão da Identidade

Aprofundando a discussão, a oficina literária retomou o conceito bakhtiniano de exotopia, relacionado à capacidade de considerar a perspectiva do outro. A professora-pesquisadora promoveu um debate instigando os alunos a tomarem partido na disputa familiar, avaliando quem estaria agindo de forma mais ética em relação ao sofrimento de Gregor. A mediação buscou mobilizar nos estudantes a reflexão sobre diferentes formas de cuidado e seus efeitos para aquele que as recebe.

Quadro 25 – Diálogo sobre exotopia, intenções de cuidado e o apagamento do sujeito

Interlocutor	Fala/Resposta
Professora-pesquisadora	A irmã interpreta a retirada dos móveis como ajuda. A mãe interpreta a retirada dos móveis como abandono. Quais palavras e construções mostram que a mãe fala mais pelo afeto do que pela lógica?
Aluno (Resposta 1)	A mãe usa termos relacionados à esperança, à memória, ao abandono e ao filho, que mostram que ela decide mais com o coração do que pela utilidade das coisas.
Professora-pesquisadora	Pela perspectiva bakhtiniana, quem está mais próxima de uma atitude ética responsiva em relação ao outro: a mãe ou a irmã?
Aluno (Resposta 2)	A mãe demonstra maior sensibilidade ao pensar em Gregor, porque ela se preocupa com os sentimentos dele e teme que ele se sinta abandonado ao ver o quarto vazio.
Professora-pesquisadora	Se vocês estivessem observando a situação de fora, conhecendo Gregor, achariam que tirar os móveis seria uma ajuda ou um abandono?
Aluno (Resposta 3)	Depende do ponto de vista. Pode ser uma ajuda, porque estariam tentando evitar que ele ficasse lembrando da vida passada e sofresse por causa disso.
Professora-pesquisadora	Se vocês estivessem observando a situação de fora, conhecendo Gregor, achariam que tirar os móveis seria uma ajuda ou um abandono?

Aluno (Resposta 4)	Eu acho que seria abandono, porque tirar os móveis retira também a identidade dele, aquilo que ele era, deixando apenas aquilo que ele se tornou.
--------------------	---

Fonte: Elaborado pela autora a partir das interações realizadas durante a oficina literária (2026).

O debate transcrito no Quadro 25 ilustra o ápice da ressignificação valorada nesta etapa da oficina. A mediação da professora-pesquisadora permitiu que a sala de aula se transformasse em uma verdadeira arena discursiva, onde diferentes *acentos valorativos* entraram em embate e produziram novos sentidos acerca do cuidado e da preservação da identidade.

Ao analisarem as intenções das personagens, os alunos atingiram a dimensão ética da leitura. Eles reconhecem, com notável maturidade interpretativa, que a mãe exerce a *exotopia* de forma mais plena (Resposta 2), pois se recusa a reduzir o filho à sua nova condição animal e luta para preservar sua humanidade psicológica, recusando uma compreensão meramente prática ou funcional de sua existência.

O posicionamento ético e autoral dos estudantes ganha destaque no embate entre as Respostas 3 e 4. Enquanto um aluno defende que apagar o passado seria uma forma de poupar Gregor do sofrimento da comparação, outro discente assume a posição de que "*tirar os móveis retira também a identidade dele*". Essa pluralidade de interpretações comprova que os educandos não estão apenas consumindo uma narrativa, mas dialogando ativamente com os dilemas morais da obra, compreendendo que o cuidado, quando imposto sem escuta, pode se transformar em mais uma forma de violência, apagamento e silenciamento.

3.8 Unidade Temática VII – Autoridade Restaurada, Morte e Ruptura Definitiva

A última unidade temática da oficina literária debruçou-se sobre o desfecho da obra *A Metamorfose*, momento em que ocorre a morte biológica de Gregor Samsa e a subsequente reestruturação da sua família. O objetivo da mediação docente nesta etapa final foi analisar a linguagem da desumanização e problematizar o sentimento de alívio familiar, conduzindo os estudantes a compreenderem que a verdadeira morte do protagonista — a morte social e simbólica — já havia ocorrido muito antes do seu fim físico.

3.8.1 A Linguagem da Desumanização e a Morte como Banalidade

A discussão iniciou-se com a leitura da cena em que a faxineira encontra o corpo de Gregor e anuncia o seu falecimento para a família. A professora-pesquisadora focou a mediação nas escolhas lexicais utilizadas pela personagem (como o uso da expressão "bateu as botas" e do termo "coisa") para revelar como a linguagem corrobora o apagamento da dignidade humana. O quadro a seguir ilustra as reflexões construídas em sala:

Quadro 26 – Diálogo sobre a morte como notícia e o esvaziamento da identidade

Interlocutor	Fala/Resposta
Professora-pesquisadora	Que escolha de linguagem constrói o modo como a faxineira reage à morte de Gregor?
Aluno (Resposta 1)	A faxineira usa uma linguagem informal e sem sensibilidade, principalmente na expressão “bateu as botas”, tratando a morte de Gregor de forma debochada e indiferente.
Professora-pesquisadora	As palavras que usamos mudam a forma como enxergamos alguém. Quando a gente vai às redes sociais e acontece a morte de alguém e alguém comenta: “Ah, foi de arrasta pra cima”. Esse tipo de linguagem faz com que as pessoas nos enxerguem de outra forma?
Aluno (Resposta 2)	Sim. Eu acredito que seja uma linguagem um tanto quanto informal, pois eu acho que sim, mostra um caso de desumanização. Uma pessoa que está ali perdeu sua vida, pode ser quem for, ela perdeu sua vida e você trata como se aquilo não fosse nada.
Professora-pesquisadora	O que acontece quando deixamos de chamar alguém pelo nome e passamos a reduzir a um rótulo, como “coisa”?
Aluno (Resposta 3)	Praticamente, ele se sentiria desumanizado, porque o nome da pessoa é uma forma de caracterizar ela, é uma forma de identificar ela. E quando ele é chamado de coisa, ele não é tratado como uma pessoa humana.

Fonte: Elaborado pela autora a partir das interações realizadas durante a oficina literária (2026).

A análise do Quadro 26 evidencia uma transposição didática consistente, alicerçada no princípio dialógico. A professora-pesquisadora evitou a mera interpretação do enredo para promover uma investigação do *signo ideológico*. Ao correlacionar a expressão "bateu as botas", presente na obra kafkiana, com a gíria contemporânea "foi de arrasta pra cima", a docente promoveu uma compreensão ativa por parte dos educandos.

Do ponto de vista discursivo, observou-se um significativo movimento de resignificação valorada. Os alunos perceberam que a linguagem não é neutra, assumindo o posicionamento ético de que a utilização de termos informais ou debochados para noticiar o fim de uma vida "mostra um caso de desumanização". Ao refletirem sobre o fato de Gregor ser chamado de "coisa", os discentes constataram que a perda do nome próprio constitui a etapa final da coisificação do sujeito, momento em que ele perde definitivamente o direito de ser pranteado e lembrado como indivíduo.

3.8.2 O Alívio Familiar, o Recomeço e a Morte Simbólica

Para o encerramento da oficina, a discussão voltou-se para a reação da família Samsa diante da notícia da morte, que profere um "graças a Deus" e, posteriormente, sai para um passeio de bonde banhado pelo sol, planejando um futuro promissor. O objetivo da mediação foi instigar a turma a avaliar criticamente os valores morais subjacentes a esse recomeço.

Quadro 27 – Diálogo sobre o luto ausente, o alívio e a exclusão definitiva

Interlocutor	Fala/Resposta
Professora-pesquisadora	Por que a frase “agora podemos agradecer a Deus” provoca choque ao leitor?
Aluno (Resposta 1)	Provoca choque porque a morte de Gregor é tratada como algo positivo e como um alívio, mostrando falta de compaixão pela vida dele.
Professora-pesquisadora	Se alguém observasse a família e conhecesse a história, acharia que houve luto ou houve alívio?
Aluno (Resposta 2)	Eu acredito que seja um alívio, pois quando Gregor era uma pessoa normal, antes de virar um inseto, eles tinham muitos momentos em família. A partir do momento que ele virou um inseto, a família acabou afastando ele e começam a tratar ele como se não valesse nada.

Professora-pesquisadora	Ao final da narrativa, Gregor morreu apenas fisicamente ou sua exclusão começou muito antes?
Aluno (Resposta 3)	A exclusão de Gregor começou antes da sua morte física, quando ele passou a ser tratado como um peso e deixou de ser reconhecido como parte da família. Sua morte simbólica aconteceu aos poucos, através do isolamento, da rejeição e da falta de afeto.

Fonte: Elaborado pela autora a partir das interações realizadas durante a oficina literária (2026).

Os enunciados dos estudantes, dispostos no Quadro 27, consolidam o ápice axiológico da pesquisa-intervenção. A mediação da docente, ao problematizar o estranhamento provocado pelo "agradecer a Deus", permitiu que os discentes identificassem a inversão de valores da obra: a família não lamenta a perda do filho, mas manifesta alívio diante do que passa a ser compreendido como um fardo.

A compreensão ativa dos estudantes evidencia a dimensão trágica e utilitarista das relações. A consagração da oficina literária ocorre na Resposta 3, na qual a turma manifesta uma significativa ressignificação valorada ao formular o conceito de *morte simbólica*. Os alunos compreendem, com base na lógica dialógica de Bakhtin, que a existência humana depende do reconhecimento e do vínculo com o outro. Assumem a postura ética de que Gregor não foi morto biologicamente ao final do conto, mas foi “assassinado socialmente aos poucos, através do isolamento, da rejeição e da falta de afeto”, desde o momento em que deixou de produzir e prover financeiramente para a família.

Com esse encerramento, evidencia-se que a literatura — quando mediada de forma crítica — possibilita aos estudantes desvelarem formas de violência e utilitarismo que atravessam não apenas o universo de Kafka, mas também as dinâmicas da sociedade contemporânea.

3.9 A Produção Responsiva Final: A Morte Simbólica, o Utilitarismo e a Crítica Social

A última etapa da oficina literária constituiu-se como o momento culminante do processo dialógico: a produção textual final. Solicitou-se aos alunos a elaboração de uma síntese argumentativa em resposta à questão sobre se a morte de Gregor Samsa representaria apenas o fim de um personagem ou a reorganização dos valores familiares. A atividade encontra respaldo na tese bakhtiniana de que "a compreensão ativa é o início de uma resposta" (Bakhtin, 2011, p. 318).

Ao consolidarem suas respostas, os discentes deixaram a posição de receptores passivos para assumirem a posição de autores responsivos, confirmando a perspectiva de Carvalho (2024a, p. 58-59) de que "o leitor, neste contexto, configura-se como um coconstrutor da criação artística-literária, ressignificando os enunciados proferidos pelas vozes em sua dimensão ética, estética e discursiva".

3.9.1 O Verdadeiro Monstro: Utilitarismo e Descarte Social

A análise das produções evidencia que os alunos conseguiram desconstruir com êxito a camada insólita da obra, deslocando o foco interpretativo da metamorfose física para as relações de caráter utilitarista que sustentavam o convívio da família Samsa. O quadro a seguir ilustra fragmentos representativos que denunciam o caráter utilitarista da sociedade retratada:

Quadro 28 – Fragmentos das produções finais sobre o utilitarismo e o descarte

Autor	Produção textual
Marcelo	“Quando comecei a ler, fiquei com muita pena de Gregor Samsa e achei que a história seria um conto de terror ou suspense sobre um monstro isolado no quarto. Só que, terminando de ler na oficina, minha mente mudou cem por cento. Vi que o verdadeiro monstro da história não é o inseto. A morte de Gregor não é só o fim de um personagem, mas a reorganização cruel de uma família que só funcionava por puro interesse. (...) Essa leitura me fez pensar muito sobre como as pessoas podem descartar os outros quando eles não têm mais utilidade.”
Paulo	“Gregor deixa de ser o irmão deles e vira apenas um problema que gasta energia e atrapalha a casa. Por isso, para mim, a morte dele foi sim uma reorganização da família. O fim dele foi igual a jogar fora um objeto que quebrou e não serve mais. (...) A morte dele ajudou a vida deles porque tirou a obrigação de ter pena do coitado.”

Fonte: Produções textuais finais elaboradas pelos estudantes durante a oficina literária (2026).

Os fragmentos do Quadro 28 evidenciam um notável nível de abstração sociológica. Cognitivamente, a compreensão ativa é comprovada pela quebra de expectativa narrada pelo aluno

Marcelo: ele confessa ter iniciado a leitura esperando um "conto de terror", mas, ao final, percebeu que o "verdadeiro monstro" são as relações baseadas no interesse.

Do ponto de vista discursivo, as metáforas criadas pelos estudantes — como a comparação de Gregor a um "negócio que quebrou e não serve mais" — materializam uma profunda ressignificação valorada. Os alunos transpunham a lógica capitalista para a esfera dos afetos íntimos, assumindo o posicionamento ético de que, quando o sujeito perde sua utilidade financeira, ele perde também o direito à compaixão.

3.9.2 A Linguagem da Frieza e a Coisificação do Sujeito

Um segundo eixo que emergiu nas redações finais foi a percepção refinada dos alunos quanto às escolhas lexicais de Kafka. Os estudantes notaram que a desumanização de Gregor não se deu apenas pela sua aparência, mas fundamentalmente pelo modo como a linguagem foi utilizada para apagar a sua identidade.

Quadro 29 – Fragmentos das produções finais sobre a coisificação e a linguagem

Autor	Produção textual
Amanda	“Kafka usa palavras como ‘monstro’ e ‘coisa’ para mostrar que Gregor perdeu o valor como pessoa. (...) A linguagem de Kafka é bem fria. Ele conta a morte de Gregor não como uma perda, mas como a resolução de um problema. Isso mostra que para a família ele já não era mais um filho ou irmão, e sim um peso.”
Laura	“O valor de um indivíduo sendo apagado ao não ser mais ‘funcional’ em relação à renda (...) a real problemática está na metamorfose do tratamento familiar. Logo, a morte do protagonista não representa um fim, mas uma reorganização da vida de sua família. Gregor é tratado como um despacho.”

Fonte: Produções textuais finais elaboradas pelos estudantes durante a oficina literária (2026).

O Quadro 29 consolida a eficácia da transposição da teoria de Bakhtin para o ensino. A aluna Amanda compreende com precisão o conceito de *signo ideológico* ao observar que as palavras "monstro" e "coisa" carregam acentos valorativos que contribuem para destituir o valor do humano.

A força discursiva desta etapa reside no enunciado da aluna Laura, que formula o conceito de "metamorfose do tratamento familiar". Ao realizar essa constatação, a estudante atinge o cume da ressignificação valorada: ela desloca o foco da mutação biológica do inseto e identifica que a verdadeira anomalia da obra é a mutação moral da família. O uso do termo "despacho" reforça o posicionamento crítico da turma frente à objetificação extrema do protagonista.

3.9.3 A Ironia do Recomeço e o Despertar Crítico do Leitor-Estudante

Por fim, os discentes refletiram sobre as cenas finais da narrativa, estabelecendo relações entre o aparente alívio da família, o esvaziamento contemporâneo dos vínculos e as pressões do mercado de trabalho.

Quadro 30 – Fragmentos das produções finais sobre a sociedade e o recomeço irônico

Autor	Produção textual
Joaquim	“Minha opinião mudou muito do começo do livro até aqui: o que parecia uma história louca de monstro virou crítica sobre a sociedade. O autor escreve de um jeito que a gente vai sentindo o Gregor sumir aos poucos, por causa das falas e das atitudes da família que tiram toda a dignidade dele. (...) No fim das contas a morte de Gregor foi a remoção do obstáculo que impedia a família de viver em paz.”
Marina	“A morte dele revela o quanto a convivência familiar já estava desgastada e como cada pessoa havia mudado ao longo da história. Nesse sentido, o final da obra mostra que o problema não era apenas a transformação física de Gregor, mas também a incapacidade da família de aceitar alguém que havia se tornado diferente.”
Marcelo	“Ele não se importava com sua saúde ou aparência, a única demonstração de preocupação era com seu trabalho (...) Ele seria um trabalhador CLT típico que acaba não se preocupando com sua saúde e sim com seu trabalho. (...) No final, após a morte de Gregor, sua família não demonstra luto, tristeza ou desespero (...) e encara a morte de Gregor como um problema resolvido.”

Fonte: Produções textuais finais elaboradas pelos estudantes durante a oficina literária (2026).

Os fragmentos reunidos no Quadro 30 selam o êxito da intervenção pedagógica-investigativa. Amparados no princípio dialógico — segundo o qual o sentido se constrói na relação entre os sujeitos —, os alunos elaboraram autoavaliações de seus próprios percursos de leitura ("Minha opinião mudou muito do começo do livro até aqui").

A compreensão responsiva ativa manifesta-se de forma significativa quando o aluno Marcelo correlaciona as angústias de Gregor às de um "trabalhador CLT típico", transpondo o século XX para a realidade trabalhista brasileira contemporânea. Essa articulação evidencia um elevado nível de posicionamento axiológico, no qual a exclusão do diferente e a exaustão produtiva deixam de ser apenas ficção e passam a ser lidas como diagnósticos da própria era.

As produções finais comprovam, em definitivo, a tese desta pesquisa: a de que o ensino de literatura, quando mediado por um viés dialógico e axiológico, liberta o aluno da posição passiva de mero decodificador. Os estudantes utilizaram a tragédia de Gregor Samsa como instrumento para denunciar, julgar e ressignificar as relações utilitárias da sociedade em que vivem.

3.10 Avaliação das Atividades Realizadas

A proposta de leitura e discussão da obra *A Metamorfose*, de Franz Kafka, desenvolvida com os alunos, visou a uma abordagem ampla que integrasse as dimensões cognitivas, éticas, estéticas e discursivas, promovendo, assim, uma compreensão ativa e responsiva. Ao longo de todas as unidades temáticas e das atividades de produção textual, os estudantes foram constantemente incentivados a não apenas ler e interpretar o enredo de forma passiva, mas a ressignificá-lo a partir de suas próprias perspectivas, vivências e valores sociais, criando uma interação dialógica com o material estudado.

No plano cognitivo, a intervenção buscou desenvolver habilidades de leitura crítica e analítica. A leitura do conto serviu como base para que os alunos pudessem identificar e decodificar o elemento "insólito" — a transformação de um homem em inseto — não como uma mera fantasia ou história de terror, mas como uma poderosa metáfora para o esgotamento social e a exclusão. As discussões em sala de aula evidenciaram que os estudantes desenvolveram um entendimento das estruturas narrativas ao transportarem o absurdo literário para a realidade atual, identificando Gregor Samsa nas figuras dos "trabalhadores CLT típicos", das minorias silenciadas e dos sujeitos invisibilizados pelo excesso de responsabilidades.

A dimensão ética foi amplamente explorada através da análise das consequências das ações dos personagens e das questões morais subjacentes à narrativa familiar. A obra kafkiana ofereceu um terreno fértil para discutir a crueldade do utilitarismo, o descarte do sujeito improdutivo e a fragilidade dos vínculos baseados no interesse financeiro. Durante os debates, os alunos assumiram posicionamentos éticos ao condenarem a atitude violenta e negligente da família Samsa e do gerente, refletindo sobre como a sociedade contemporânea coisifica e abandona aqueles que deixam de ser "funcionais" ou perdem sua utilidade para o sistema.

Esteticamente, a proposta valorizou a percepção da linguagem, da ironia e das construções espaciais do texto como ferramentas de crítica. Os alunos demonstraram sensibilidade ao analisarem como a frieza das palavras escolhidas pelo autor (como "coisa", "bicho" ou "bateu as botas") corrobora o processo de desumanização. Além disso, compreenderam a tensão estética entre o corpo monstruoso do protagonista e os seus sentimentos profundamente humanos, reconhecendo que o autor-criador utilizou o grotesco para denunciar a perda da dignidade e as violências silenciosas representadas pela porta fechada e pelo quarto esvaziado.

No âmbito discursivo e ideológico, a interação e a troca de ideias transformaram a sala de aula em uma arena de vozes sociais. As discussões coletivas fomentaram um ambiente dialógico em que os alunos confrontaram a ideologia do trabalho opressor e do conformismo social. Esse entendimento alinha-se à visão do Círculo de Bakhtin sobre a presença da ideologia na linguagem e na arte, conforme explica Carlos Alberto Faraco:

A palavra ideologia é usada, em geral, para designar o universo dos produtos do “espírito” humano, aquilo que algumas vezes é chamado por outros autores de cultura imaterial ou produção espiritual (talvez como herança de um pensamento idealista); e, igualmente, de formas da consciência social (num vocabulário de sabor mais materialista). Ideologia é o nome que o Círculo costuma dar, então, para o universo que engloba a arte, a ciência, a filosofia, o direito, a religião, a política, ou seja, todas as manifestações superestruturais (para usar uma certa terminologia marxista) (Faraco, 2003, p. 46).

Concordando com Faraco, compreende-se que a ideologia abrange o universo das formas da consciência social e das manifestações humanas, e que a literatura funciona como uma lente potente para examinar como essas dimensões se articulam na vida social. Ao longo da oficina, a ideologia utilitarista do capitalismo manifestou-se de forma explícita nas exigências do gerente e no alívio final da família com a morte do protagonista. Os estudantes, em uma leitura com ressignificação valorada, não aceitaram passivamente esse discurso; pelo contrário, o

questionaram, articularam-no a reportagens e músicas (como *Uma Barata Chamada Kafka*) e formularam críticas à sociedade que prioriza números e lucro em detrimento da humanidade.

Em suma, a proposta pedagógica, ao integrar essas múltiplas dimensões, cumpriu seu papel. Por meio da transposição didática das categorias de Bakhtin, os alunos foram levados a refletir sobre suas próprias crenças, deslocando-se da posição de receptores passivos para se tornarem leitores responsivos, cidadãos críticos e sujeitos de seu próprio discurso. Esse processo de amadurecimento literário e ético fornece, assim, as bases conclusivas e as respostas finais aos objetivos desta pesquisa-intervenção.

4 ANÁLISE DO PRODUTO EDUCACIONAL: O CADERNO PEDAGÓGICO *VOZES QUE RESSIGNIFICAM*

O Caderno Pedagógico *Vozes que Resignificam: Leitura Dialógica e Valoração em A Metamorfose* constitui a materialização prática e teórico-metodológica desta pesquisa no âmbito do PROFLETRAS. Elaborado a partir dos pressupostos do dialogismo bakhtiniano e da proposta de leitura com ressignificação valorada (CARVALHO, 2024a), o produto educacional busca superar abordagens escolares centradas predominantemente na descrição de conteúdos literários, configurando-se como um instrumento de mediação voltado à formação ética, estética e discursiva dos estudantes do Ensino Médio.

Um dos aspectos centrais de sua organização consiste na progressão didática destinada à sensibilização do leitor, desenvolvida nas Etapas I e II. O material evita o contato imediato com a narrativa kafkiana, instituindo um percurso inicial de mobilização interpretativa e construção de expectativas de leitura. Na Etapa I, a exploração da capa da obra favorece a formulação de hipóteses acerca das relações de poder, da vulnerabilidade e dos efeitos produzidos pelo contraste entre o humano e o animal. Já na Etapa II, propõe-se uma distinção entre Autor-Pessoa e Autor-Criador, fundamentada nas contribuições do Círculo de Bakhtin, visando minimizar leituras excessivamente biografistas e direcionar a atenção dos estudantes para a construção estética do insólito como forma de problematização social.

O núcleo estruturante do caderno encontra-se na Etapa III, dedicada à leitura orientada da obra, organizada em sete Unidades Temáticas. Nessa etapa, a proposta procura deslocar o foco de atividades centradas na mera localização de informações para questões investigativas que

estimulem a compreensão ativa, a formulação de hipóteses, a problematização de valores e a construção compartilhada de sentidos.

Cabe destacar que, embora a oficina de leitura e a análise dos dados desta pesquisa tenham sido inicialmente estruturadas a partir dos três planos analíticos propostos por Carvalho (2024a) — discursivo, estético e ético —, a versão final do produto educacional foi ampliada para cinco eixos de leitura, incorporando o Plano Sociocognitivo e o eixo de Ressignificação. Essa reformulação resulta do amadurecimento da proposta após sua aplicação em sala de aula, buscando oferecer aos professores da Educação Básica um material mais abrangente, flexível e adequado às demandas da transposição didática do texto literário.

A relação dialógica entre textos constitui outro elemento relevante na arquitetura do caderno. Na Unidade III, por exemplo, a experiência de esgotamento vivenciada por Gregor Samsa é colocada em diálogo com uma reportagem sobre invisibilidade emocional, possibilitando aproximar a narrativa literária de discussões contemporâneas relacionadas ao adoecimento psíquico, às exigências de produtividade e à sobrecarga social. Na Unidade IV, a inserção da canção *Uma barata chamada Kafka*, da banda Inimigos do Rei, promove um deslocamento estético ao convidar os estudantes a refletirem sobre os efeitos do humor, da ironia e da paródia na construção de críticas sociais acerca da exclusão e da desumanização.

Outro diferencial do material reside na elaboração do Gabarito Comentado (Leitura Bakhtiniana), concebido como instrumento de apoio à mediação docente. Em vez de apresentar respostas fechadas, o caderno oferece subsídios teóricos e interpretativos que auxiliam o professor na condução das discussões e na ampliação das possibilidades de leitura. Situações narrativas específicas são retomadas à luz das categorias bakhtinianas, permitindo compreender, por exemplo, o silêncio da família diante de Gregor como uma ruptura interlocutiva e uma fronteira discursiva; a oferta de diferentes alimentos pela irmã como um acento valorativo ambíguo, marcado simultaneamente pelo cuidado e pelo estranhamento; e o gesto do protagonista ao esconder-se sob o sofá como manifestação da internalização do olhar do outro, aproximando-se do conceito de exotopia.

Em síntese, o Caderno Pedagógico ultrapassa a condição de um conjunto de atividades complementares, configurando-se como um produto educacional articulado aos objetivos desta investigação e aos resultados produzidos durante a oficina de leitura. Ao oferecer estratégias de mediação fundamentadas no dialogismo e na ressignificação valorada, o material busca demonstrar

que o ensino de literatura pode constituir um espaço privilegiado para o desenvolvimento da compreensão ativa, da reflexão ética e do reconhecimento da alteridade. Nesse sentido, a trajetória de Gregor Samsa deixa de ser apenas uma experiência ficcional do absurdo para converter-se em uma possibilidade concreta de problematização das formas contemporâneas de exclusão, invisibilização e objetificação dos sujeitos, reafirmando a literatura como prática social de formação crítica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação teve como objetivo investigar as potencialidades da leitura dialógica com ressignificação valorada na formação de leitores críticos, tomando como objeto de estudo a obra *A Metamorfose*, de Franz Kafka, e sua mediação junto a estudantes do 1º ano do Ensino Médio. Partiu-se do pressuposto de que o ensino de literatura, ainda frequentemente associado a práticas de caráter predominantemente informativo e decodificador, pode ser ressignificado por meio de propostas que privilegiem a compreensão ativa, a responsividade e o posicionamento ético do leitor diante da obra literária.

O percurso investigativo, materializado por meio da oficina de leitura desenvolvida em doze encontros, permitiu identificar indícios consistentes de que a articulação entre a teoria dialógica do Círculo de Bakhtin e a proposta de leitura com ressignificação valorada (Carvalho, 2024a) favoreceu a ampliação das possibilidades interpretativas dos estudantes e estimulou a construção de respostas mais autorais e criticamente posicionadas.

A mobilização dos três planos analíticos adotados na pesquisa — discursivo, estético e ético — mostrou-se produtiva para a compreensão das relações estabelecidas pelos alunos com a narrativa kafkiana. No plano discursivo, observou-se que os estudantes foram capazes de reconhecer as hierarquias de poder que atravessam a obra, identificando mecanismos de silenciamento e exclusão que ultrapassam o universo ficcional e se manifestam em diferentes contextos da realidade contemporânea. As discussões realizadas durante a oficina evidenciaram aproximações entre a condição vivenciada por Gregor Samsa e situações de invisibilização social experimentadas por grupos historicamente marginalizados, pessoas com deficiência, trabalhadores adoecidos e sujeitos submetidos a relações laborais marcadas pela precarização.

No plano estético, os resultados sugerem que o estranhamento produzido pelo insólito kafkiano atuou como elemento mobilizador da leitura crítica. Os estudantes demonstraram sensibilidade ao interpretar símbolos espaciais recorrentes na narrativa, como a porta, a janela e o quarto, compreendendo-os como representações de pertencimento, isolamento e exclusão. Do mesmo modo, cenas marcadas pela simultaneidade do grotesco e do trágico foram percebidas não apenas como manifestações do absurdo, mas como escolhas estéticas que potencializam a crítica à progressiva desumanização do protagonista.

Foi, contudo, no plano ético que se observaram os deslocamentos interpretativos mais significativos. As respostas responsivas produzidas pelos estudantes, tanto nos debates orais quanto nas produções escritas, indicaram uma compreensão ampliada da crítica social presente na obra, especialmente no que se refere à associação entre valor humano e capacidade produtiva. A trajetória de Gregor passou a ser compreendida não apenas como a narrativa de uma transformação física extraordinária, mas como a representação simbólica de processos de objetificação, descarte e apagamento vivenciados por sujeitos considerados improdutivos em uma lógica social orientada pela utilidade.

As experiências compartilhadas pelos participantes, incluindo referências ao abandono de idosos, ao adoecimento emocional e às exigências contemporâneas de produtividade, evidenciaram que a obra literária foi apropriada como instrumento de leitura do mundo, corroborando a compreensão bakhtiniana de que todo enunciado se constitui em resposta a outros enunciados e de que a compreensão é, necessariamente, ativa, responsiva e valorativa.

Embora o estudo apresente limitações decorrentes de sua natureza qualitativa, do recorte amostral adotado e do período delimitado para a realização da intervenção, os resultados apontam para a relevância da criação de espaços dialógicos no ensino de literatura. A experiência desenvolvida sugere a necessidade de práticas pedagógicas que reconheçam os estudantes como sujeitos produtores de sentidos e que atribuam ao professor o papel de mediador das múltiplas vozes que circulam no texto literário e no contexto social em que a leitura se realiza.

No âmbito do PROFLETRAS, a pesquisa também contribui por meio da elaboração do *Caderno Pedagógico Vozes que Ressignificam: Leitura Dialógica e Valoração em A Metamorfose*, concebido como um produto educacional que busca oferecer aos docentes da Educação Básica um percurso metodológico fundamentado no dialogismo, na compreensão ativa e na ressignificação valorada. O material pretende constituir-se como um recurso flexível de mediação da leitura

literária, favorecendo práticas que articulem teoria, experiência estética e problematização das questões sociais contemporâneas.

Por fim, conclui-se que a leitura dialógica e valorada de *A Metamorfose* demonstrou potencial para ampliar o envolvimento dos estudantes com a obra literária, promovendo processos de reflexão sobre alteridade, exclusão, invisibilidade social e reconhecimento do outro. Ao acompanhar a trajetória de Gregor Samsa, os alunos foram convidados a problematizar as múltiplas "metamorfozes" presentes na sociedade contemporânea, reafirmando a literatura não apenas como patrimônio cultural, mas como espaço privilegiado de formação humana, exercício da empatia, construção da consciência crítica e participação ética no mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.
- BLANCHOT, Maurice. *O livro por vir*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. *Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016*. Brasília: Ministério da Saúde, 2016.
- CAMARANI, Ana Lúcia Silva. *A literatura fantástica: caminhos teóricos*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.
- CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo*. São Paulo: Record, 2019.
- CARVALHO, José Ricardo. A leitura dialógica com ressignificação valorada. Interdisciplinar – *Revista de Estudos em Língua e Literatura*, São Cristóvão, v. 41, n. 1, p. 57–71, 2024a. DOI: 10.47250/intrell.v41i1.p57-71. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/interdisciplinar/article/view/v41p57>. Acesso em: 14 abr. 2025.
- CARVALHO, José Ricardo. A metalinguística bakhtiniana como procedimento para leitura dialógica literária. In: CARVALHO, José Ricardo; LEURQUIN, Eulália Vera Lúcia Fraga; AZEVEDO, Isabel Cristina Michelin de (Org.). *Linguagem em sociedade: diversificados olhares teórico-metodológicos e práticos*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024b.
- CARVALHO, José Ricardo. Capacidades de linguagem específicas para o domínio da leitura sob a abordagem do ISD. In: CARVALHO, José Ricardo et al. *Agir de linguagem na escola e na universidade* [recurso eletrônico]. São Luís: EDUFMA, 2021.
- CORRÊA, Lilian Cristina. *O fantástico e o estranho em O coração denunciador, de Edgar Allan Poe*. Revista Pandora, v. 6, p. 65–78, 2011.
- DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. Disponível em: <https://bds.unb.br/handle/123456789/863>. Acesso em: 7 jun. 2025.
- FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem & Diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. Curitiba: Criar, 2003.

INIMIGOS DO REI. *Uma barata chamada Kafka*. In: INIMIGOS DO REI. Inimigos do Rei. Rio de Janeiro: Epic Records/Sony Music, 1989. 1 LP. Lado A, faixa 1.

KAFKA, Franz. *A metamorfose*. Tradução de Luiz A. de Araujo. 2. ed. Jandira, SP: Principis, 2019.

JUBÉ, Milene de Oliveira Machado Ramos; CAVALCANTE, Claudia Valente; CASTRO, Claudia Maria Jesus. Violência simbólica para Pierre Bourdieu: a relação com escola contemporânea. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*, ano 2, ed. 1, v. 15, p. 184-195, abr. 2017.

KAFKA, Franz. *A metamorfose*. Tradução de Giovane Rodrigues. Edição bilíngue: português-alemão. São Paulo: Instituto Mojo, 2022. (Coleção Literatura Livre). E-book. Disponível em: <https://mojo.org.br>. Acesso em: 29 jul. 2026.

KUPER, Peter. *A Metamorfose*. São Paulo: Conrad, 2004.

ROAS, David. *A ameaça do fantástico: aproximações teóricas*. Tradução de Julian Fuks. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

SILVA, Patrick. *Existe uma forma de invisibilidade que atinge pessoas muito queridas por todos*. Correio Braziliense, 25 abr. 2026. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/cbradar/existe-uma-forma-de-invisibilidade-que-atinge-pessoas-muito-queridas-por-todos-e-ela-nao-acontece-porque-se-tornaram-tao-estaveis-por-fora-que-ninguem-imagina/>. Acesso em: 26 abr. 2026.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. Tradução de Maria Clara Correa Castello. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

TODOROV, Tzvetan. *Mikhail Bakhtin: o princípio dialógico*. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1981.

VOLÓCHINOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Editora 34, 2017.

YIN, Robert K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS/UFS DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS – DLEV

Título do Projeto: *A COMPREENSÃO ATIVA E A RESSIGNIFICAÇÃO VALORADA: NA LEITURA DE A METAMORFOSE DE KAFKA NO ENSINO*

Pesquisadora Responsável: Railda de Jesus Santana

Local onde será realizada a pesquisa: Colégio Estadual Eduardo Silveira

Prezado(a) Senhor(a),

O seu filho(a) ou tutelado(a) está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) desta pesquisa porque as percepções, interpretações e respostas dele(a) contribuirão para compreender como os estudantes constroem sentidos a partir da leitura da obra *A Metamorfose*, quando mediada por atividades dialógicas e práticas de ressignificação valorada. A contribuição dele(a) é muito importante, mas ele(a) não deve participar contra a própria vontade.

Esta pesquisa será realizada porque busca compreender como a abordagem dialógica e a ressignificação valorada podem favorecer uma leitura mais ativa, crítica e significativa de obras literárias no contexto escolar. A investigação se justifica pela necessidade de aprimorar as práticas de ensino de literatura, promovendo uma experiência interpretativa que envolva o estudante de forma ética, estética e discursiva, conforme perspectivas de Bakhtin e Carvalho (2024).

Os objetivos dessa pesquisa são analisar como os alunos do Ensino Médio constroem sentidos durante o processo de leitura de *A Metamorfose*, de Franz Kafka, a partir de atividades que envolvem o texto literário, sua versão em HQ e a música *Uma barata chamada Kafka*; compreender como ocorre a ressignificação valorada nesses processos; e avaliar como a abordagem dialógica contribui para o engajamento e a interpretação ativa dos estudantes.

Os participantes da pesquisa são estudantes do Ensino Médio regularmente matriculados no Colégio Estadual Eduardo Silveira. A previsão é de participação de aproximadamente 40 estudantes, pertencentes à turma selecionada para a aplicação da oficina. Não haverá divisão entre grupos ou grupo controle, pois todos os participantes realizarão as mesmas atividades pedagógicas,

considerando que o foco da pesquisa é compreender o processo coletivo de construção de sentidos durante a leitura dialógica.

Antes de decidir, é importante que o(a) senhor(a) entenda todos os procedimentos, os possíveis benefícios, riscos e desconfortos envolvidos nesta pesquisa. A qualquer momento, antes, durante e depois da pesquisa, o(a) senhor(a) poderá solicitar mais esclarecimentos, recusar ou desistir da participação do seu filho(a) sem que ele(a) seja prejudicado(a), penalizado(a) ou responsabilizado(a) de nenhuma forma.

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável, Railda de Jesus Santana, nos telefones (79) 3431-9848 / celular (79) 99888-8276, endereço: Rua José Ferreira Lima, 739, e-mail: raildasantana400@gmail.com.

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Sergipe, sob o Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) nº 95026125.5.0000.0383 e Parecer Consubstanciado nº 8.506.273. “O CEP é um colegiado interdisciplinar e independente, de relevância pública, de caráter consultivo, deliberativo e educativo, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos” (Resolução CNS nº 466/2012, VII. 2).

Caso o(a) senhor(a) tenha dúvidas sobre a aprovação do estudo, os direitos do seu filho(a) ou se estiver insatisfeito com este estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa das Áreas de Humanidades (CEP Humanidades) da Universidade Federal de Sergipe, situado na Cidade Universitária Prof. José Aloísio de Campos, Avenida Marcelo Deda Chagas, s/n, Bairro: Rosa Elze - São Cristóvão/SE CEP: 49.107-230. Contato por e-mail: cepchs@academico.ufs.br. Telefone: (79) 3194-7057 (Segunda a Sexta-feira das 08h às 12h).

Todas as informações coletadas neste estudo serão confidenciais (o nome do seu filho(a) jamais será divulgado) e utilizadas apenas para esta pesquisa. Somente nós, o pesquisador responsável e/ou equipe de pesquisa, teremos conhecimento da identidade dele(a) e nos comprometemos a mantê-la em sigilo.

Para maiores informações sobre os direitos dos participantes de pesquisa, leia a Cartilha dos Direitos dos Participantes de Pesquisa elaborada pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Conep), disponível no site: <https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/camaras->

tecnicas-e-comissoes/conep/publicacoes/cartilha-dos-direitos-dos-participantes-de-pesquisa.pdf/view.

Caso concorde e aceite a participação do seu tutelado(a) nesta pesquisa, o(a) senhor(a) deverá rubricar todas as páginas deste termo e assinar a última página, nas duas vias. Eu, a pesquisadora responsável, farei a mesma coisa. Uma das vias ficará com o(a) senhor(a) para consultar sempre que necessário.

O QUE VOCÊ PRECISA SABER:

DE QUE FORMA O SEU FILHO(A) VAI PARTICIPAR DESTA PESQUISA: O seu filho(a) participará desta pesquisa como integrante de uma oficina de leitura realizada em sala de aula. A participação consistirá em realizar atividades comuns ao ambiente escolar. Durante a pesquisa, o estudante participará de:

- leituras orientadas de trechos da obra *A Metamorfose*, de Franz Kafka;
- análise e discussão coletiva sobre o texto, conduzidas de forma dialogada;
- leitura de trechos da adaptação em História em Quadrinhos (HQ);
- escuta e interpretação da música da banda Inimigos do Rei e de leitura de reportagem;
- realização de questionários reflexivos e produções escritas curtas;
- participação em rodas de conversa para troca de ideias com os colegas.

A participação acontecerá na própria escola, durante o horário regular das aulas, ao longo de **12 encontros (aulas)** previamente agendados. Cada encontro terá duração aproximada de 50 minutos. Não haverá qualquer tipo de entrevista individual fechada, gravação de vídeo, coleta de material biológico ou procedimento invasivo. Todas as atividades fazem parte de práticas escolares comuns.

RISCOS EM PARTICIPAR DA PESQUISA: A participação nesta pesquisa envolve riscos mínimos, semelhantes aos já existentes em atividades escolares de leitura e discussão em sala de aula. Entre os possíveis riscos estão: cansaço ou desconforto durante as atividades; dificuldade de compreensão de alguns trechos da obra; timidez ou leve constrangimento ao participar de discussões em grupo; e possível desconforto emocional em trechos da narrativa que tratam de temas como isolamento familiar. Em caso de qualquer desconforto, o estudante poderá interromper sua participação imediatamente, sem qualquer prejuízo escolar, e será acolhido pela pesquisadora e pela equipe pedagógica.

BENEFÍCIOS EM PARTICIPAR DA PESQUISA: A participação oferece benefícios diretos, tais como a ampliação da capacidade de leitura, interpretação e análise de textos literários; desenvolvimento do pensamento crítico; e reflexão sobre temas como identidade, exclusão e relações humanas. Indiretamente, contribui para o aprimoramento das práticas de ensino de literatura na escola pública.

FORMA DE ACOMPANHAMENTO/TRATAMENTOS: Não se aplica. A pesquisa não envolve tratamento ou intervenção clínica.

PRIVACIDADE E CONFIDENCIALIDADE: Todos os dados coletados serão utilizados apenas para fins acadêmicos. As informações serão tratadas de forma confidencial, garantindo que o seu filho(a) não seja identificado(a) em relatórios, artigos ou apresentações.

ACESSO A RESULTADOS DA PESQUISA: Os participantes e responsáveis têm o direito de solicitar acesso aos resultados da pesquisa, que serão apresentados de forma coletiva.

CUSTOS E INDENIZAÇÕES: O seu filho(a) não terá custos para participar desta pesquisa. Se ocorrer qualquer dano pessoal diretamente decorrente da pesquisa, será garantida assistência adequada e gratuita, bem como o direito a buscar indenização conforme a legislação brasileira.

CONSENTIMENTO DO RESPONSÁVEL LEGAL

Eu, abaixo assinado, responsável legal pelo(a) menor, declaro que concordo com a participação dele(a) nesse estudo de forma voluntária. Fui informado(a) e esclarecido(a) sobre o objetivo desta pesquisa, li, ou foram lidos para mim, os procedimentos envolvidos, os possíveis riscos e benefícios, e esclareci todas as minhas dúvidas. Sei que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto cause qualquer prejuízo escolar ao meu filho(a). Autorizo o uso dos dados de pesquisa sem que a identidade do menor seja divulgada. Recebi uma via deste documento com todas as páginas rubricadas e a última assinada por mim e pela Pesquisadora Responsável.

Nome do(a) participante (Aluno): _____

Nome do Responsável Legal: _____

Assinatura do Responsável: _____

Local _____ Data: ____ / ____ / ____

DECLARAÇÃO DO PESQUISADOR

Declaro que obtive de forma apropriada, esclarecida e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido do responsável legal deste participante para a participação neste estudo. Entreguei uma via deste documento assinada e me comprometo a cumprir todos os termos aqui descritos.

Nome da Pesquisadora Responsável: Railda de Jesus Santana

Assinatura: _____

Local _____ Data: ____ / ____ / ____

APÊNDICE B – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS/UFS
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS – DLEV

Título do Projeto: *A COMPREENSÃO ATIVA E A RESSIGNIFICAÇÃO VALORADA: NA LEITURA DE A METAMORFOSE DE KAFKA NO ENSINO*

Pesquisadora Responsável: Railda de Jesus Santana

Local onde será realizada a pesquisa: Colégio Estadual Eduardo Silveira

Olá!

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa do Mestrado em Letras da Universidade Federal de Sergipe (UFS). O objetivo deste estudo é entender como você e seus colegas leem, interpretam e discutem obras de literatura, em especial o livro *A Metamorfose*, do escritor Franz Kafka. Queremos saber a sua opinião e como você relaciona essa história com o mundo em que vivemos hoje.

Como vai ser a sua participação? Se você topa participar, nós faremos uma oficina de leitura durante as próprias aulas de Língua Portuguesa. Serão cerca de **12 encontros (aulas)** de 50 minutos. Durante essas aulas, nós vamos:

- Ler trechos do livro *A Metamorfose* e de uma adaptação em História em Quadrinhos (HQ);
- Ouvir uma música chamada "Uma barata chamada Kafka" e ler uma reportagem;
- Conversar em rodas de bate-papo para trocar ideias;
- Escrever pequenos textos e responder a alguns questionários dando a sua opinião.

Sobre a gravação de áudio: Para que eu não perca nenhuma ideia legal que você falar durante as rodas de conversa, as nossas discussões serão **gravadas em áudio**. Mas não se preocupe! Ninguém de fora vai ouvir essas gravações. Elas servem apenas para me ajudar a escrever a pesquisa. O seu nome verdadeiro **nunca** vai aparecer no meu trabalho; eu vou usar um nome inventado (pseudônimo) ou um código para proteger a sua identidade.

Tem algum risco? Os riscos são os mesmos de uma aula normal. Você pode se sentir um pouco cansado(a) de ler ou escrever, ou sentir vergonha de falar na frente dos colegas. O livro também fala sobre temas como isolamento familiar e tristeza, o que pode causar algum desconforto emocional. Se você não quiser ler algo, não quiser falar ou quiser parar de participar em qualquer

momento, não tem problema nenhum! Ninguém vai ficar chateado e **você não perderá nota** nem será prejudicado(a) na escola por causa disso.

O que você ganha com isso? Você vai ter a chance de conhecer uma das histórias mais famosas do mundo de um jeito diferente (com música e quadrinhos), melhorar a sua leitura e escrita, e aprender a expressar melhor as suas ideias e opiniões. Além disso, você estará ajudando a melhorar a forma como a literatura é ensinada nas escolas públicas.

Dúvidas? Se você tiver qualquer dúvida, pode falar diretamente comigo na escola ou entrar em contato pelos telefones: (79) 3431-9848 / (79) 99888-8276, ou pelo e-mail: raildasantana400@gmail.com. Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UFS, sob o **CAAE nº 95026125.5.0000.0383 e Parecer nº 8.506.273**. O telefone do Comitê, caso precise, é (79) 3194-7057.

Se você entendeu como a pesquisa vai funcionar e **aceita participar**, por favor, assine o seu nome abaixo. Você receberá uma cópia deste documento para guardar com você.

APÊNDICE C – Transcrição dos áudios de discussão sobre *A Metamorfose*

SENSIBILIZAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE EXPECTATIVAS DE LEITURA (LEITURA DA CAPA E DIFERENÇA ENTRE O AUTOR-PESSOA E AUTOR-CRIADOR)

Professora: Agora a gente vai praticamente começar o nosso trabalho com a proposta da leitura e para ler a obra em si. Só que, antes de fazer a leitura da obra, é muito importante que a gente leia a capa do livro. A capa do livro dá sugestões.

E aí vocês vão perceber: vocês têm uma atividade sobre a capa do livro e também sobre o autor. Porque, antes da leitura da obra, é importante a gente explorar justamente a capa do livro para ver quais são as informações subjetivas que ela traz.

É lógico que esse livro tem várias edições e as capas mudam, elas se alteram. Aí eu trouxe para vocês essa capa aqui, da *A Metamorfose*.

E a gente viu... o que é que a gente vê nela? A gente vê a figura de um inseto, vê também a figura de um homem, e a gente vai saber que o fundo da capa é vermelho. E isso certamente deve trazer algumas informações importantes para a gente, ok?

Antes de começarmos a atividade, antes de vocês fazerem a atividade sobre a leitura subjetiva da capa, eu peço que vocês observem os conceitos importantes que têm aí.

Como nós vimos na semana passada pela história em quadrinhos que nós lemos, a gente percebeu que a história se passa com Gregor. Essa é uma pessoa que acorda transformada em um inseto.

Vamos lá.

Insólito: conceito e significado.

A gente vai falar bastante ao longo da leitura da obra sobre o insólito, né? O que seria o insólito?

Vocês têm na atividade de vocês aí: aquilo que rompe a normalidade e provoca estranhamento.

- **No caso, qual é o acontecimento insólito que acontece na obra? Vocês perceberam na leitura dos quadrinhos?**

Aluno(a) A transformação dele.

Professora: Exatamente. A transformação de Gregor, de humano para inseto.

Estranhamento: é a sensação de desconforto diante do incomum, esse desconforto gerado pelo estranhamento.

Desumanização: é o processo em que uma pessoa deixa de ser vista como humana.

- **Vocês perceberam que isso acontece ao longo da obra?**

Exclusão: afastamento social de indivíduos considerados diferentes.

Identidade: é a forma como o sujeito se percebe e é reconhecido pela sociedade.

Agora, olhando a imagem da capa, o que tem? O que vocês identificam? Quais são os elementos individuais que compõem a capa?

Alunos(a):

— *A imagem do homem.*

— *O homem.*

— *A obra.*

— *O inseto.*

Gostando ou não, o homem e Gregor parecem também...

Professora: E o Luis falou que acha que é o pai e Gregor.

- **O que está em primeiro plano?**

Primeiro plano é a frente, aquilo que a gente consegue ver primeiro.

Aluno(a): Justamente o inseto.

Professora: E quais são as cores que predominam?

Aluno(a): Vermelho.

Professora:

- **O vermelho, por exemplo, o que ele representa para a gente?**

Aluno(a): Ódio, sangue, raiva.

Professora: A gente também precisa responder à questão:

- **que sensações ou sentimentos o uso do vermelho provoca em vocês nesse contexto?**

Vocês disseram: sangue, raiva, ódio.

Outra questão:

- **Como você interpreta a relação entre a figura humana e a figura do inseto?**

Óbvio, olhando essa capa aí.

Aluno(a): Confronto.

Professora: Confronto?

Alguém percebe diferente?

Aluno(a): Pode ser transformação.

Professora: A gatinha sugeriu transformação.

- **Na leitura da capa, o que parece? O que a posição mostra?**

O homem ou o inseto? O que vocês acham?

- **O inseto simboliza o quê?**

Aluno(a): O inseto é o reflexo do estranhamento e uma quebra da normalidade. Porque não é comum alguém acordar transformado em inseto.

Professora:

- **A imagem faz a gente lembrar do quê?**

Como vocês disseram: exclusão, invisibilidade, preconceito, identidade e pertencimento social.

E aí eu pergunto a vocês:

- **se alguém deixa de ser reconhecido como humano, o que acontece com seus vínculos, seus direitos e seu valor social?**

A gente vai ver que muitas vezes a gente tem valor para as pessoas a partir do momento em que a gente é útil, né?

Gente, agora passando para outra parte. Toda obra literária traz um contexto histórico. É importante a gente saber desse contexto histórico.

Embora o autor-pessoa seja diferente do autor-criador, é preciso também falar dessa distinção.

Franz Kafka é o *autor-pessoa*, aquele que sofreu pressões sociais, tanto da família quanto do trabalho.

Já o *autor-criador* é aquele que utiliza suas vivências, seu conhecimento do mundo e suas experiências para retratar a realidade em suas obras.

O *autor-pessoa* vive conflitos reais, enquanto o autor-criador transforma experiências em arte.

Quando a gente pinta, quando a gente faz escultura, quando a gente escreve...

Franz Kafka trabalhou em escritórios burocráticos, né? E o autor-criador usa uma visão para criticar a sociedade, a exclusão e o papel social.

Franz Kafka, como *autor-pessoa*, sofria pressões familiares e sociais. Enquanto o *autor-criador* questiona valores e comportamentos humanos.

E aí eu pergunto a vocês:

- **Dos aspectos da vida de Kafka — pressão no trabalho, cobranças familiares e sentimento de inadequação — quais vocês acham que são mais comuns na vida das pessoas hoje em dia?**

Alunos(a):

— *A cobrança.*

— *Familiar.*

— *Trabalho.*

Professora: Perfeito.

Não necessariamente tudo que o autor escreve é exatamente aquilo que ele viveu. Ele pega sentimentos, experiências e dá um tom artístico à obra.

Agora vamos escolher uma dessas três alternativas:

- **O escritor apenas conta sua própria vida?**
- **O escritor transforma experiências pessoais em histórias universais que falam com todos nós?**
- **Ou o escritor inventa tudo e sua vida não tem nenhuma influência na obra?**

A resposta é: o escritor transforma experiências pessoais em histórias universais que falam com todos nós.

Pronto.

Então essa foi a primeira parte. A gente fez uma leitura simbólica da capa, conhecemos um pouquinho do autor e agora vamos ter mais conhecimento para a leitura da primeira parte da aula, ok?

UNIDADE TEMÁTICA 1

Trecho 1

Aluno(a): Bom dia. Agora a gente vai ver... vocês já viram o livro, né? Então a gente vai começar agora com as questões. Primeiro vou ler um trecho aqui do livro e depois responder as perguntas.

“Certa manhã, ao acordar de sonhos inquietos, Gregor Samsa viu em sua cama metamorfoseado num imenso inseto. Estava deitado sobre suas costas, que eram duras como uma carapaça, e ao levantar um pouco a cabeça viu sua barriga marrom, toda dividida em arcos. Ela se elevava tão alto que o cobertor mal poderia cobri-la e deslizava quase por inteiro para o chão. Suas muitas pernas se agitavam desesperadas diante de seus olhos e eram tão finas em comparação com o resto do corpo que dava pena vê-las. ‘O que aconteceu comigo?’, ele pensou. Não era um sonho.”

Agora vamos para a

- **primeira questão:** como a descrição minuciosa do corpo transformado transforma o absurdo em algo quase natural aos olhos do leitor? Você acha o quê? Como a descrição

minuciosa do corpo transforma o absurdo, que era ele ter se transformado, em algo quase natural aos olhos do leitor?

A descrição detalhada faz a gente passar a ser um observador. Pelas características na narrativa, a gente imagina como é o inseto. A gente imagina a carapaça que ele escreve, a barriga e suas pernas finas. Isso, claro, continua sendo uma situação absurda, mas ao mesmo tempo a gente entra na cena mais convencido, porque a gente sabe como acontece.

Agora vamos para a

- **segunda questão:** por que o narrador não oferece explicações para a metamorfose? Como o narrador não explica como aconteceu? Ele só acordou e se transformou num inseto. É isso que a questão quer perguntar.

O narrador não explica a metamorfose porque o foco do livro não é descobrir a causa de como ele se transformou, e sim as consequências que isso trouxe para a vida dele, para a vida de Gregor. Essa escolha também mantém muito mistério, né? Porque a gente não sabe como foi, mas sabe que foi algo absurdo.

- A **terceira questão:** que expectativas de realidade o leitor leva para a leitura e como elas são rompidas desde o início? Quais eram as expectativas que o leitor teria?

A gente, como leitor, espera uma explicação, né? Espera entender o que aconteceu. Mas na narrativa isso é rompido, porque a gente só sabe as coisas, mas não sabe como foi. Isso torna a narrativa mais impactante.

- A **quarta questão:** o que revela o fato de Gregor se preocupar em compreender a situação e não se desesperar?

A gente sabe que ele era uma pessoa muito calma, porque se fosse a gente e acordasse transformado, a gente já ia se assustar, né? O fato de ele tentar entender a situação e não surtar mostra que ele sabe lidar com as situações de forma prática e racional, mesmo diante de algo que parece impossível.

- A **quinta questão:** de que modo o estranhamento inicial convida o leitor a suspender julgamentos imediatos?

O estranhamento faz com que o leitor deixe de fazer julgamentos imediatos e comece a refletir sobre temas mais profundos, como exclusão e identidade. Ele deixa de olhar só para a aparência, ao invés de julgar porque ele virou um inseto. O texto quer mostrar para a gente como isso vai afetar a vida dele.

Trecho 2

Bom dia, meu nome é João Guilherme e eu vou ler o trecho 2.

“O quarto trabalhava a normalidade. Seu quarto, um quarto perfeitamente humano, embora pequeno demais, mantinha-se silencioso entre as quatro paredes bem conhecidas. Acima da mesa, sobre a qual se espalhava um mostruário de tecidos desempacotado — Samsa era caixeiro-viajante —, estava pendurada a figura que, há pouco tempo, ele havia recortado de uma revista ilustrada e colocado em uma bela moldura dourada. Então, o olhar de Gregor se voltou para a janela, e o tempo fechado lhe causou uma forte melancolia.”

- **Questão 6:** Que elementos do quarto reforçam a ideia de normalidade apesar da situação absurda?

Os elementos do quarto que reforçam a ideia de normalidade são os móveis organizados, a mesa com o mostruário de tecidos e o ambiente silencioso e comum. Mesmo após a metamorfose, o quarto continua parecido com o de uma pessoa comum, criando um contraste com a situação absurda.

- **Questão 7:** Que discurso social emerge quando o narrador destaca a profissão de Gregor e o mostruário de tecidos?

O discurso social que emerge é o da valorização do trabalho e da produtividade. A profissão de Gregor, como caixeiro-viajante, e os tecidos mostram como sua vida era centrada no trabalho e nas obrigações.

- **Questão 8:** Qual a função simbólica da imagem da mulher recortada da revista nesse contexto?

A imagem da mulher recortada da revista simboliza desejos humanos e afetivos de Gregor, além de representar uma ligação com sua antiga vida e com a aparência humana e social.

- **Questão 9:** Como o sentimento de melancolia humaniza Gregor mesmo após a metamorfose?

O sentimento de melancolia humaniza Gregor porque mostra que ele ainda possui emoções, sensibilidade e lembranças humanas, mesmo após a metamorfose.

- **Questão 10:** De que maneira o espaço doméstico contribui para que o leitor perceba que o insólito invade o cotidiano?

O espaço doméstico contribui para o insólito porque o ambiente comum e familiar passa a abrigar algo estranho e absurdo. Isso faz o leitor perceber como o extraordinário invade a rotina cotidiana.

Trecho 3

Bom dia, meu nome é Carol, e eu vou falar para vocês as questões que eu fiquei, que foi do 3º... do 3º, *A Metamorfose*. E eu vou ler o trecho e a gente disputa sobre as perguntas.

“Ai, meu Deus”, ele pensou, “que profissão cansativa que eu escolhi, de sair de ano em viagem. O contato sempre inconstante com pessoas, o trabalho cansador, o contato que nunca se torna afetuosos. Se eu não estivesse me contendo por causa dos meus pais, teria pedido demissão há muito tempo.”

E agora vou perguntar, vou falar o que eu... o que vocês responderem, se vocês quiserem também falar.

- Que discurso sobre o trabalho e produtividade se manifesta no pensamento de Gregor?

— *O discurso mostra que o trabalho de Gregor é cansativo, repetitivo e feito apenas para sustentar sua família, mesmo sem satisfação pessoal.*

Outra opinião? ...

- **E a segunda pergunta:** por que Gregor sempre pensava em sustentar a família, mesmo sofrendo?

Porque ele que tinha o sustento financeiro. E ele acreditava que continuava trabalhando para manter a família bem. Ok? Que continuasse trabalhando para manter a família bem.

- Onde se vê o cansaço emocional e afetivo do personagem?

O cansaço de Gregor se vê quando ele demonstra seu desânimo, seu sofrimento e a falta de afeto pela rotina do dia a dia do trabalho.

- Como esse trecho dialoga com experiências contemporâneas de exploração do trabalho?

O trecho dialoga com situações atuais de pessoas que enfrentam excesso de trabalho, pressão, estresse e desgaste emocional para manter a sobrevivência de sua família.

Por exemplo: alguém é mãe e tem seus filhos, os filhos são menores, ela tem que trabalhar o dia inteiro, passa desgaste e trabalha só para conseguir dar o de comer para seus filhos.

- Em que sentido a metamorfose pode ser lida como metáfora de um corpo já esgotado

socialmente?

Ela pode ser vista como metáfora do corpo já esgotado socialmente. Ela pode ser vista como metáfora da exclusão e da desumanização do trabalhador da sociedade, que atualmente é o que a gente mais vê.

Trecho 4

Aluno(a): Então eu vou apresentar o 4: a voz e a sua exclusão inicial.

“Quando respondeu, Gregor se assustou ao ouvir sua própria voz. Era, sem dúvidas, a sua antiga voz, mas nela se misturava um som estranho, dolorido.
— Sim, sim, obrigado, mãe. Já estou me levantando.”

E agora vou praticar as questões.

- A **primeira questão**: o que simbolizava a alteração da voz de Gregor no processo de comunicação?

Então, a alteração da voz de Gregor simbolizava a dificuldade de se comunicar e de ser compreendido pelos outros. Ou seja, quando a mãe dele perguntava para ele como ele estava, ele ainda falava, falava de uma forma mais calma e falava para não assustar a mãe também. Mas, mesmo assim, a voz dele alterava.

Ó, a próxima questão:

- O que significa Gregor tentar tranquilizar a mãe mesmo em situação extrema?

Mostra que Gregor ainda se preocupa com a mãe e tenta agir como antes, mantendo esse senso de cuidado com a família, mesmo naquela situação.

- A família escuta Gregor ou apenas reage àquilo que vê?

A família não escuta de verdade Gregor, porque a aparência dele chama mais atenção. Eles sentem medo, em vez de tentar compreendê-lo. Ou seja, eles não escutavam Gregor; tentavam convencer só pelo que viam, mas não ele. A aparência de inseto dele chamava a atenção.

- Quem são hoje os sujeitos cuja voz é considerada estranha ou incompreensível?

Hoje podem ser pessoas excluídas ou discriminadas, como quem pensa diferente. Pessoas que têm dificuldade... pessoas pobres, grupos que às vezes são ignorados.

[MÚSICA DE FUNDO]

A gente faz um exemplo... da exclusão social.

- E a **última questão**: Como a dificuldade de comunicação amplia o sentido de exclusão e injustiça da narrativa?

A dificuldade de comunicação aumenta a exclusão porque Gregor não consegue explicar o que sente. E a família passa a vê-lo como estranho, afastando-se dele.

Pronto. E agora ao outro.

Trecho 5

Agora nós vamos ler outro trecho, e vou começar agora.

Nesse trecho fala:

“Não fique deitado na cama como inútil”, pensou Gregor consigo mesmo. Normalmente teria usado seus braços e suas mãos para se pôr em pé. Mas, em vez disso, ele tinha apenas muitas patinhas que se agitavam sem parar.”

- **Questão 1:** O que revela a autoacusação de Gregor diante da própria limitação física?

Gregor... ele... Gregor se mostra culpado e inútil. Vamos falar que ele não parece sentir, mas ele não conseguia ser como era antes. Ele não quer apenas usar essas patinhas e, mesmo sofrendo por aquela transformação, ele ainda se cobra por não conseguir cumprir suas funções, como seu trabalho, como conseguir ajudar sua família. Ele se cobra muito por isso. Se acusa, né?

- **A questão dois:** Como o sofrimento corporal se articula ao sofrimento psicológico?

Como ele não conseguia se levantar, ele não conseguia cumprir suas funções. Isso aumenta o sofrimento psicológico porque ele percebe que perdeu o controle sobre o corpo.

Acho que qualquer pessoa teria essa reação, né?

Porque quando a gente não consegue cumprir os nossos papéis, aquilo que a sociedade espera da gente, acaba tendo sentimento de culpa.

Por exemplo: você é uma boa mãe, mas ainda assim muitas vezes se sente culpada porque sai para trabalhar e deixa o filho. É exatamente a mesma coisa. Um trabalhador também, quando precisa faltar ao trabalho porque não acordou bem, fica: “Poxa, hoje eu não pude”. Você fica se cobrando, né?

A gente vive com um pouco de Gregor também.

Aí, como ele não conseguia... ele tinha isso também de comparar, não conseguia se mover. Acabou gerando uma grande angústia nele e vergonha para a parte de dentro dele. Ele sentiu vergonha dos familiares, porque ele não conseguia mais trabalhar, não conseguia mais ser o sustento da sua

família.

- **Questão três:** Quando Gregor se chama de inútil, aparece a voz da sociedade que valoriza a pessoa só pela sua produtividade e utilidade?

Porque quando a gente não é mais útil, a pessoa... nos tratam como se nós não fôssemos nada. Mas isso não é verdade.

- **Questão quatro:** Como a descrição do movimento desordenado do corpo reforça o estranhamento?

A descrição reforça o estranhamento por registrar a diferença entre Gregor humano...

Porque você anda, você fala... você sofre um acidente, por exemplo, que te deixa inútil. É um processo de adaptação, né? É um processo que traz... que traz...

Muito interessante.

- **Questão cinco:** Em que sentido o corpo de Gregor já não atende às exigências sociais antes mesmo da exclusão explícita?

Em que sentido o corpo de Gregor já não atende às exigências sociais antes mesmo da exclusão explícita?

Ele não iria conseguir ir para o trabalho dele e fazer as suas atividades normalmente. Ele não iria conseguir agir e se comportar como a sociedade espera que ele se comporte.

Porque como ele não conseguia trabalhar, agir e se comportar como a sociedade espera, ele começou a ser excluído.

- UNIDADE TEMÁTICA II – Autoridade, exposição e desumanização (O trabalho como instância de julgamento do humano)

Trecho 1 – A Campanha do Controle

Ele já estava tão avançado para fora da cama que, a cada balanço mais forte, ele mal conseguia se equilibrar e, em breve, precisaria finalmente se decidir, pois já eram sete e dez — e então soou a campainha do apartamento. ‘É alguém da loja’, disse a si e ficou paralisado, enquanto suas perninhas, em compensação, dançavam ainda mais apressadas. Por um momento, tudo ficou em silêncio. ‘Eles não foram abrir’, Gregor falou para si mesmo, tomado por uma esperança despropositada. Mas, como era de se esperar, a empregada se encaminhou à porta com seus passos firmes e a abriu. Bastou que Gregor ouvisse o primeiro cumprimento do visitante para saber quem era — o gerente em pessoa.” (Kafka, 2022, p. 16).

- **Primeira questão:** Que tipo de medo se instala em Gregor antes mesmo de ver o gerente?

Como minha colega falou, Gregor é uma pessoa muito paciente, porque geralmente nós iríamos ficar desesperados nesse tipo de situação. Gregor é demonstrado como um tipo de trabalhador brasileiro, ou de qualquer outra região. Ele não se preocupa com sua saúde. Ele só se preocupa se vai trabalhar ou não.

Ele não ficou preocupado com sua saúde, com sua aparência, como ele demonstrou. E sim ficou preocupado que alguém da loja visitou ele. Então, ele seria um típico trabalhador.

- **Questão 2:** O que a expressão "alguém da loja" revela sobre a loja que organiza sua vida?

É demonstrado que ele tem pouca intimidade com o pessoal do trabalho dele. Porque ele não trata o pessoal do meu colega de trabalho, do meu amigo. Não. Ele trata como uma pessoa, alguém da loja.

Então, é um tipo de insignificância.

- **Questão 3:** O que faz a autoridade superar o estranhamento físico da metamorfose?

Como eu disse, ele é um tipo de trabalhador, então ele não vai se preocupar com a sua saúde, e sim se vai ser demitido ou não.

Tanto que quando chega o próprio gerente de pessoa, ele fica desesperado, ele fica ansioso. Ele queria uma certa esperança que o pessoal da casa dele não abrisse a porta. O pessoal que eu digo em si é a empregada.

- **Questão 4:** Como o ritmo do texto intensifica a sensação de tensão e urgência?

Como sendo típico de trabalhador, inicialmente ele não tenta se preocupar com sua aparência em si; ele tenta primeiro abrir a porta devagar, essas coisas.

Ele demonstrou uma certa dificuldade para abrir o copo. Como minha colega disse, ele é paciente, não demonstrou muito desespero, mas no momento que ele ouviu a campainha e tentou ligar os pontos para ver se alguém na loja dele, ele no momento se desesperou, ficou desesperado.

No qual ele começou até que, entre aspas, rezar, pra ter uma esperança em si, que ninguém abre a porta.

No qual dá pra ver o quão desesperado ele tá das pessoas que trabalham nele não ver aparência assim.

Tanto que quando ele vê que é o gerente em pessoa, ele se desespera de ver isso.

- **Questão 5:** Em que sentido o texto, o trabalho aparece como se fosse invasiva do espaço privado?

Aparece como uma força invasiva. Aí seria a parte da minha opinião, vou usar como minha opinião nessa foto.

O que seria uma força invasiva? Pois o gerente pessoa veio. Ele não mandou uma carta, não mandou um aviso, não falou nada. Ele veio em pessoa, como se fosse dono da casa em si.

Trecho 2 – A Desconfiança Como Norma

Bom dia, meu nome é Misael, eu vou falar sobre essas questões.

Trecho:

“Por que Grego havia sido condenado a trabalhar em uma firma em que a menor das faltas era imediatamente tratada com a maior das desconfianças? Será então que todos os empregados eram patifes? Não havia entre eles uma única pessoa leal e devotada? Alguém que, por ter perdido algumas horas da manhã que deveriam ser dedicadas à loja, tivesse sido corrido pelo remove. Justamente por isso não estivesse em condição de sair da cama.”

- **Questão 6:** Que concepção de trabalhador é pressuposta nesse sistema de vigilância?

Nesse sistema de vigilância, o trabalhador é visto como alguém naturalmente suspeito e precisa ser constantemente controlado e fiscalizado para cumprir suas obrigações.

- **Próxima questão:** O direito ao adoecimento é reconhecido nesse contexto?

Não, o direito ao adoecimento não é reconhecido, pois a ausência de grego já desperta desconfiança e culpa, como se ficar doente fosse sinal de irresponsabilidade.

- **Próxima questão:** Que efeitos psicológicos a desconfiança permanente produz no sujeito?

A desconfiança permanente produz sentimentos de ansiedade, culpa, pressão psicológica e insegurança, fazendo o sujeito se sentir desvalorizado e constantemente vigiado.

- **Nona questão:** Que aproximações podem ser feitas em relações de trabalhos atuais?

É possível relacionar o trecho e relações de trabalho atuais em que muitos funcionários sofrem com cobranças excessivas, metas abusivas e vigilância constante, inclusive por meios tecnológicos.

- **Décima questão:** Com esse direito contribui paralelamente à homofobia como processo social?

O trecho mostra que a metamorfose não é apenas física, mas também social, pois Grego vai sendo desarmonização pelo sistema de trabalho e tratado mais como uma máquina produtiva do que como um ser humano.

Trecho 3 – A Queda do Corpo Produtivo

Meu nome é Deivid e eu vou ler o trecho 3.

Trecho:

“E mais em razão da excitação causada por essas considerações do que propriamente em razão de uma decisão, Gregor se lançou com toda a força para fora da cama. A batida não foi silenciosa, mas também não causou um grande barulho. A queda foi um pouco amaciada pelo tapete e as costas também eram mais elásticas do que Grego havia imaginado. Por isso, o ruído produzido foi abafado e pouco chamativo. O único problema foi que ele não tomou cuidado suficiente para a cabeça.”

- **Questão 11:** Como a queda é narrada sem dramatização excessiva?

A queda é narrada com moderação, objetividade e detalhes concretos, sem exagero ou dramatização excessiva.

- **Questão 12:** O que essa cena revela sobre o limite físico e emocional de Gregor?

Revela que seu corpo transformado tem força, mas perdeu equilíbrio, controle e proteção. Fisicamente já não é o mesmo.

- **Questão 13:** Grego se arrisca por escolha ou por coerção social?

Ele se arrisca por escolha, como diz o trecho: “ele se lançou com toda a força para fora da cama”.

- **Questão 14:** Que valor social legitima esse sacrifício do corpo?

Ele era visto apenas como um corpo produtivo.

- **Questão 15:** Em que sentido o corpo deixa de ser sujeito e passa a ser instrumento?

Quando ele perde sua função produtiva e sua função humana reconhecida.

Trecho 4, da segunda parte. O tópico fala sobre Gregory, sem Gregory.

“Bom, Gregory”, o pai te chamou do cômodo à esquerda. “O senhor gerente chegou e quer saber por que você não viajou no trem de manhã. Não sabemos o que dizer a ele. Aliás, ele quer falar pessoalmente com você. Abra a porta, então, por favor. Ele terá bondade de desculpar a bagunça do quarto.”

“Bom dia, senhor Gregory”, intrometeu-se o gerente amigavelmente.

— Ele não está bem — disse a mãe ao gerente, enquanto o pai ainda conversava junto à porta.

— Ele não está bem, acredite em mim, senhor gerente. De que outro modo o Gregori perderia um treino? O rapaz não tem outra coisa na cabeça que não seja a loja.

Bom, agora eu vou adentrar nas questões.

- **Que vozes sociais se impõem nessa cena e quais são silenciadas?**

Do meu ponto de vista, a que se impõe é a do gerente, porque ele chega, como fala no trecho, “intrometeu-se” na conversa que o pai estava tendo com o menino.

De acordo com o que o gerente se impõe, falando assim: “bom dia, quero falar com o senhor pessoalmente”, como ele fala no trecho.

E também um pouco da mãe falando, se impondo ainda mais à frente do gerente, falando que ele não estava bem.

Então as duas se impõem, e aqui é silenciada a do pai, porque o pai estava lá se desdobrando, né? O gerente falando que ele não estava bem, porque ele não tinha outro modo de não ir para o trabalho, e mesmo assim ele foi silenciado pelo gerente mesmo.

Então foi duas interrupções, uma por cima da outra, e a do pai foi silenciada.

Aí temos a 17ª, a 17ª que fala:

- **Como a fala da mãe revela simultaneamente cuidado e submissão?**

“Ele não está bem”, ela falou, entre aspas. Revela cuidado e submissão.

- **Por quê?**

Porque, enquanto todos já estavam preocupados em saber por que ele tinha quedado pro trabalho, por que ele não foi pro trabalho, a mãe perguntou diretamente sobre ele.

E não foi pro trabalho, não porque ele foi pro trabalho. Porque o pai e o gerente estavam ligados principalmente ao trabalho, por que ele não foi pro trabalho.

E a mãe já foi ligada pro lado dele: “ele está bem?”, “ele não está se sentindo bem”.

Então, por isso que parte, sabe, de cuidado e submissão.

- **Gregor é tratado como sujeito de direitos ou um problema a ser resolvido?**

Bom, problema a ser resolvido, porque todos estavam tratando, sabendo porque Gregor não tinha ido pro trabalho, então era pra resolver aquele problema pra ele ir pro trabalho.

E não como se fosse um sujeito de direitos, como se fosse o direito dele estar ali.

Não, ele estava sendo tratado como se fosse um problema pra ser resolvido.

- **De que modo o discurso familiar é malandro pela lógica do trabalho?**

Bom, de modo que todos da família dependiam do trabalho de Gregory.

Então, eles estavam forçando ele a levantar, digo como uma obrigação pra ele trabalhar, porque todos eles dependiam dele: pai, a mãe, a irmã.

Então, eles estavam meio que obrigando ele a ir trabalhar, porque se ele não trabalhasse, era nada na mesa pra comer.

É... A... A vinte.

- **Como esse trecho intensifica a percepção do isolamento processo de Gregory?**

Intensifica o isolamento pelo fato dele se negar a abrir a porta do quarto. Só abrir quando o gerente ameaçou demitir.

Bom, ele ainda não tinha se aceitado definitivamente que ele tinha se virado uma barata. Ele tava meio achando que era um sonho ainda, mas ele não tava conseguindo abrir porque o seu corpo estava meio que não aceitando os comandos dele.

Aí ele meio que ficou lá, mas tava se negando que ele tinha se virado uma barata.

Então isso começa um tratado de isolamento dele e começa daí.

Trecho 5 – O Discurso Institucional e A Negação do Sofrimento

Bom dia, meu nome é Luiza e eu vou ler o trecho 5.

“Bondosaa senhora”, disse o gerente. “Tampouco eu poderia explicar de outra maneira o que está acontecendo. Espero que não seja nada sério. Ainda que eu deva dizer, por outro lado, que nós do comércio, feliz ou infelizmente, com frequência precisamos simplesmente superar um leve mal-estar com consideração aos negócios.”
 “Então, será que o senhor gerente já pode entrar para falar com você?”, perguntou o pai paciente, batendo mais uma vez à porta.

- **Questão 21:** Que ideologia sobre o trabalho e saúde se materializa na fala do gerente?

A fala do gerente, ela mostra uma ideologia em que o trabalho é colocado acima da saúde e do bem-estar pessoal. O sofrimento de Grego, ele é tratado como algo normal que deve ser suportado por consideração dos negócios.

Ou seja, aqui, independentemente da situação dele, mesmo que ele esteja com um problema lá, ele tinha por obrigação trabalhar por consideração dos negócios.

- **Questão 22:** O sofrimento humano é reconhecido ou relativizado?

Ele é relativizado, porque em vez de ser levado a sério, ele é minimizado como um simples leve mal-estar, como se não fosse importante diante das obrigações profissionais.

Ou seja, o patrão, com a obrigação dele de ter um empregado lá, pra estar lá sempre, ele minimiza o sentimento de Grego, porque ele tá sentindo os problemas deles, pra ele ir cumprir a tarefa dele no trabalho.

- **Questão 23:** Que tipo de sujeito esse discurso institucional produz?

É um sujeito obediente que precisa ignorar a dor e voltar ao trabalho. A pessoa começa a valer mais

pela produtividade do que pela humanidade.

- **Questão 24:** Em que contextos atuais esse discurso ainda se legitima?

Em ambientes de trabalho muito exigentes, onde funcionários são pressionados a trabalhar, mesmo cansados, doentes ou emocionalmente desavalados.

O caso de Gregor, ele relata bastante isso. Mesmo que ele esteja com todos os problemas, ele ainda tem que ir pra bancar a casa, porque ele é o sustento da casa, ele tem a obrigação de cumprir.

- **Questão 25:** Como essa fala contribui para a desumanização gradual de Grego?

Os seus sentimentos e sua condição física deixam de importar. O gerente e a família se preocupam mais com seu trabalho e obrigações do que com seu sofrimento, fazendo com que Grego seja visto apenas como alguém útil para produzir e trazer renda para casa.

Trecho 6 – A Defesa Humilhada e A Interiorização da Culpa

Bom, eu vou adentrar agora no **trecho 3: A defesa humilhada e a interiorização da culpa**.

“Bom, mas, senhor gerente”, exclamou Gregory fora de si, esquecendo de tudo o mais em meio à sua hesitação. “Vou abrir agora mesmo, no instante. Foi uma leve indisposição, um vestígio. O que me impede de levantar? Senhor gerente, compre os meus fatos. O senhor não precisará esperar. Logo mais eu estarei pessoalmente na loja. Por favor, tenha a vontade de dizer isso ao chefe. Diga-lhe coisas boas a meu respeito.”

Bom, as questões agora.

- **Questão 26:** Por que Gregory se justifica excessivamente em vez de reivindicar compreensão?

Porque, como eu falei anteriormente, no trecho 4, todos ali dependiam do emprego de Gregory.

Então, ele tinha que se humilhar, ele tinha que se desgastar, ele tinha que ajudar de si, mesmo estando... Seu corpo não está respondendo aos seus comandos.

Então, ele tinha que dar o que ele tinha para conseguir ainda manter o seu emprego, após a ameaça do gerente de demitir.

- **Na questão 27, fala:** Que sentimento de culpa atravessa esse discurso?

Bom, culpa por estar na cama, por estar se sentindo inútil. O seu corpo não está respondendo aos seus comandos.

Como eu acabei de falar, ele era o sustento.

Então, se ele não fosse trabalhar, ele ia ficar inútil, como revela algumas páginas depois no livro,

que ele ficou inútil, sem fazer nada, recebendo comida da irmã, poderia perder o emprego.

Então, aquilo passa na cabeça dele: ele ia ser um inútil, não ia dar nada para a família dele, e isso passa sentimento de culpa.

- **Questão 28:** Que relação de poder se evidencia nessa fala submissa?

Bom, como fala no quadrinho, em umas páginas anteriores, que ele estava dormindo aí, ele estava reclamando um pouquinho sobre o gerente dele. Aí ele fala:

Abre aspas:

“Principalmente por causa da forma perturbadora com que o chefe fala com os empregados do alto da sua mesa.”

Fecha aspas.

Bom, esse quadrinho mostra o gerente bem grande, com a preocupação de não mostrar a gente na sala, e o sustento bem pequenininho, mostrando a diferença, meio que como se o gerente fosse o maiorzão, o grandão só. Uma questão de submissa mesmo, e a pessoa fosse pequenininha.

Então, isso mostra a relação real entre o funcionário e o Gregor, entre o gerente e o Gregor.

Bom,

- **Questão 29:** Como o discurso longo e aflito intensifica o desconforto do leitor?

Bom, o desespero dele para se explicar para o gerente.

A ambição dele falar para o gerente, dele se explicar, dele falar que não foi o que está acontecendo, que ele vai aparecer no trabalho.

Isso, Gregor, que dá um susto no leitor que está lendo.

A pessoa se assusta da forma que ele se retrata, mesmo estando incapacitado de poder ir para o trabalho.

Ele fica assustado de não poder trabalhar. Isso não é uma coisa que a gente ache normal, uma pessoa se assustar porque não foi trabalhar.

- **Questão 30:** Em que sentido o Gregor já internalizou a lógica da opressão?

O Gregor já internalizou por depender dessa opressão. Ele depende de ser oprimido porque, infelizmente, é o dinheiro que ele tem, é o dinheiro que ele se sustenta.

Então, ele depende de ser humilhado, de o povo travar ele como ele é travado por ver a realidade dele.

Igual muitas realidades brasileiras e do povo do Brasil que têm que ser oprimidos porque é a única saída, né?

Então, é isso. Obrigado.

Trecho 7 – A Nomeação Desumanizadora e A Ruptura Definitiva

Palestrante 1: Novamente, agora pra ler o trecho certo. A nomeação desumanizadora e a Ruptura Definitiva:

“Vocês entenderam alguma palavra do que ele disse? Perguntou o gerente aos pais. Será que ele está querendo nos fazer de bobos? Era uma voz de bicho, disse o gerente, num tom muito baixo quando comparado aos gritos da mãe.”

- **Questão 31.** O que significa ser nomeado pelo outro de forma desumanizante?

Significa perder o reconhecimento como pessoa, reduzindo sua identidade humana e se tornando como algo estranho e assustador, ser chamado de bicho. Ou seja, ele, Gregor, ele é desumanizado totalmente, porque naquele momento os pais nem o gerente, eles pensam como se ele fosse um filho ou funcionário deles.

Eles só observam o Gregor como se ele fosse um bicho.

- **Questão 32.** Como essa fala redefine a identidade de Gregor diante dos demais?

Ele deixa de ser visto como filho, trabalhador e ser humano, se tornando apenas uma criatura monstruosa e excluída.

Eles ignoram totalmente quem Gregor é.

- **Questão 33.** Quem detém o poder de definir quem é humano?

Aqueles que possuem autoridade social, econômica e institucional.

Nesse caso aqui, a própria família e o gerente, eles colaboraram para a expulsão de Gregor.

- **Questão 34.** Que grupos sociais sofrem processos semelhantes de animalização?

Pessoas em situação de pobreza, grupos raciais, imigrantes, pessoas com deficiência e minorias marginalizadas. Porque assim, a maioria das pessoas a gente passa, vamos supor, a gente passa naquela praça ali do... de Robson, como exemplo, e ali é um lugar onde tem uma quantidade significativa de pessoas em situação de rua. E aí, muitas vezes, muitas pessoas, não podemos discordar, infelizmente, que elas consideram aquelas pessoas, aqueles seres humanos, como pessoas inferiores só por eles estarem naquelas condições.”

Interferência – Palestrante 2: É isso. Porque tem pessoas que adeitam fazer isso. Quando a gente tem que procurar os direitos das pessoas, elas são muito de volta e volta. Então, isso é pra moldar os caras das pessoas. Porque, mesmo informando, pra interagir diretamente com as pessoas, se elas

fossem, se elas não ajudassem na forma pior, entendeu? Na forma da família, da família, de cuidar, de cuidar. Quando que não fechamos interação entre elas.

Palestrante 1: “Mas encobrada as autoridades.”

Palestrante 2: “Isso. Igual a um marido que não tem interação. Ai, que saco!”

Palestrante 2: “Em grupos raciais a gente também tem, desde o passado, as pessoas negras que são sempre minorizadas, infelizmente. Imigrantes, essa questão aqui de imigrante é um tema atual, que lá no... a gente pode ter como exemplo lá nos Estados Unidos, onde o presidente Donald Trump está colocando patrulhas na rua para retirar imigrantes, sem eles terem feito nada, sem eles terem... Não tem feito nenhum mal à nação, ele simplesmente quer criar e deixar somente o povo nativo. Sabe quem faz isso aqui hoje? Adolf Hitler na Alemanha. Pois é.”

Palestrante 1: “E na questão 35, a pergunta é:

- **Em que momento Gregor deixa de ser reconhecido como sujeito?**

É no momento em que sua fala não é mais compreendida, ele começa a ser chamado de bicho.

Palestrante 1: “Essa temática aqui, a gente pode colocar também como mulheres. Porque assim, quantas mulheres a gente não conhece que ficam em casa sempre cuidando, sempre fazendo as coisas de casa e tipo assim, independente da situação emocional de como ela acordou, sempre tem que estar fazendo aquilo ali. Vamos supor, a nossa mãe. Ela vai lá, mesmo que, pelo menos a minha, mesmo que ela tenha acordado, sei lá, não se sentindo bem, não se sentindo... saudável pra fazer alguma coisa, ela sempre tá lá. A gente chega em casa, sempre tá o quê? Sempre tá a comidinha pronta, sempre tá a roupinha lavada, sempre tá a casa organizada. E a gente tem que valorizar mais isso, né? Esse foi o meu trecho.”

Trecho 8 – A porta, o Olhar e o Limiar da Exclusão

Palestrante 01: “Eu vou apresentar, vou falar novamente, só que agora, sobre o trecho 8, que aporta o olhar e o limiar da exclusão.”

Palestrante 01: “O gerente soltou um alto ó e se afastou lentamente.”

Palestrante 01: “Sua mãe deu dois passos em direção a Gregor e, em seguida, desmaiou.”

Palestrante 01: “Seu pai encerrou os pulos com uma expressão hostil, como se quisesse empurrar Gregor de volta para o seu quarto.”

Palestrante 01: “Gregor se apoiou na parte interior da folha da porta de modo que só era possível

ver metade do seu corpo enquanto espiava as pessoas do lado de fora.”

Palestrante 01: “E agora a gente vai debater um pouco sobre as questões.”

Palestrante 01: “A questão 36, ela pergunta: como a Sena constrói visualmente o choque entre humano e insólito?”

Palestrante 01: “A Sena cria o choque ao mostrar Gégor parcialmente transformado, com características humanas e monstruosas que causam estranhamento, né?”

Palestrante 01: “Porque a gente se vê daquela forma. Não seria normal.”

“Não é algo que acontece no nosso dia a dia.”

Palestrante 01: “Então causaria, de certa forma, um estranhamento.”

Palestrante 01: “37. Que sentimentos contraditórios atravessam a reação da família?”

Palestrante 01: “A família sente medo, repulsa e tristeza.”

Palestrante 01: “E preocupação diante da transformação de Gregor.”

Palestrante 01: “Preocupação por quê, exatamente?”

Palestrante 01: “Porque ele é o sustento, né?”

Palestrante 01: “Então acredito que a principal preocupação que eles tiveram foi sobre o sustento da família.”

Palestrante 01: “38. A violência do pai é apenas física ou também simbólica?”

Palestrante 01: “A violência do pai é também simbólica, pois representa a rejeição, intolerância e a exclusão dentro de sua própria casa, dentro de sua própria família.” **Palestrante 01:** “39. Que valores sociais legitimam o confinamento de Grego?”

Palestrante 01: “Os valores sociais ligados à aparência, produtividade e normalidade fazem com que Grego seja isolado e tratado como alguém sem valor.”

Palestrante 01: “Porque se ele não pode produzir, se ele não pode ser útil pra algo, eles acreditam que o quê?”

Palestrante 01: “Se a gente para de ser útil na vida de alguém, essa pessoa vai continuar com a gente?”

Palestrante 01: “Vai ser útil pra gente?”

Palestrante 01: “E aí também tem uma pergunta, se você deixasse de ser útil, quem continuaria do seu lado?”

Palestrante 01: “A 40. Como a porta funciona como metáfora do limiar entre inclusão e exclusão?”

Palestrante 01: “A porta, ela simboliza a separação entre Gregor e a sociedade.”

Palestrante 01: “Assim, demonstrando o limite entre a inclusão e a exclusão.” **Palestrante 02:** “Que muitas vezes...”

Palestrante 02: “O de Gregor então é uma porta, mas muitas vezes... Às vezes é porque comprou uma mochila mais melhor, porque tem um carro melhor, porque tem uma moda melhor.”

Palestrante 02: “Entendeu?”

Palestrante 02: “Ah, mas ela tá com um ponto de queda, né?”

Palestrante 02: “Sim.”

Palestrante 01: “É isso aí.”

Palestrante 02: “Quem quer fazer isso, entenda, não tem ninguém no Brasil sempre quebrando, tá, galera?”

Palestrante 02: “Eu não sei o que é isso.”

Palestrante 01: “Somos todos miscigenados.”

Palestrante 01: “É.”

Palestrante 02: “Então, assim, é algo que a gente... Esse vídeo é muito bom porque dá pra gente ver, tem vários voados, vários corredores muito importantes pra gente fazer.” **Palestrante 02:** “É isso.”

Trecho 9 — O discurso final de submissão

Palestrante 01: “Bom dia, meu nome é João Guilherme e eu vou apresentar o trecho 9 da parte 2.”

Palestrante 01: “O discurso final de submissão.”

Vou me vestir agora mesmo, embalar o monstúrio e partir em viagem, disse Grego. O senhor está vendo que não sou teimoso, que gosto de trabalhar, tome o meu partido lá na loja. O senhor sabe muito bem que o cacheiro viajante pode facilmente se tornar vítima de intrigas, mas as primeiras palavras de Grego, o gerente já havia se afastado.

Palestrante 01:

- Questão 41. Por que Gregor insiste em se justificar mesmo após a rejeição?”

Palestrante 01: “Gregor insiste em se justificar porque ele ainda tenta provar que tem valor.”

Palestrante 01: “Mesmo sendo rejeitado, ele foi condicionado a acreditar que trabalhar e obedecer era o que fazia dele, entre outras, aceitável.”

Palestrante 01: “E meio triste porque ninguém mais está realmente ouvindo ele.”

Palestrante 01:

- Questão 42. O discurso do mérito ainda tem força diante da exclusão?

Palestrante 01: “Não muito, porque o texto mostra que esforço é mérito e mérito não garante respeito à inclusão.”

Palestrante 01: “Gregor sempre trabalhou duro, mas no momento em que deixa de ser útil, ele é descartado rapidamente.”

Palestrante 01:

- **Questão 43.** Que vozes sociais atravessam esse monólogo final?

Palestrante 01: “Tem a voz do trabalho, da cobrança social e da submissão ao patrão.”

Palestrante 01: “Parece até que Gregor fala como alguém que aprendeu a vida inteira que precisa justificar o tempo todo para merecer existir.”

Palestrante 02: “Gente, aí me lembra uma questão de que a gente tem que se encaixar nos padrões que os outros desejam da gente, né?”

Palestrante 02: “E a gente está sempre justificando, né?”

Palestrante 02: “Estou sempre justificando.”

Palestrante 02: “Eu fiz isso por conta disso aqui no outro.”

Palestrante 02: “Não, não, eu...”

Palestrante 02: “A gente tá sempre tentando se justificar pro outro pra ser aceito, né?”

Palestrante 02: “Pra ser aceito, né?”

Palestrante 02: “Por que.”

Palestrante 01: “Você é contra?”

Palestrante 01: “Por que você é contra?”

Palestrante 01: “Porque eu gosto de ser eu mesmo.”

Palestrante 02: “Mas a gente...”

Palestrante 01: “Não sei, mas eu só quis dar uma resposta.”

Palestrante 02: “Porque não vou falar a própria.”

Palestrante 01:

- **Questão 44.** Que sujeitos contemporâneos falam sem serem ouvidos?

Palestrante 01: “Trabalhadores explorados, pessoas pobres, pessoas com deficiência e as pessoas que são entre as marginalizadas.”

Palestrante 01: “Muitos falam e não são realmente escutados.”

Palestrante 01: “A sociedade costuma ignorar quem não se encaixa no padrão considerado útil, que nem a Eduarda falou.”

Palestrante 01: “Ou foi, Luísa?”

Palestrante 02: “Eles fingem não escutar o que é direito, que tem gente que quer direito.”

Palestrante 02: “Eles fingem não ver o que está acontecendo, fingem não ver pessoas passando

fome, fingem não ver pessoas sofrendo.”

Palestrante 01:

Questão 45. Como essa cena consolida a leitura da metamorfose como exclusão social?

Palestrante 01: “Porque a transformação dele deixa claro que a exclusão não é só física, é social.”

Palestrante 01: “A partir do momento em que Gregor não consegue mais produzir, ele perde espaço, voz e até a própria humanidade diante dos outros.”

DEBATE FINAL — Reflexões sobre a primeira parte da obra

Palestrante 01: “Bom, terminamos a leitura da primeira parte, aí eu queria que vocês relacionassem, dissesse por que esse primeiro trecho, qual a importância desse primeiro trecho, o que ele traz para a gente de reflexão, o que vocês sentiram lendo essa primeira parte do livro e falando sobre?”

Palestrante 02: “Acho que demonstra, apesar que é claro que uma pessoa não vai se transformar em uma barata do nada, mostra como uma pessoa pode ser excluída e como ela é tratada na sociedade de hoje em dia.”

Palestrante 02: “Como o Gregory, como a nossa colega Isabel falou, ele é muito paciente.”

Palestrante 02: “Muito paciente para uma pessoa normal.”

Palestrante 02: “Uma pessoa normal entra em desespero e se preocupa com ela mesma.”

Palestrante 02: “Mas como é para retratar a Gregory como um típico trabalhador, ele acabou não se preocupando com ele mesmo.”

Palestrante 02: “É claro, mostrou certas preocupações, é claro, mas não tanta importância quanto ele deu ao trabalho em si.”

Palestrante 02: “Que cabe quando o gerente veio, ele se desesperou total.”

Palestrante 02: “Ele perdeu a paciência que ele tinha.”

Palestrante 02: “Ele ficou ansioso, desesperado.”

Palestrante 02: “Ele até, entre aspas, resolveu para ninguém abrir essa porta.”

Palestrante 01: “Vai mudando, né?”

Palestrante 01: “Da leitura desse primeiro trecho, a forma da obra, da sociedade adulta.”

Palestrante 03: “Ah, pra mim a importância da obra pra sociedade é que a obra ela impõe sobre

qual é o valor verdadeiro que uma pessoa tem.”

Palestrante 03: “Porque assim, o Grego enquanto ele tava lá trabalhando, trazendo o sujeito da casa, ele tava sendo valorizado, mas a partir do primeiro dia só...”

Palestrante 03: “No único dia, no único e primeiro dia que ele faltou ao trabalho, o gerente já foi lá na casa dele pra reclamar, pra perguntar o motivo, não por preocupação por ele, mas por preocupação pelo trabalho.”

Palestrante 03: “E a partir de que a história vai avançando, a gente percebe que a família começa a distratar Gregor.”

Palestrante 03: “Começa a não considerar, não ver mais ele como um filho, e sim como um bicho.”

Palestrante 03: “Como se todos os sentimentos dele, como se a pessoa que ele fosse, tivesse sido esquecida.”

Palestrante 01: “Por que vale a pena, na sua opinião, ler essa obra?”

Palestrante 01: “Por que vale a pena ler?”

Palestrante 04: “Ler essa obra, tipo, vale muito a pena pra gente entender, né?”

Palestrante 04: “Ela aborta várias críticas sociais, várias críticas que... várias críticas que abordam o nosso atual.”

Palestrante 04: “E acredito que seja muito importante, porque tipo, que valor você tem se você não for mais útil?”

Palestrante 04: “Ela faz muitas perguntas do tipo, né?”

Palestrante 04: “Porque hoje eu posso parar de ser útil, amanhã quem vai estar do meu lado?”

Palestrante 01: “Qual o objetivo?”

Palestrante 01: “Qual a pessoa pode responder?”

Palestrante 01: “Qual o objetivo?”

Palestrante 01: “Do autor ter escrito essa obra, com que finalidade ele escreveu, o que ele queria chamar a nossa atenção, pra que exatamente?”

Palestrante 04: “Ele queria trazer a nossa atenção para os temas que ele critica, tipo o tema do trabalho que ele quis nos mostrar, que às vezes nossa produtividade é mais... é mais importante do que nós mesmos.”

Palestrante 04: “Ele quis mostrar isso, mas o que não é verdade, não é mais para a sociedade hoje em dia, é mais importante.”

Palestrante 04: “Eu acho isso que também quis mostrar aqui, tipo...”

Palestrante 04: “Quis mostrar...”

Palestrante 05: “Bom, como o Isabel estava falando, na real, muitos ricos, bilionários, donos de empresas, donos de comércio, eles se entortam mais com números de vendas, números de produtividade, números, não em pessoas, em sentimentos, em...”

Palestrante 05: “Nunca.”

Palestrante 05: “Sempre é mais números.”

Palestrante 05: “Sempre é contabilidade.”

Palestrante 05: “Nunca são sentimentos como pessoas.”

Palestrante 05: “Era isso que eu estava querendo adentrar, entendeu?”

Palestrante 01: “E quais são as consequências disso pra sociedade?”

Palestrante 05: “Que ela fica desumana.”

Palestrante 05: “A galera fica desumana, não tem um sentimento lógico.”

Palestrante 05: “Pra você ver, ele foi na casa do cara, ele não faltou.”

Palestrante 05: “Três anos que ele tinha, ele não faltou um sequer dia.”

Palestrante 05: “E mesmo ele faltando um dia, ele podia estar indisposto, podia estar passando por alguma doença.”

Palestrante 05: “E mesmo assim ele foi lá sendo cobrado.”

Palestrante 05: “E não só pela...”

Palestrante 05: “Pelo gerente sim, pelos pais dele.”

Palestrante 05: “Então assim, a galera fica desumana, fica sem sentimentos entre relação humana.”

Palestrante 05: “E isso pro ser humano é um pouco triste, né?”

Palestrante 05: “Porque se não tem sentimento, vai ter o que mais?”

Palestrante 01: “Pare só um pouquinho aqui.”

Palestrante 04: “A família dele, mesmo ajudando ele sempre, mesmo ele ajudando a família dele sempre, a família dele tratou ele como se ele não fosse nada, só por causa da aparência dele e de como ele estava na situação dele.”

UNIDADE TEMÁTICA 3: Trabalho, controle e ruptura: a aceleração da exclusão

Boa tarde, meu nome é Gabriela e eu vou apresentar sobre a questão 1: O dever contra o cuidado e o conflito ético.

Trecho:

“Gregor percebeu que não poderia de modo algum deixar que o gerente partisse naquele estado de espírito. Do contrário, sua posição na loja estaria em grave risco. Se os pais não compreendiam isso, não se podia censurá-los. Afinal, em todos esses anos, Gregor sempre havia demonstrado ser um funcionário exemplar. Ele precisava, portanto, fazer um esforço extraordinário para explicar sua situação. Era preciso convencer o gerente de que tudo não passava de um mal-entendido momentâneo. O gerente deveria ser detido, acalmado, convencido e finalmente conquistado, pois o futuro de Gregor e de sua família dependiam disso.”

- **Qual é a principal preocupação de Gregor?**

A principal preocupação dele é não perder o emprego e continuar sustentando a família. Ele teme que o gerente pense mal dele e que isso prejudique o futuro financeiro da casa.

- **Letra B. Essa preocupação é com ele mesmo ou com os outros?**

É mais com os outros, porque ele pensa na família e no trabalho antes de si mesmo, tentando evitar problemas para todos.

- **Letra C. Que valor aparece mais fortemente, vida ou trabalho?**

O trabalho aparece mais fortemente no trecho, pois Gregor demonstra medo de perder sua posição e preocupação com a opinião do gerente.

Pronto, essa é a minha parte. E eu vou apresentar a questão 2.

- **Você considera justa a atitude de Gregor? Explique.**

Não considero uma atitude totalmente justa, porque Gregor se preocupou tanto em manter o seu emprego, sustentar a família, que acabou deixando de lado o próprio sofrimento.

- **Questão 2.** Agora uma pergunta para todos vocês, né? Hoje, vocês veem que muitas pessoas colocam o trabalho, obrigações ou produtividade acima da própria saúde? Quem gostaria de responder?

Sim, tem que ir com o microfone para responder.

Sim, foi isso comentado... os produtos que falou, no mínimo, não acabam acompanhando isso, isso causa um pouco... uma ansiedade das pessoas que acabam buscando atingir e ter uma hora de estabilidade. Só que, como por causa das consequências, infelizmente, que as pessoas não acabam conseguindo isso. Por meio disso, as pessoas muitas vezes acabam esquecendo da sua saúde só para focarem em trabalhar. Elas acabam se preocupando mais com o seu trabalho, com até outras coisas, que afetam a própria família, que acaba esquecendo... acaba esquecendo a família para focar no trabalho.

Mais alguém quer falar? Sim ou não?

Alguém poderia falar um exemplo, por exemplo, em que vocês conhecem alguém, por exemplo, que já acabou esquecendo de si, né, por conta do trabalho? Que se conhece alguém que trabalha exaustivamente, né, e que acaba esquecendo de si por conta do trabalho. Alguém quer falar?

Pronto, próxima.

Agora outra pergunta, ó, antes da gente ir pra parte 2, para a questão 2, ó.

Carol quer falar? ...

Vamos lá, ó.

Próxima.

Então, próximo, ó. Se vocês... essa cena, né, ela fala, ó:

“Gregor percebeu que não poderia de modo algum deixar que o gerente partisse naquele estado de espírito”, né? Quando ele se mostra, né, ele fica angustiado e ele tem medo que o gerente saia correndo e ele acaba, acabe perdendo o emprego.

Aí eu pergunto a vocês, né:

- se vocês fossem amigos de Gregor e estivessem vendo de fora isso acontecer, qual conselho vocês dariam pra ele nesse momento de angústia em que ele não pode deixar o gerente sair justamente pra não acontecer o pior? Qual conselho que vocês dariam a Gregor nesse momento da vida dele? Quem gostaria de falar?

Acho que falava com acalmar as ideias dele e tentar convencer o gerente a não... realmente não sair, pra, tipo, melhorar a situação dele em si, porque ele já estava numa situação desesperadora. Aí ele tentar convencer, explicar a situação dele e ver o que o gerente poderia fazer em relação a isso.

- **Letra A. Como a mãe de Gregor reage ao vê-lo?**

A mãe de Gregor reage com medo e desespero. Primeiro, ela fica paralisada e sem acreditar no que está vendo, depois ela grita por socorro, se afasta e acaba caindo sobre a mesa.

- **Letra B. Essa reação demonstra reconhecimento ou rejeição?**

Essa reação demonstra principalmente rejeição. A mãe não consegue enxergar Gregor como um filho que conhecia antes, mas sim como uma criatura estranha e assustadora. O medo dela mostra como a transformação afastou Gregor até das pessoas mais próximas.

- **Letra C. Quais palavras revelam desespero?**

As palavras e expressões que revelam desespero são: “completamente aturdida” e “gritando socorro, socorro, pelo amor de Deus”. Essas expressões mostram o medo intenso e o choque da mãe diante da situação.

- **Letra D. Que sentimentos essa cena provoca?**

Essa cena provoca tristeza, angústia, medo e até pena de Gregor. O leitor percebe o sofrimento dele ao notar que sua própria mãe já não consegue reconhecê-lo como humano. A cena também causa desconforto, porque mostra como a aparência pode mudar completamente a forma como alguém é tratado.

Perfeito.

Para quem quiser responder para o geral, né?

- **A aparência muda a forma como alguém é tratado na sociedade? Quem gostaria de responder?**
- **A aparência muda ou não a forma como a gente é tratado pela sociedade?**

Quem gostaria de responder?

Pode responder? Pode responder?

Sim. Que, tipo assim, a maior taxa de bullying que tem é por causa de aparência. Que na escola, muitas vezes, você, por não ter uma aparência que é do padrão que eles criaram, acaba chacoteando, fazendo muitas coisas.

Vocês já viram, já presenciaram situações em que a pessoa é tratada de forma diferente por conta de algo que a sociedade considera como estranho? Às vezes não é nem pela fisionomia e características dela, e sim, tipo, por estilo, entre se vestir.

Às vezes a pessoa não tem nem condição para poder se vestir do jeito apropriado que as pessoas falam da sociedade, mas mesmo assim as pessoas riem, mangam e meio que deixam elas excluídas no canto por um motivo que ela não tem o que fazer. Às vezes até gostam do estilo.

- **Que tipo de aparência, geralmente, os jovens têm que faz com que as pessoas olhem de forma diferente?**
- **Qual é o tipo de aparência que vocês, enquanto jovens, meninos... que tipo de aparência que vocês geralmente... a pessoa tem ou a pessoa defende, que faz com que a sociedade olhe de forma diferente ou exclua?**

Quando você está com chinelo velho, uma roupa velha, você não vai ser a mesma coisa do que eu que ando com uma roupa de marca, cabelo cortado, aí é uma pessoa mais presença. Quando a pessoa é excluída ou não é de presença da sociedade. Você está com um chinelo velho, uma roupa velha, você não vai ser a mesma coisa do que eu que ando com uma roupa de marca, entendeu?

- **Outra pergunta, imaginem sempre a cena pelos olhos de Gregor, né? O que ele sentiria ao perceber a reação da mãe, né? Se ele percebesse a reação da mãe? O**

que ele sentiria se vocês se colocando no lugar dele, né? Como é que vocês se sentiriam se vocês fossem Gregor?

É... Gregor, ele se sentiu meio que traído, ela falava certa, né? Porque ele deu a vida dele, dava a vida dele pra poder sustentar a casa, que o pai, a irmã e a mãe tinham uma vida assim... Todo mundo pede, né? Uma vida que não faz nada, sustentado, mantém tudo em casa.

Então assim, você vê a pessoa que você sustentou te negando, se assustando vendo você, é uma coisa assim que a gente fica... você tem muita traição mesmo, porque é um choque muito grande.

- **Vocês conhecem alguém que assim tenha sido útil pra alguém, né? E que tenha sofrido isso assim, esse abandono da família, por exemplo? Alguém conhece? Que tinha sido deixado por, sei lá, por esposo, por esposa?**

Você quer falar?

Calma, calma. Deixa eu tentar aqui.

Tinha uma casa e tinha uns *vipinhos*. Aí tipo a família acabaram abandonando eles e eles ficaram por lá. Aí tipo eles bebiam muita cachaça, mas tipo era gente boa, tá ligado? Via lá por casa, ficava enjoando. Uma vez até minha mãe mandou expulsar de casa. Aí só que aqui um tava meio doente e infelizmente ele acabou morrendo e ficou... buscar o corpo dele já.

É porque aí os outros se entenderam.

Bom, minha avó, ela é bem atualizada, né? Bem atualizada mesmo. Aí ela sempre teve namorados na vida dela. É um... é filha atualizada.

Um em questão, ele ficou uma boa parte do tempo na minha vida como... não era um avô, mas assim eu criava, tipo assim, como que era uma relação muito forte.

É de um tempo pra cá minha avó brigou com ele, se separou, ele seguiu a vida dele e minha avó seguiu a dela. Só que ele sempre foi muito de beber, muito disso, fazer coisas erradas. E ele não tinha uma idade muito legal, né? Aí ele vivia nas queimadas.

Aí tipo, sempre teve um carinho muito enorme, grande por ele. Mas assim, né, caminhos diferentes, assim, meios opostos, a gente vai distanciando.

Chegou um dia, né? Agora já grande, ano retrasado, que meu pai me lembra e fala assim:

“Eduarda, fulano morreu.”

“Nós encontrou o corpo dele lá na casa dele e tava morto.”

E aí na casa dele tinha um retrato meu. Eu era pequenininha... eu fui chorar de novo. Meu Deus. Aí, isso mostra como as pessoas são tratadas de forma que tipo assim: se você não tem valor para a sociedade, você não é nada, você é só um número. Porque a forma que ele foi enterrado foi triste, porque ele não é daqui, é de outro lugar. Então teve que pedir pra alguém enterrar ele.

Então teve uma foto que vazou dele na internet, que ele tava em um caixão, todo enrolado de um plástico de lixo, como se não fosse nada, entendeu?

E pronto, ele era uma pessoa incrível e foi enterrado como se fosse um indigente.

Então assim, é muito triste como a sociedade, infelizmente, você tem que ser algo pra ela, fazer algo pra ela, pra você ser alguém, entendeu?

Mas...

Não que eu conheça, mas eu acho que um caso que fica bem exposto assim é em abrigo, em asilo assim de idosos. Porque é um supor, aqui quando eu vou pra casa sempre passa ali pela frente que tem um asilo ali, né?

E aí hoje mesmo eu estava passando assim, aí eu estava olhando os idosinhos lá, aí eu fiquei pensando, tipo assim: uma pessoa que já teve uma vida lá, provavelmente tem um filho e desde criança estava lá cuidando e tal.

Não seja todos os casos, mas vamos supor que eu conheço uma idosa que ela sempre estava lá cuidando.

E aí, quando chegou em um momento que ela ficou debilitada, os filhos que geralmente ela tentou tomar assim colocou ela num asilo e nem pensou em cuidar dela do jeito que ela cuidava deles.

Então eu acho que um caso que é...

Boa tarde, meu nome é Mariana e eu vou responder agora à **questão 3:**

A violência que nasce do medo.

“Infelizmente, a fuga repentina do gerente pareceu transformar completamente o pai. Até então, permanecera relativamente calmo, mas agora começou a agir com impaciência. Com um gesto brusco, arrancou a... bengala... hã? Agarrou a bengala que o gerente havia deixado cair e também pegou um jornal sobre a mesa. Entre fortes batidas de pé no chão, passou a empurrar Gregor de volta para o quarto.”

- **Questão A. O pai tenta resolver a situação através do diálogo?**

Não, o pai não tenta resolver a situação através do diálogo ou da calma. Pelo contrário, após a fuga do gerente, ele passou a agir de forma agressiva e impaciente, usando a força física para empurrar Gregor de volta ao quarto.

- **Questão B. Que palavras mostram agressividade?**

As palavras e expressões que demonstram agressividade são: “agir com impaciência”, “gesto brusco”, “agarrar a bengala”, “fortes batidas de pé no chão” e “empurrar Gregor”. Essas expressões mostram atitudes violentas e autoritárias do pai.

- **Questão C. O pai age com maldade ou desespero?**

O pai parece agir mais por desespero e medo do que por pura maldade. A transformação de Gregor e a fuga do gerente deixam uma situação tensa e assustadora, fazendo com que o pai reaja de maneira violenta e sem controle.

Pessoal, só pra completar a fala dela, aí eu pergunto. Ela leu essa parte aqui, né?

“Infelizmente, a fuga repentina do gerente pareceu transformar completamente o pai”, né?

O pai, ele ficou impaciente, ele fez gestos bruscos, ele agarrou a bengala, ele botou Gregor para dentro.

Aí minha pergunta pra vocês é o seguinte, né? O medo, ele muda as pessoas? A forma como as pessoas tratam alguém? O medo pode fazer com que as pessoas mudem, né? Quem gostaria de responder?

E assim, vocês saberiam dar exemplos em que o medo fez com que alguém tratasse outra pessoa de forma diferente?

E aí, o medo, pessoal, pode interferir ou não?

Eu acho que pode interferir totalmente. Eu acho que pode interferir porque, vamos supor, tem uma pessoa e aí, por algum motivo, ela foi injustiçada, ela foi condenada por alguma coisa, algum crime, alguma coisa assim, que ela não cometeu.

E aí, sim... bom, pelo menos eu acho que essa pessoa não vai ser tratada do mesmo jeito que qualquer pessoa normal, porque a pessoa vai ter um temor ali por ela, ela vai ter um receio em estar com ela.

Então vai mudar o tratamento em que ela vai receber.

Por exemplo, uma mulher que tem medo do marido: o tratamento dela muda ao longo do tempo ou não muda ao longo do tempo? Quem gostaria de falar?

Que muda porque muda, que não...

Não muda... muda porque ela começa a criar medo, começa a ficar insegurança. Geralmente o homem começa a manipular ela. Aí ela fica se perdendo cada vez mais e, querendo ou não, muda o comportamento, né?

Porque o medo nunca vem sozinho, ele sempre vem com algo a mais. Como a Heloísa falou, ele vem com insegurança, ele vem com o medo de sobreviver, como ele falou, de sofrer. Alguém sempre tem algo do lado dele, parando ele. Sempre. Nunca vai ser o medo sozinho. Entendeu como isso?

Outra coisa que me veio à cabeça, sabe por quê? Às vezes, quando a gente está andando na rua, né? Que a gente tem um possível medo de alguém que vem ao nosso encontro.

Geralmente a gente tem medo de que estereótipos de pessoas? O que faz com que as pessoas

escondam a bolsa? Com que as pessoas atravessem para o outro lado? Qual é o tipo de pessoas que as pessoas têm tanto receio assim, né?

Me veio essa cena, né? Que o medo faz com que eu nem conheça.

Aí você vem de lá caminhando e eu vou passar primeiro do que você, né? Aí o medo faz com que eu tenha alguns comportamentos, tipo segurar a minha bolsa ou atravessar um ambiente.

Bom, as minorias, as mais afetadas pela sociedade.

Eu acho que a principal sejam as pessoas negras, porque não que a gente tenha a culpa, mas às vezes, vindo de um preconceito que já está pela sociedade, assim, às vezes a gente tem um receio, mesmo que a gente não conheça, mas a sociedade, infelizmente, está acostumada.

[fala interrompida]

Meu nome é Marice e eu vou dar continuidade com a **questão 4**.

Leia o trecho:

“Gregor tentou várias vezes explicar que tudo estava bem e que logo poderia abrir a porta. Queria tranquilizar a família e o gerente, mas as palavras que saíam de sua boca não pareciam mais humanas, soavam estranhas, incompreensíveis, como um ruído confuso. Nenhum pedido de Gregor foi atendido, na verdade, nenhum pedido foi sequer entendido.”

- **Letra A. Gregor tenta se comunicar?**

Sim, ele tenta se comunicar várias vezes. Ele queria explicar que estava tudo bem e acalmar sua família e o gerente.

Meu nome é Alane e eu vou ler **a alternativa B e C da questão 4**.

- **Seus pedidos são compreendidos?**

Não, seus pedidos não são compreendidos, porque sua voz saía como um ruído confuso e ninguém entendia o que ele dizia.

- **Alternativa C. Como essa situação altera o lugar de Gregor dentro da sua família?**

Essa situação altera o lugar de Gregor dentro da sua família, porque ele passa a ser visto como um estranho e incompreendido, ficando afastado e excluído dos outros.

Pessoal, quem são os... que hoje não são realmente escutadas na sociedade, que falam, que reivindicam e não são escutadas pela sociedade? Quem gostaria de responder?

Os negros, os pobres, os deficientes, os negros.

Os negros.

Quem quer falar mais? Eu dei falta de você falar.

Pessoas deficientes em geral, pessoas marginalizadas que moram em lugares diferentes da sociedade.

E algumas pessoas de religiões matrizes africanas... africanas.

Por causa de gênero, sexualidade.

Os CLT, a guerra de Dona Queuza ficou nossa luta assim, né? Os CLTs que os deputados votam pra nós e a gente não vota pra eles.

Como o Eduarda falou, é assim.

Eu acho que é todas as pessoas, qualquer pessoa que não tenha algum tipo de poder na sociedade. Porque, digo um exemplo aí, é a feição dos deputados que votaram a maioria contra o fim das classes por um, sendo que a maioria trabalha o quê? Quatro dias na semana e ganha 41 mil reais.

Aí os trabalhadores dos CLTs trabalham seis dias na semana, ou seja, eles não têm nenhum fim de semana pra ter o descanso, não tem nem um sábado pra ter o descanso.

E aí eles simplesmente não querem que essas pessoas tenham o mínimo do direito delas, que é descansar, pra ganhar um salário mínimo.

Pessoal, outra pergunta pra vocês responderem. Se vocês pudessem entrar na narrativa, no texto, e mudar apenas...

Ah, porque Gregor simplesmente cuidava da família, trabalhava para sustentar a família em geral. E o pai é uma figura que cuidou dele a vida inteira, tipo dele quando era pequeno até os dias atuais que ele trabalha.

Então eu achei nada... é, achei nada a ver o jeito de ele tratar o filho dele, porque o filho dele sempre ajudou a família e ele foi o primeiro a, tipo, rejeitar o menino só porque ele ficou diferente e teve problemas.

Sendo que quem devia sustentar a família era o pai, não o Gregor, porque, né? Ele não tem direito de sustentar a casa, sustentar a mãe, o pai, a irmã, sendo que esse direito era do pai.

Aí o pai vê o filho daquele jeito, naquele estado na cama e simplesmente vai querer bater nele e fazer lá as coisas.

Eu acho que se a atitude do pai tivesse sido mais confortável, a situação pra Gregor seria menos traumática e ele teria reagido melhor.

Até porque o pai também infere que a mãe cuide de Gregor, né? Porque aí tem um capítulo em que a mãe vai ali tentar ajudar e quando o pai chega em casa e vê, ele recebe essa notícia e fica valorizado...

Ele fica totalmente revoltado e fala que não é pra cuidar, é pra deixar ele lá, como se ele não fosse mais nada.

UNIDADE TEMÁTICA IV - silêncio, cuidado ambíguo e desumanização progressiva, conceito importante.

Nessa etapa, a exclusão acontece através do silêncio, do afastamento e das mudanças das relações familiares.

Questão 1, silêncio, escuta e exclusão.

Através das fechas da porta, Greg ouvia que a lâmpada de gás estava acesa na sala. Mas diferentemente do que ele acostumava, ocorre a essa hora do dia. Quando o pai lia com voz solene o jornal da tarde para a mãe e às vezes também para a irmã. Hoje não se ouvia o som algum. Talvez essa leitura a respeito na qual a irmã sempre contava ou escrevia não fosse mais usual no justo tempo. No entanto, tudo também estava silencioso em todo o entorno. Embora o apartamento certamente não estivesse vazio.

- **O que aconteceu na rotina da família?**

A rotina da família mudou porque agora todos viviam mais silêncio e Greg estava isolado no quarto.

- **Que efeito o silêncio produz na cena?**

O silêncio produz um efeito de tristeza, distância e exclusão dentro da família. Que efeito o silêncio produz na cena?

Esse silêncio exclui Greg porque ele deixava de participar de convivência e apenas observava tudo.

- **Porque essa mudança pode ser mais dolorosa que uma agressão direta?**

Porque o afastamento e a falta de diálogo machucam Greg emocionalmente, fazendo com que ele se sente sozinho e rejeitado. Uma pergunta para vocês. Existem situações em que alguém está presente fisicamente, mas acaba sendo excluído ou excluída ou ignorados.

- **Vocês saberiam dizer quais situações que vocês lembrassem?**

A pessoa está presente fisicamente e ainda assim ela é ignorada. Crianças autistas, exclusões de trabalho, não ser convidados para festas do grupo da escola e por se vestir mal. No caso, são só alguns exemplos em que muitas vezes você está presente em um determinado lugar e você acaba sendo ignorado justamente por essas questões.

A gente vê bastante crianças com deficiências ou até mesmo adolescentes com deficiência. No nosso trabalho, quando as pessoas acham que a gente ou não se veste adequado ou que a gente tem um comportamento que as pessoas não gostam, a gente acaba existindo fisicamente e sendo ignorado.

- **Observando a sala pela fresta da porta, o que Gregor poderia ter sentido ou observado naquele momento?**

Através das frestas da porta, Gregor via que a lâmpada de gás estava acesa na sala do estar, mas diferentemente do que costumava ocorrer a essa hora do dia, quando o pai lia com voz solene o jornal da tarde para a mãe e às vezes também para a irmã, hoje não se ouvia som algum, era tudo silencioso na sala.

- **Então, possivelmente, o que Gregor pensa observando a fresta da porta? Alguém gostaria de falar? O que você acha, Luísa, o que ele está pensando?**

Ele está na frestinha da porta, observando o silêncio total.

- **O que você acha que está passando na cabeça de Gregor? Se você se pusesse no lugar dele, o que você acha que estaria passando?**

O silêncio da casa, né? Ele está olhando pela frestinha da porta, escondidinho, e ele não está vendo nada, porque antes eles conversavam e agora existe um silêncio total.

- **O que você acha que está passando na cabeça dele nesse momento?**

Eu acho que passa um sentimento como se eles estivessem tentando totalmente escorrer ele, porque eu acho que ele deve interpretar o silêncio como, mesmo eles estando em casa, eu acho que o silêncio seria uma forma de eles não conseguirem, o Gregor não tem nenhum tipo de contato, nem se quer ouvir a voz dos seus familiares para evitar constrangimentos, essas coisas. Eu acho que o sentimento que ele está sentindo é a exclusão e eu acho que ele deve estar pensando bastante na vida que ele tinha antes. Perfeito, Luiza, excelente.

- **Questão 2, quem é que vai? Questão 2, vergonha e identidade.**

Trecho 2:

Mas o quarto amplo e vazio para o qual foi empurrado e o modo como ficava estendido no chão, isso tudo o enchia de medo, sem que ele pudesse descobrir a causa, pois afinal esse era o quarto com o qual ele estava habituado havia 5 anos, e com um movimento quase inconsciente, não se sentiu uma leve vergonha. Ele correu para debaixo do canapé.

Questões. A.

- **Por que Gregor sente vergonha de si mesmo?**

Gregor, ele sente vergonha porque internalizou o olhar de repulsa da família. Ele passa a ver seu novo corpo como algo monstruoso e indigno de ser visto.

- **B. Ele se esconde por proteção física ou por vergonha social?**

Ele se esconde por vergonha social. O medo maior não é físico, mas o julgamento e a rejeição

da família ao vê-lo daquela forma.

- **C. Como esse gesto mostra que ele passou a se ver pelos olhos dos outros?**

Esse gesto mostra que Gregor já se enxerga pelos olhos dos outros.

Ele assume a visão da família, acreditando ser um estranho e assustador.

- **D. O que isso revela sobre a perda da identidade?**

Isso revela que há perda da identidade, pois Gregor deixa de se reconhecer como humano e passa a agir como um inseto que os outros enxergam nele. Uma pergunta que todos vocês podem responder.

- **Na opinião de vocês, a opinião dos outros sobre a gente influencia na forma como nós nos vemos? Quando a gente tem alguém ali que o tempo todo nos chama de preguiçoso ou diz que nós somos uma pessoa difícil, isso muda o nosso comportamento, a nossa forma de nos enxergarmos?**

Eu acho que sim, porque quando a gente começa a escutar isso, a gente começa a acreditar que é verdade e achar que sim, nós somos aquilo, só porque os outros estão falando que a gente é. Eu acredito que por escutar falando isso da gente, a gente acaba acreditando e acaba se adaptando com esse jeito que a pessoa falou que a gente é. E isso acontece tanto para coisas boas quanto para coisas ruins. Se as pessoas dizem assim, como você é bonita, como você é capaz, como você consegue fazer isso, aquilo, outro, quando as pessoas acabam também nos valorizando, isso eleva a nossa autoestima e muda o nosso comportamento também. É como se a palavra traísse, porque vamos supor, em um relacionamento tóxico, aí seu parceiro está lá todo dia, menosprezando você, dizendo que você é feia.

Com o tempo você vai parar de se cuidar, vai parar de se preocupar com você e vai ignorar totalmente como você gostava de fazer. Eu acho que influencia totalmente. Perfeito.

Trecho 3: A comida como linguagem.

Mas nunca teria podido adivinhar o que a irmã, em sua bondade, realmente fez. Ela lhe trouxe para testar o seu paladar toda uma seleção de comidas. Havia alguns legumes velhos, quase apodrecidos, osso do jantar de ontem, uva passas e amêndoas, um pão seco, um pão com manteiga e um pão com sal e manteiga.

Atividades.

A. Por que a irmã traz tantos tipos de comidas diferentes?

A irmã traz vários tipos de comida porque queria testar o paladar dele e tenta descobrir o que ele conseguiria comer.

Isso mostra a preocupação dela em ajudá-lo e encontra algo que lhe agradece ou dependência em alguma reação.

- **B. Qual gesto humano está por trás dessa atitude?**

Por trás dessa atitude há um gesto de carinho, cuidado, amor e preocupação. A irmã demonstra dedicação ao tentar alimentá-lo e agradece o irmão mesmo diante de uma situação difícil.

- **C. Como a escolha dos alimentos mostra cuidado e também estranhamento?**

A escolha dos alimentos mostra cuidado porque a irmã se esforça para oferecer diferentes opções de comida, porém também causa estranhamento porque alguns alimentos são descritos como velho, quase apodrecido e o resto de refeições, o que torna a cena incomum e desconfortável. Para que todos vocês possam refletir e pensar.

- **C. Por que essa cena é ao mesmo tempo bonita e triste?**

A cena é bonita porque revela o amor e a bondade e a tentativa da irmã de ajudar o irmão. Ao mesmo tempo é triste porque os alimentos apresentados mostram uma situação de sofrimento, pobreza ou descratação, criando um clima de tristeza e compaixão.

Trecho 4: A alegria de comer e o corpo outro:

“Muito rapidamente e com lágrimas de alegria nos olhos, ele devorou um depois do outro o queijo, os legumes e o molho. As comidas frescas, em compensação, não lhe apeteciam a ponto de ele não poder suportar o seu cheiro.”

Atividades.

- Por que essa cena pode causar estranhamento no leitor?

Essa cena pode causar estranhamento no leitor porque Gregor sente prazer em comer alimentos velhos e estragados, enquanto rejeita comidas frescas.

Isso mostra como sua transformação mudou seus gostos e comportamentos.

- B. Que mistura de sentimentos aparece aqui?

No trecho, aparece uma mistura de alegria e tristeza. Gregor sente alegria ao comer, mas a sua situação também é triste por causa da sua transformação.

- C. O que há de humano nessa cena, mesmo com o corpo não humano?

O que há de humano nessa cena são os sentimentos e emoções de Gregor, como a alegria e a satisfação ao comer.

- D. Como essa mistura cria um efeito estético forte?

Essa mistura cria um efeito estético forte porque junta sentimentos humanos com a aparência e

os hábitos estranhos de Gregor, causando impacto e estranhamento no leitor.

- Pra vocês responderem, a aparência determina totalmente quem alguém é?

Não, eu acredito que a aparência não determina quem é, porque pode ser uma pessoa feia, bonita, muitas pessoas bonitas com seu coração que seja de certa forma ruim, e muitas pessoas que sejam consideradas feias pela sociedade têm um coração muito bom e puro.

— Perfeito.

- Se você, por exemplo, entrasse na casa de Gregor nesse momento que ele está comendo queijo, legumes e comidas apodrecidas, como você interpretaria essa situação?
- O que você pensaria se chegasse e visse ele comendo esse tipo de alimento?

Se a gente visse ele como humano, mas como ele é aparentemente agora, depois da transformação, um inseto, isso ia mostrar a adaptação dele, a mudança que a transformação dele trouxe pra vida, porque como inseto agora ele prefere comer coisas em decomposição, essas coisas que são comidas específicas de um inseto, do que comidas normais de quando ele era um ser humano. Seria estranho, mas mostraria acessibilidade.

Trecho 5:

"A irmã mal se permitia ver o que Gregor havia deixado. Segurava tudo apenas pela ponta da vassoura e jogava apressadamente dentro de um balde."

Atividades

- **Questão 1 – A irmã age com carinho ao limpar o quarto?**

Aluno(a): Há carinho no ato de levar comida e limpar o quarto, mas o modo como ela realiza essas ações revela medo e afastamento. Ela age apressadamente, usa uma vassoura para não tocar em nada e sai rapidamente sem olhar para Gregor.

- **Questão 2 – Por que ela limpa tudo rapidamente?**

Aluno(a): Porque ela sente medo e nojo. Ela não suporta a visão do irmão nem dos restos da comida. A rapidez mostra que deseja se livrar daquela situação incômoda o mais depressa possível.

- **Questão 3 – Esse cuidado também pode ser visto como afastamento?**

Aluno(a): Sim. É um cuidado higiênico, mas não afetivo. Ela cuida do espaço, mas não do irmão. Limpar o quarto de Gregor pode ser visto como uma forma de isolá-lo e tratar sua existência como algo indesejado.

- **Questão 4 – É possível cuidar e excluir ao mesmo tempo? Justifique.**

Aluno(a): Sim. É o que podemos chamar de cuidado sem afeto. A irmã garante a sobrevivência física de Gregor por meio da comida e da limpeza, mas nega sua presença emocional e social. Ele passa a ser tratado como um animal de estimação ou como um problema doméstico, e não mais como um membro da família.

Trecho 6

Professora:

Somente mais tarde, quando a irmã já havia se acostumado um pouco à nova situação, Gregor, às vezes, apanhava um comentário dito com carinho ou pelo menos com certa intenção de consolo.

— *"Hoje ele gostou da comida"*, diziam algumas vezes.

Em outras ocasiões, quando Gregor havia deixado tudo intocado, ouviam-se observações como: — *"Ele nem tocou a comida outra vez."*

- **Questão A:** Gregor participa dessas conversas?

Aluno(a): Não. Gregor apenas escuta as conversas da família.

- **Questão B:** Como é ser falado sem poder falar?

Aluno(a): É doloroso e humilhante, porque ele não consegue se defender nem participar.

- **Questão C:** O que isso muda na forma como ele existe dentro da família?

Aluno(a): Isso faz com que ele passe a ser visto como um problema e fique mais afastado da família.

- **Questão D:** Por que essa situação pode ser considerada uma forma de violência simbólica?

Aluno(a): Porque Gregor perde sua voz e deixa de ser tratado como alguém importante dentro de casa.

Professora: Uma pergunta para vocês responderem:

- existem grupos ou pessoas que são constantemente falados, mas raramente escutados?

Aluno(a): Sim. Seriam pessoas excluídas ou pessoas que sofrem bullying, abusos e essas coisas. Raramente elas tentam falar, mas não são escutadas devidamente. Isso acaba ocasionando depressão, trauma ou até mesmo suicídio.

Professora: Perfeito.

Imaginem Gregor ouvindo essas falas. Quais falas?

— "Ele nem tocou a comida outra vez."

— "Hoje ele gostou da comida."

- O que ele responderia, se pudesse participar dessa conversa, na opinião de vocês?

Aluno(a): Eu acho que ele poderia realmente falar o que sentiu, se gostou ou não da comida, ao invés de as pessoas tirarem conclusões por ele, sem que pudesse responder.

Professora:

- O que vocês percebem entre eles? Existe fome física ou fome de diálogo? A fome que eles sentem — ou deixam de sentir, né? — é fome física ou é fome de diálogo? O que está faltando entre eles desde que Gregor se torna um inseto?

E aí, quem poderia responder?

Aluno(a): Falta fome de comunicação, né?

Professora: Eles se sentem...

Aluno(a): Eles nem sentem tanta fome porque o emocional deles está abalado.

Professora: E o que acontece quando não existe diálogo nas relações?

Aluno(a): Elas acabam mais tristes e... porque você não sabe o que está acontecendo com a outra pessoa, né? Você se sente mal e exclui, porque não tem uma conversa, não existe um sentimento de pertencimento, né? De família mesmo.

Professora: Agora vamos para a questão...

UNIDADE TEMÁTICA 5

Trecho 1:

Professora: Trecho 1:

"Agora a irmã e a mãe também precisavam cozinhar, porém isso não exigia muito esforço, pois quase não se comia. Repetidas vezes, Gregor ouvia um deles pedindo aos outros que comessem, sem receber outra resposta a não ser: 'Obrigado, comi o suficiente' ou algo parecido. Aparentemente, também não se bebia nada. Frequentemente, a irmã perguntava ao pai se ele queria cerveja e oferecia carinhosamente para buscá-la. Mas, como ele permanecia calado, ela dizia, para poupá-lo da preocupação, que também poderia pedir que a zeladora buscasse cerveja. Porém, o pai respondia com um sonoro 'não' e não se falava mais a respeito."

- O que esse trecho revela sobre o clima emocional da casa?

Aluno(a): O trecho revela um clima emocional tenso, triste e afetado entre os membros da família.

Professora:

- Por que a fala "obrigado, comi o suficiente" pode ser lida como mais do que uma informação sobre comida?

Aluno(a): Porque a frase demonstrava não ser só satisfação com a comida, mas também resignação, insatisfação, silêncio e tentativa de evitar conflito com o outro.

Professora:

- Quais marcas linguísticas constroem a sensação de cansaço, fechamento e interrupção do diálogo?

Aluno(a): Interrupções como "não", em torno da questão da cerveja, a expressão "não se falava mais a respeito" e o silêncio entre os personagens ajudavam a criar sensação de distanciamento e encerramento do diálogo.

Professora:

- Do ponto de vista da linguagem e das relações humanas, o que esse silêncio revela?

Aluno(a): Revela um enfraquecimento das relações familiares, a dificuldade de expressar sentimentos e uma ruptura da comunicação entre os membros da família.

Professora: Vamos seguir para a próxima questão...

Trecho 2:

Aluno: Boa tarde. Meu nome é Pedro e eu vou ler o trecho 2:

"Já decorridos os primeiros dias, o pai apresentou a todos as respectivas situações financeiras, tanto à mãe quanto à irmã. Várias vezes se levantava da mesa e trazia documentos, um livro ou uma pequena caixa-cofre que havia salvado depois da falência do negócio, ocorrida havia cinco anos. Era possível ouvir destrancar a complicada fechadura e depois, retirando o que buscava, fechá-la novamente. Esse relato do pai foi uma das primeiras boas notícias que Gregor havia recebido desde o seu aprisionamento."

Professora:

- Por que o texto dá tanta importância ao som do cofre e ao gesto de destrancar e fechar?

Aluno(a): Porque o cofre representava a segurança financeira e a sobrevivência da família.

Professora:

- Que valor social entra em cena com o bolso aqui?

Aluno(a): O dinheiro e a situação financeira passam a ocupar o centro da vida da família.

Professora:

- Como essa cena reorganiza as relações de responsabilidade, culpa e dever dentro da família?

Aluno(a): Todos passam a assumir novas responsabilidades dentro da casa.

Professora:

- Que efeito estético esse detalhamento produz no leitor?

Aluno(a): Provoca preocupação, tensão e mostra mudanças na relação da família.

Professora: Agora uma pergunta de cunho geral, né? Olhem:

- se Gregor pudesse ouvir toda a história que acontece, a conversa da família sobre dinheiro, o que ele perceberia sobre o lugar que ele ocupava na família? O que ele iria perceber sobre o espaço que ocupava?

Aluno(a): Ele ocupava o lugar de trazer dinheiro para casa.

Professora: A única relação entre eles...

- vocês acham que existia uma relação mais próxima? De amizade, de ternura, de carinho?

Aluno(a): Não.

Professora:

- A única relação entre eles, vocês acham que era o quê?

Aluno(a): O dinheiro.

Professora: Perfeito. Pessoal,

- de uma forma geral, vocês acham que hoje muitas famílias acabam organizando suas relações em torno de dinheiro e trabalho? Quantas famílias pensam só em dinheiro?

...

Trecho 3:

Aluno: Boa tarde. Meu nome é Cabo e eu respondi o trecho anterior.

"Afeto caloroso nunca mais se repetiu. Relembrou: haviam sido bons aqueles tempos, que nunca mais se repetiram, ao menos não com aquele mesmo brilho, ainda que mais tarde Gregor tivesse ganhado o suficiente para poder assumir — como de fato assumiu — as despesas de toda a família. Tanto a família quanto Gregor acabaram se acostumando com aquilo. Eles aceitavam agradecidos o dinheiro. Ele lhes dava com prazer, mas aquele afeto caloroso nunca mais se repetiu."

Professora:

- Qual é a diferença, no texto, entre dar dinheiro e receber afeto?

Aluno(a): Dar dinheiro é ajudar materialmente e receber afeto é receber carinho e atenção.

Professora:

- Por que a expressão "nunca mais" é tão forte aqui? Quando ele diz: "mas aquele afeto caloroso nunca mais se repetiu", por que essa expressão é tão forte?

Aluno(a): Porque mostra que o carinho acabou quando o dinheiro não se recebia mais.

Professora:

- O que o narrador sugere sobre como o dinheiro pode mudar a vida familiar?

Aluno(a): Que o dinheiro pode sustentar e substituir o amor, o carinho e o afeto.

Professora:

- Em uma perspectiva bakhtiniana, como podemos ler essa passagem em termos de valor e da relação entre o eu e o outro?

Aluno(a): A relação entre o eu e o outro se reorganiza, porque o sujeito começa a passar a ser definido pela utilidade econômica.

Professora: Pessoal, agora uma pergunta para todos:

- uma pessoa vale pelo que faz ou pelo que é?

Aluno(a): Infelizmente, hoje em dia, o que a gente mais vê é que a sociedade prefere o que você tem ao que você é. Não é o certo, mas infelizmente é a realidade que hoje em dia nós temos.

Trecho 4

Professora: Na metamorfose, a fala de vergonha e culpa: o conflito ético que atravessa o corpo e o espaço. Leiam o trecho:

"Quando se começava a falar da necessidade de ganhar dinheiro, Gregor sempre se desprendia da porta e se lançava sobre o gelado sofá de couro que ficava ao lado da porta. Pois ele chegava a ficar quente de vergonha e tristeza. Era frequente que ele ficasse noites inteiras ali deitado, sem dormir um minuto sequer, passando horas arranhando o couro."

Professora: Letra A:

- por que Gregor sentia tanta vergonha?

Aluno(a): Porque ele não podia mais trabalhar e via o fardo financeiro para a família.

Professora:

- Letra B: quais palavras transformam a vergonha em algo físico?

Aluno(a): "Quente de vergonha" e "arranhando o couro".

Professora: Letra C:

- o que pode representar o gesto de arrANHAR o couro?

Aluno(a): O desespero e a ansiedade pela frustração de estar preso e impotente.

Professora: Letra D:

- que sentimentos essa cena desperta?

Aluno(a): Angústia, solidão, pena e impotência diante do sofrimento dele.

Professora: Pessoal, essa cena fala sobre o que Gregor acaba sentindo no corpo, né? Por conta da pressão que ele sente no momento em que deixa de produzir para a família.

A minha pergunta é:

- vocês já sentiram sentimentos aparecendo no corpo de vocês?

Aluno(a): A gente tem ansiedade. Ansiedade em momentos bons, momentos ruins, dependendo da situação. Eu estou bastante sentindo uma ansiedade nesses dias em relação ao meu futuro, em relação ao Enem, essas coisas. Então eu acho que o meu sentimento mais forte esses dias tem sido isso, porque eu praticamente me cobro bastante sobre esses negócios de estudo, essas coisas. Me preocupo muito com o meu futuro. E a minha ansiedade esses dias está sempre fazendo isso.

Professora: Uma pergunta geral também para vocês responderem:

- se Gregor pudesse olhar para si mesmo naquele sofá, como ele se enxergaria? Ele se enxergaria como um filho, um trabalhador ou alguém que perdeu seu lugar? De acordo com a opinião de vocês?

Aluno(a): Eu acho que como uma pessoa que perdeu o seu lugar, porque, da forma que ele está, ele não consegue mais ser um trabalhador, não consegue mais ser uma pessoa que vai trazer algum lucro para a sociedade. Ele só realmente está existindo. Só existe

Trecho 5

Professora: Leiam o trecho:

"Ele exatamente só via e cuidava daquilo, como uma memória de liberdade. Porém, então ele não se poupava do intenso esforço de empurrar uma cadeira para junto da janela, rastejar até o parapeito e, apoiando-se sobre a cadeira, debruçar-se sobre a abertura, como se, com evidente esforço, procurasse se lembrar de como antes costumava se sentir ao olhar para fora dela. Bastou que a irmã, sempre tão atenta, visse a cadeira encostada na janela por duas vezes para que ela voltasse a empurrar a cadeira exatamente para o mesmo lugar. Aliás, a partir daquele momento, ela sempre passou a deixar abertas as cortinas internas da janela."

Professora:

- O que a janela simboliza?

Aluno(a): Simbolizava a fronteira entre o isolamento e o mundo exterior. É o elo de Gregor com sua humanidade, funcionando como memória de liberdade e desejo de se conectar com a realidade.

Professora:

- O que muda quando a irmã passa a deixar a cadeira e a janela preparadas?

Aluno(a): Muda a dinâmica do isolamento de Gregor. Ele deixa de fazer sozinho um esforço físico doloroso e passa a ter seu desejo de olhar para fora validado, facilitando esse momento.

Professora:

- Como essa atitude pode ser lida como uma contrapalavra da irmã?

Aluno(a): A bondade aparece através da empatia. Ela observa a necessidade silenciosa dele e age para garantir seu bem-estar emocional, preservando um traço de sua dignidade humana.

Professora:

- E onde está o belo e o trágico na mesma cena?

Aluno(a): O belo está na cumplicidade, sensibilidade e afeto silencioso entre os irmãos. O trágico está no fato de que Gregor depende de um esforço hercúleo para um ato simples, e sua liberdade agora é apenas visual. Ele continua preso e condenado àquela condição.

Professora: Então, uma pergunta de forma geral para todos vocês:

- pequenos gestos podem dizer muito, mesmo sem palavras. Vocês acham que sim ou que não?

Aluno(a): Sim.

Professora:

- Que gestos mostram cuidado no dia a dia, no cotidiano?

Aluno(a): Eu acho que um gesto simples, como perguntar como você está, já faz a pessoa se sentir importante. Pelo menos no meu caso, não precisa de muita coisa para eu me sentir feliz com alguém. Pequenos gestos, a linguagem, um presente, preocupação... essas coisas. Eu acho que o simples vale mais, porque você entende que aquilo foi feito de boa vontade. E eu acho isso muito melhor do que outras coisas.

Aluno(a): Apesar de eu só ficar conversando na rua, já muda a teoria. Um bom dia, por exemplo. Você vê que a pessoa está ali, logo cedo, e demonstra felicidade. Mesmo que ela não esteja bem, pelo menos transmite alegria.

Professora: Certo. Agora...

Trecho 6:

Professora: Questão 3: lençol, afeto silencioso, objetificação e acordo ético.

Leiam o trecho:

"Para poupá-la dessa visão, ele levou quatro horas colocando o lençol sobre suas costas, levou-o para cima do canapé e o arranjou de modo que o lençol o ocultasse completamente. Caso a irmã julgasse que esse lençol não era necessário, ela poderia tirá-lo dali, mas ela deixou o lençol tal como estava e Gregor viu, ao notar, até mesmo um olhar de gratidão."

Professora:

- Por que Gregor decide se cobrir com o lençol?

Aluno(a): Para não assustar nem incomodar sua irmã.

Professora:

- Isso é apenas submissão ou também é um gesto ético, na sua opinião?

Aluno(a): É também um gesto ético de cuidado que ele tem por ela.

Professora:

- Por que o olhar de gratidão é tão importante?

Aluno(a): Porque demonstra compaixão e respeito.

Professora:

- E que tensão aparece aqui entre reconhecimento do outro e apagamento de si?

Aluno(a): Gregor tenta ser reconhecido, mas ao mesmo tempo se apaga para proteger os outros.

Professora: Uma pergunta para quem quiser responder:

- às vezes a gente esconde partes de quem é para não incomodar ou não ser rejeitado pelas outras pessoas? O que vocês acham?

Aluno(a): A gente esconde muitas vezes para se sentir mais incluído em um grupo. Vamos supor que você entra em uma escola nova e existe um grupo ali do qual você quer participar para não ficar sozinho, mas você não se identifica muito. Aí você esconde muitas vezes quem você é, o que você realmente pensa, e acaba perdendo a personalidade por causa disso.

Aluno(a): Se você se esconde para não incomodar, isso acontece muito dentro de casa. Em certos assuntos, às vezes as pessoas escondem o que estão passando dentro de casa, fazem silêncio para não incomodar a mãe, os amigos, não falam o que está acontecendo.

Professora:

- Se vocês observassem Gregor nesse momento, vocês diriam que ele está sendo cuidado ou que ele já desaparece nos cantos dentro da própria família?

Aluno(a): Isso demonstra que, aos poucos, a família dele vai perdendo as esperanças.

Aluno(a): Isso aparece por meio da irmã, que demonstra um certo carinho. Não um carinho muito próximo, mas ainda um cuidado. Ela ajuda, reorganiza algumas coisas, faz adaptações. Já a mãe acabou desenvolvendo nojo, e o pai se afastou ainda mais.

Meu nome é Maíra Vila Teixeira, assistam o vídeo.

A porta fechada... *[trecho inicial com baixa nitidez]*

“Gregor recua cada vez mais para dentro do quarto, enquanto o pai avançava para quase ficar... Em determinado momento, perdeu completamente o equilíbrio e foi empurrado com força contra a porta. Seu corpo raspou na madeira e ele sentiu uma dor aguda nas costas. Por fim, foi lançado para dentro do quarto. A porta foi fechada atrás dele com a bengala.”

- **Então, o que acontece com o Gregor nessa cena?**

Gregor é tratado com violência pelo pai enquanto está dentro do quarto. Ele é lançado contra a porta e sentiu dor. A cena mostra os sofrimentos físicos de Gregor e a crueldade do pai diante da situação.

- **Veja bem, o fechamento da porta pode representar o quê?**

O fechamento da porta simboliza a exclusão e o afastamento de Gregor da convivência familiar e da sociedade. Ao ser trancado no quarto, ele passa a ser visto como alguém indesejado, diferente, que não participa da vida normal da família.

A porta fechada representa também a separação entre Gregor e o mundo exterior.

- **O silêncio transmite a sensação de inquietação?**

O silêncio transmite um sentimento de inquietação. Depois da violência sofrida por Gregor, o ambiente fica pesado e desconfortável, mostrando o sofrimento emocional do personagem e a falta de diálogo e compreensão que cria isso da família.

E pra ele, independente da situação, ele esperar, tipo assim, ele pegar um tempo pra si mesmo pra reorganizar as ideias, porque no desespero, às vezes ele pode tomar decisões que, mesmo que ele esteja apavorado, talvez ele possa se arrepender depois.

Eu daria o conselho dele retirar um tempo pra ele, pra ele pensar um pouco, e aí depois ele poderia falar com o patrão pra se explicar.

Se o patrão aceitasse a ideia, bem, mas se não, ele poderia procurar outro emprego.

Tipo assim, não que seja fácil, mas pensando no bem-estar dele, eu acho que seria muito melhor procurar outro emprego que ele conseguisse ter um sustento pra família dele, mas também que o bem-estar psicológico e físico dele esteja também em uma posição boa.

UNIDADE TEMÁTICA VII

Trecho da obra

A mãe disse que talvez fosse melhor deixar o armário exatamente onde estava. Em primeiro lugar, porque ele não era muito pesado e elas provavelmente não terminariam de movê-lo antes do retorno do pai, o que poderia provocar uma nova confusão. Mas havia também uma segunda razão, ainda mais importante para ela. A mãe não tinha certeza de que, ao retirar todos os móveis do quarto, elas realmente estariam ajudando Gregor. Pelo contrário, tinha a impressão de que a visão das paredes vazias o oprimiria profundamente. Parecia-lhe importante imaginar que Gregor não sentiria algum conforto ao ver seu quarto preservado. E se, ao retirarmos todos os móveis, isso significasse que estamos desistindo dele? Seria como abandoná-lo à própria sorte. A mãe falava devagar, com evidente preocupação, como se temesse que qualquer mudança pudesse ferir ainda mais o filho.

- **Questão 1: Por que a mãe não queria retirar todos os móveis do quarto?**

Resposta sugerida: Porque ela acreditava que os móveis ainda representavam um vínculo entre Gregor e sua vida humana anterior. Para ela, esvaziar completamente o quarto poderia significar desistir dele e tratá-lo apenas como um inseto.

- **Questão 2: O que as paredes vazias simbolizam nesse trecho?**

Resposta sugerida: As paredes vazias simbolizam o abandono, a perda da identidade e o rompimento definitivo dos laços de Gregor com sua vida passada.

- **Questão 3: Qual a diferença entre a atitude da mãe e a da irmã nesse momento da narrativa?**

Resposta sugerida: A irmã acredita que retirar os móveis ajudaria Gregor a se adaptar à sua nova condição. Já a mãe teme que essa mudança represente a perda daquilo que ainda o liga à sua humanidade e à sua história.

Debate

- **Questão 4: É possível que algo material tenha valor afetivo? Explique.**

Resposta possível dos alunos: Sim. Alguns objetos guardam lembranças, histórias e sentimentos importantes. Eles ajudam a preservar a identidade das pessoas e a memória de quem elas são.

Professora:

A irmã interpreta a retirada dos móveis como ajuda. A mãe interpreta a retirada dos móveis como abandono.

- **Pergunta:** Qual valor cada uma coloca nesse mesmo ato?

Aluno(a): A irmã foca no lado prático, dando espaço para Gregor se mover. Já a mãe foca no lado emocional, querendo manter os móveis para preservar a humanidade dele.

- **Pergunta:** Quais palavras e construções mostram que a mãe fala mais pelo afeto do que pela lógica?

Aluno(a):

A mãe usa termos relacionados à esperança, à memória, ao abandono e ao filho, que mostram que ela decide mais com o coração do que pela utilidade das coisas.

- **Pergunta:** Pela perspectiva bakhtiniana, quem está mais próxima de uma atitude ética responsável em relação ao outro: a mãe ou a irmã?

Aluno(a): A mãe demonstra maior sensibilidade ao pensar em Gregor, porque ela se preocupa com os sentimentos dele e teme que ele se sinta abandonado ao ver o quarto vazio.

- **Professora:** Pessoal, se vocês estivessem observando a situação de fora, conhecendo Gregor, achariam que tirar os móveis seria uma ajuda ou um abandono?

Aluno(a):

Ajuda. Gregor perceberia mais perda do que liberdade.

- **Professora:** E você?

Aluno(a): Depende do ponto de vista. Pode ser uma ajuda, porque estariam tentando evitar que ele ficasse lembrando da vida passada e sofresse por causa disso.

- **Professora:** E você?

Aluno(a):

Eu acho que seria abandono, porque tirar os móveis retira também a identidade dele, aquilo que ele era, deixando apenas aquilo que ele se tornou.

UNIDADE TEMÁTICA VIII A crise da desumanização

Vamos começar com o trecho.

Por acaso, ela estava com uma velha vassoura na mão e tentou cutucar a criatura. Como isso não mostrou nenhum resultado, ficou irritada e deu um pequeno empurrão em Gregor. Apenas quando percebeu que o corpo se movia sem qualquer resistência, passou a achar aquilo estranho. Inclinou-se um pouco para frente e observou com cuidado. Ao se retirar dessa situação, arregalou os olhos e soltou um grito de surpresa. Não fez menção de muito tempo. Abriu de repente a porta do quarto e gritou alto para o restante da casa:
— Venham ver, ele bateu as botas! Está deitado ali. Acabou mesmo. Bateu as botas de vez!
Depois deu um passo para trás, como se já tivesse resolvido a situação.

Vamos começar com as perguntas.

- **Letra A.** Que escolha de linguagem constrói o modo como a faxineira reage à morte de Gregor?

A faxineira usa uma linguagem informal e sem sensibilidade, principalmente na expressão 'bateu as botas', tratando a morte de Gregor de forma debochada e indiferente.

- **Letra B.** Que valores sociais são apontados na expressão 'bateu as botas'?

Essa expressão mostra falta de respeito e desumanização, porque a morte é tratada como algo comum e sem importância.

- **Letra C.** Que aspecto da cena mostra a transformação de Gregor de sujeito para objeto?

A cena mostra que Gregor deixa de ser visto como uma pessoa e passa a ser tratado como um objeto ou um incômodo.

- **Letra D.** O que revela a reação dos personagens diante da morte de Gregor?

Os personagens demonstram mais alívio do que tristeza, mostrando que ele perdeu seu lugar humano dentro da família.

Pessoal, as palavras que usamos mudam a forma como enxergamos alguém. Uma expressão pode tornar algo mais frio, mais cruel. Por exemplo, quando a gente vai às redes sociais e acontece a morte de alguém, independentemente da idade ou de quem seja, e alguém comenta: 'Ah, foi de arrasta pra cima', ou algo parecido. Esse tipo de linguagem que nós utilizamos faz com que as pessoas nos enxerguem de outra forma, sim ou não?

Aluno:

— Sim. Eu acredito que seja uma linguagem um tanto quanto informal, pois eu acho que sim, mostra um caso de desumanização. Uma pessoa que está ali perdeu sua vida, pode ser quem for, ela perdeu sua vida e você trata como se aquilo não fosse nada. Eu acho que sim, é uma desumanização.

Professor:

- Se vocês estivessem presentes ouvindo a notícia da morte de Gregor, como seria a reação de vocês em relação à forma como a faxineira anuncia a morte dele? Vocês achariam que ela foi humana? Que ela foi muito cruel? Haveria outra forma de anunciar a morte de Gregor?

Aluno: Ela foi bastante cruel pela forma como ela se expressou quando falou que ele bateu as botas. Eu acho que ela poderia ser um pouco mais formal e poderia ter dado a notícia de uma forma mais natural, eu diria.

Aluno: Ela tratou ele com insignificância, como se ele não fosse nada e não existisse ali."

A morte como alívio

"Vamos para o trecho: **A morte como alívio**

— Bem — disse o senhor Samsa, depois de alguns instantes — agora podemos agradecer a Deus.

Em seguida, fez o sinal da cruz e as três mulheres repetiram o gesto.

Grete não tirava os olhos do corpo imóvel e disse, quase em voz baixa:

— Vejam como ele estava magro. Fazia muito tempo que não comia nada. A comida saía do mesmo jeito que entrava.

De fato, o corpo de Gregor estava completamente achatado e seco. Isso agora podia ser percebido claramente. Quando ele não estava mais sustentando as pernas, elas viam suas veias. Nada mais distraía quem o observava.

Vamos agora para as perguntas.

- **Letra A.** Por que a frase 'agora podemos agradecer a Deus' provoca choque ao leitor?

A frase 'agora podemos agradecer a Deus' provoca choque porque a morte de Gregor é tratada como algo positivo e como um alívio, mostrando falta de compaixão pela vida dele.

- **Letra B.** Como a fala de Grete tenta justificar a morte de Gregor?

Grete tenta justificar a morte de Gregor dizendo que ele já não era mais o mesmo e que a família estava sofrendo muito por causa dele.

- **Letra C.** Identifique palavras que reforçam a objetificação do corpo de Gregor.

Palavras e expressões que reforçam a objetificação do corpo de Gregor são as descrições de seu corpo como algo magro, achatado e seco, além das referências ao seu estado físico sem qualquer traço de humanidade.

Pessoal, observem uma coisa importante. A família não reage com tristeza. Ela reage com alívio. O pai diz que agora podem agradecer a Deus. Isso mostra que, naquele momento, Gregor já não era visto como filho, mas como um problema que havia sido resolvido.

Quando Grete chama atenção para o corpo magro e seco dele, ela não está lembrando das qualidades do irmão, das lembranças da convivência ou dos momentos vividos juntos. Ela fala apenas da aparência física dele.

Então eu pergunto a vocês:

- o que acontece quando uma pessoa passa a ser vista apenas pelo que ela produz, pelo que ela faz ou pelos problemas que causa?

Ela deixa de ser vista como ser humano e passa a ser vista como uma coisa, um peso ou uma obrigação.

É justamente isso que acontece com Gregor ao longo da narrativa.

Professor: E falando sobre essa questão da morte dele, né? Por que algumas falas causam tanto desconforto, mesmo quando elas parecem inofensivas, né? Por exemplo, no caso de alguém que está sofrendo com ansiedade ou depressão, aí vem alguém e fala pra você assim: 'É falta de Deus na sua vida', né? Então, por que algumas falas causam tanto incômodo na gente?

Aluno: Porque a gente sabe, só a gente sabe o que a gente sente. E fazendo isso, parece que o que a gente sente é besteira. Parece que, tipo assim, a gente se torna... o que a gente sente é insignificante e o que a gente sente não vale nada.

Mas não. Às vezes a gente está triste e uma pessoa tenta, tipo assim, jogar, minimizar, procurar um meio de, tipo, fazer com que...

Professor: Não validar o sentimento.

Aluno: É, não validar os sentimentos. Fazer o sentir insignificante.

Professor:

- Se alguém observasse a família, se conhece a história, acharia que houve luto ou houve alívio?

Aluno: Eu acredito que seja um alívio, pois quando o Gregor era uma pessoa normal, antes de virar um inseto, eles tinham muitos momentos em família. A partir do momento que ele virou um inseto, a família acabou afastando ele deles, sendo que ele não queria que fosse dessa forma. E aí..."

Professor: Até porque durante toda a vida dele, ele sempre trabalhou em prol da família, né?

- E no momento que ele mais precisou, ele acaba sendo o quê?

Aluno: Excluído.

Professor: Afastado. Perfeito.

Aluno: E começam a deixar ele de lado e começam a tratar ele como se não valesse nada."

Professor:

- As portas podem separar apenas espaços físicos ou também relações humanas?

Quem gostaria de responder isso?

Aluno: As portas podem separar não somente espaços físicos, mas também as pessoas. Na história, ela mostrou o afastamento entre Gregor e a sua família, porque ele fica isolado e sem comunicação com os outros.

Professor:

- Se vocês pudessem observar a cena como uma fotografia... façamos de conta que a cena é uma fotografia. Quem pareceria ter poder nela, nessa cena?

Aluno: Na fotografia, quem pareceria ter poder seria o pai, porque ele controla a situação e demonstra autoridade através das suas atitudes e postura.

Para completar o trecho de vocês,

- é possível alguém demonstrar poder sem gritar?

— Sim.

- Então, como é que o corpo também fala se não for por meio do grito?

Aluno(a): Expressões, modos de se comunicar, gesticulando, expressando.

A forma de se comunicar e expressar os sentimentos ou o que você sente não precisa ser verbalmente. Pode ser também de forma não verbal. Por exemplo, o olhar, o posicionamento. Você observar a aparência da pessoa, a expressão dela, já diz muito sobre o que ela está sentindo.

Dá para perceber quando uma pessoa está desconfortável com a situação, quando ela está tranquila, quando ela está empolgada.

Então, para você demonstrar poder, não precisa necessariamente de um grito, de uma fala mais rígida. Uma pessoa que já tem uma postura mais ereta, uma aparência mais formal, posso dizer assim, ela já passa uma sensação de poder, mesmo sem falar nada, sem apontar ou mandar em ninguém.

Professora:

- Se vocês vissem a cena, ouvissem as falas, quem pareceria controlar a situação?

Aluno(a): Pelas falas, pareceria que o pai controlava a situação por conta da postura, do olhar e da atitude de autoridade dele.

Professora: Pessoal, para completar a fala das meninas,

- o que acontece quando deixamos de chamar alguém pelo nome e passamos a reduzir a um rótulo?

Pode ser preguiçoso, pode ser dispensável, pode ser burro...

- O que acontece quando a gente reduz alguém a um rótulo?

Aluno(a): Quando deixamos de chamar alguém pelo nome e usamos um rótulo, acabamos reduzindo a pessoa e reforçando o preconceito.

- E se Gregor pudesse ouvir a fala da senhora? O que sentiria ao ser chamado de coisa?

Aluno(a): Ele se sentiria meio que... como se os anos que ele perdeu, as coisas que ele lutou pela família, não tivessem valido nada. Porque a "coisa" que eles chamaram era quem colocava comida na mesa, quem doava a sua vida pela família e, de um dia para a noite, virou uma coisa, como se retrata no livro.

Praticamente, ele se sentiria desumanizado, porque o nome da pessoa é uma forma de caracterizar ela, é uma forma de identificar ela. E quando ele é chamado de coisa, ele não é tratado como uma pessoa humana.

É como se ele não tivesse nenhuma característica, como se ele fosse só mais um ali, só mais um bicho que está lá resistindo.

Professora: Pessoal, para completar a fala das meninas,

- é possível recomeçar depois de perder alguém sem que isso pareça esquecimento da pessoa? Sem que fique parecendo que a gente está abandonando ou esquecendo mesmo a pessoa?

Quem gostaria de responder?

Aluno(a): Eu respondo.

Sim, porque, tipo assim, seguir em frente não significa esquecer a pessoa que morreu, mas aprender a continuar vivendo sem deixar de lembrar dela.

Professora: Perfeito. Alguém mais quer completar?...

Uma pergunta:

- se vocês vissem essa família entrando no bonde, sem conhecer a história, imaginariam que eles acabaram de perder um filho?

Aluno(a): Não, porque a família, em si, demonstrava tranquilidade e esperança no futuro, passando uma impressão de alívio e recomeço, e não de estar de luto.

Aluno(a): Não, pois após a perda de um filho, normalmente as famílias demoram semanas para se recuperar. Após a perda de um filho, a perda de uma irmã, essas coisas, geralmente não demonstram esse tipo de tranquilidade logo em seguida.

Bom, assim como a gente falou naquele trecho sobre a pessoa expressar alguma coisa sem necessariamente ser de forma verbal, eu acho que, se uma pessoa estivesse vendo essa família, aparentemente com expressões tranquilas, ninguém esperaria que eles acabaram de perder um filho.

Então, com certeza, a gente não iria pensar que eles estavam de luto.

Professora: Outra reflexão:

- ao final da narrativa, Gregor morreu apenas fisicamente ou sua exclusão começou muito antes?

Aluno(a): A exclusão de Gregor começou antes da sua morte física, quando ele passou a ser tratado como um peso e deixou de ser reconhecido como parte da família. Sua morte simbólica aconteceu aos poucos, através do isolamento, da rejeição e da falta de afeto.

Professora: Alguém mais tem algo para completar?

...

Fim.

APÊNDICE D – Transcrição dos áudios de discussão sobre *A Metamorfose*

TRANSCRIÇÃO 1 – REPORTAGEM SOBRE INVISIBILIDADE EMOCIONAL

Professora: Bom, eu vou fazer algumas perguntas baseadas na reportagem que a gente acabou de ler, né? Aluno 1, que tipo de invisibilidade é apresentada na reportagem?

Aluno 1: Invisibilidade emocional. São geralmente pessoas que querem se mostrar fortes, mas que estão passando por grandes dificuldades culturais.

Professora: E por que algumas pessoas acabam escondendo suas próprias dificuldades?

Aluno 1: Porque sentem que devem mostrar que estão toda parte do tempo forte, mas que têm medo de causar preocupação a pessoas próximas.

Professora: O que mais chamou a sua atenção na relação entre força, responsabilidade e essa necessidade de cuidado?

Aluno 1: O fato de que pessoas consideradas fortes também precisam de apoio emocional, acolhimento e compreensão, mesmo quando aparentam estar bem.

Professora: E, em sua opinião, por que muitas pessoas têm dificuldade em pedir ajuda?

Aluno 1: Porque sempre quando uma pessoa forte demonstra alguma fraqueza, a sociedade acaba julgando isso. Falam que é errado, essas coisas.

TRANSCRIÇÃO 2 – COMPARAÇÃO ENTRE *A METAMORFOSE* E A REPORTAGEM

Professora: Vamos para a correção do trabalho em grupos, né? O grupo A ficou com Kafka, para vocês identificarem elementos que revelem pressão pela produtividade, culpa pelo adoecimento, medo de falhar e perda de reconhecimento humano em Kafka, nos trechos de *A Metamorfose*. E o grupo B é sobre a reportagem, né? Invisibilidade emocional, excesso de responsabilidade, necessidade de parecer forte e dificuldade de pedir ajuda. Vamos lá?

Professora: Aluno 1, você falou do quê como pressão pela produtividade na obra *A Metamorfose*?

Aluno 1: Para a pressão pela produtividade, eu disse aqui que Gregor ele se preocupa mais em não faltar ao trabalho do que com a transformação que ele sofreu, porque mesmo doente, ele pensa nas obrigações profissionais e no chefe.

Professora: Culpa pelo adoecimento, quem fez sobre *A Metamorfose*?

Aluno 2: Gregor, eu coloquei aqui que Gregor ele se sentiu culpado por não poder trabalhar e sustentar a família, acreditando que está decepcionando todos ao seu redor.

Professora: Sobre medo de falhar, quem vai responder?

Aluno 3: Medo de falhar. Ele teme perder o emprego e não conseguir cumprir suas responsabilidades financeiras com a família.

Professora: E por fim, para a gente terminar Kafka, perda de reconhecimento humano.

Aluno 1: Depois que aconteceu a transformação, Gregor ele deixa de ser tratado como pessoa. A família dele passa a vê-lo apenas como um problema e afasta ele do convívio familiar.

Professora: Agora vamos para a parte da reportagem. Quem fez a parte da reportagem? Sobre invisibilidade emocional?

Aluno 4: As pessoas sofrem em silêncio, pois acreditam que devem se esforçar o tempo todo e acabam escondendo suas dificuldades e fraquezas.

Professora: Excesso de responsabilidade?

Aluno 5: Assumem muitas obrigações e sentem que precisam cuidar de todos ao seu redor, independente da sua própria saúde mental.

Professora: Necessidade de parecer forte?

Aluno 6: Escondem emoções e dificuldades para manter a imagem da estabilidade, para manter uma pessoa que ela não é realmente.

Professora: E sobre dificuldade de pedir ajuda?

Aluno 7: Por querer parecer forte o tempo todo, elas sentem vergonha, medo de julgamento e receio de decepcionar as pessoas.

Aluno 8: As pessoas tentam manter uma imagem como uma pessoa forte ou têm medo de decepcionar as pessoas próximas a ela.

Professora: O que aproxima as experiências apresentadas nos dois textos?

Aluno 9: Ambos mostram pessoas que acabam se preocupando mais com como vão demonstrar aos outros do que com si próprios. Podemos demonstrar aos outros como ser forte, mas acabamos tendo essas dificuldades. Na situação de Gregor, isso preocupa mais o trabalho do que a saúde em si.

Professora: Em que momento uma pessoa deixa de ser vista como sujeito e passa a ser vista apenas pela função que exerce?

Aluno 10: Quando a pessoa passa a ser vista apenas pela função que exerce, suas necessidades e dificuldades deixam de ser consideradas. Em *A Metamorfose*, Gregor perde o reconhecimento da família quando não consegue mais trabalhar e sustentar a casa. Na reportagem ocorre ao observar pessoas que assumem muitas responsabilidades e escondem o sofrimento para continuar parecendo fortes. Em ambos os casos, o valor da pessoa passa a ser medido pela sua utilidade. Isso revela uma sociedade que muitas vezes prioriza a produtividade em vez da humanidade e do cuidado com o outro.

Professora: Perfeito.

TRANSCRIÇÃO 3 – MÚSICA "UMA BARATA CHAMADA KAFKA"

Professora: Pessoal, agora a gente vai passar para a questão da música, né? Nós já ouvimos a música, vocês ouviram a música, né? E aí a gente vai ver agora a relação entre a obra *A Metamorfose* e a música *Uma Barata Chamada Kafka*, da banda Inimigos do Rei.

Professora: Após ouvir a música, em que aspectos a música e o trecho de *A Metamorfose* se aproximam ou se afastam na forma de representar a barata e a exclusão?

Aluno 1: Ambos os textos utilizam a figura da barata para discutir rejeição, estranhamento e exclusão. A diferença é que Kafka constrói uma atmosfera mais trágica e angustiante, enquanto a música utiliza humor e ironia para abordar o tema.

Professora: De que maneira o tom da canção modifica a forma como percebemos o sofrimento presente na narrativa?

Aluno 2: Eu acho que o humor torna o tema mais sensível, mais acessível e menos pesado, mas não elimina a crítica social por trás. Ao contrário, ele permite refletir sobre a exclusão por outro caminho interpretativo.

Professora: E o humor da música cria distanciamento, crítica ou aproximação do tema trabalhado por Kafka?

Aluno 3: Ele cria aproximação, porque facilita a compreensão do tema da exclusão social. E, ao mesmo tempo, está funcionando como crítica, mostrando de forma irônica como a sociedade rejeita quem é considerado diferente.

Professora: E o que a passagem da literatura para a música revela sobre diferentes formas de tratar o mesmo problema social?

Aluno 4: Ela revela que diferentes linguagens artísticas podem abordar os mesmos temas utilizando estratégias distintas. A literatura privilegia a reflexão e o estranhamento. A música pode utilizar humor, ironia e crítica social.

Professora: Perfeito.

TRANSCRIÇÃO 4 – QUADRO COMPARATIVO: KAFKA E A MÚSICA

Professora: Na parte 3 dessa atividade, a gente está com um quadro comparativo que vocês deveriam ter preenchido com os aspectos de *A Metamorfose*, assim como na música. O primeiro aspecto é: como aparece a barata em *A Metamorfose* e como aparece a barata na música?

Aluno 1: Na *Metamorfose*, a barata aparece como um símbolo de transformação e da desumanização de Gregor, enquanto na música é uma figura tratada de forma humorística e

irônica.

Professora: Como ocorre a exclusão em *A Metamorfose* e na música?

Aluno 2: Na *Metamorfose*, por meio do isolamento, silêncio e rejeição familiar. Já na música, é por meio da ridicularização e do estranhamento social.

Professora: E qual é o tom predominante tanto em *A Metamorfose* quanto na música?

Aluno 3: Na *Metamorfose* é um tom triste, angustiante e reflexivo. Já na música, é um tom humorístico e irônico.

Professora: E os sentimentos provocados pela obra e pela música?

Aluno 4: Na *Metamorfose*, os sentimentos provocados são compaixão, desconforto e reflexão. Já na música, é riso, estranhamento e crítica.

Professora: Qual é a crítica social presente nos dois tipos de texto?

Aluno 5: *A Metamorfose* demonstra a valorização da utilidade e a exclusão do diferente. Já na música, apresenta o preconceito e a marginalização do que foge ao padrão.

Professora: E sobre a imagem de Gregor?

Aluno 6: A imagem de Gregor demonstrada em *A Metamorfose* é uma desumanização progressiva. Já na música, é a referência paródica ao personagem kafkiano.

Professora: Quem fez a produção final?

Aluno 7: Eu.

Professora: Então leia para a turma.

Aluno 7: O humor presente na música fortalece a crítica à exclusão social presente em Kafka. Embora a canção utilize ironia e elementos cômicos, ela chama atenção para a forma como a sociedade trata aquilo que considera diferente. Em *A Metamorfose*, Gregor é isolado e perde seu lugar na família à medida que deixa de ser útil. Na música, a barata também aparece como figura associada ao estranhamento e à rejeição. Assim, cada texto utiliza recursos diferentes, mas ambos levam o leitor a refletir sobre preconceito, exclusão e desumanização.

Professora: Perfeito, pessoal. Vocês arrasaram nas apresentações!

ANEXOS

ANEXO A – Produções finais dos estudantes (A Metamorfose)

Produção 1:

PRODUÇÃO TEXTUAL FINAL – A METAMORFOSE

Nome: _____

Turma: 10^o

Data: 09/05/2026

Pergunta:

A morte de Gregor representa apenas o fim de um personagem ou a reorganização da vida familiar e dos valores presentes na narrativa?

1. Quando começou ler, fiquei com muita pena do Gregor
2. sobre a ideia que a história seria um conto de terror.
3. eu suspense sobre um monstro isolado no quarto. Só que
4. tirando de ler na oficina, minha mente mudou com
5. por conta. Vi que o verdadeiro monstro da história não é o
6. monstro. A morte de Gregor não é o fim de um personagem
7. mas é a transformação de uma família que se fundiu
8. por pura interesse. O fato que o pai e a irmã falam
9. e quem mostra que eles se preocupam na grama. O livro
10. mostra essa frieza durante o quarto de Gregor viver
11. quase um quarto de bagunça e lixo. O texto diz que o
12. quarto dele ficou cheio de tralha e que tudo o que no momento
13. não interessava em uma porta no quarto de Gregor. Ele perde
14. o direito de ser alguém e vive no um interesse na rotina. A com
15. final, com a família passando no tel e os pais planejando
16. o casamento da filha, deixa isso super claro. O Simon
17. mudaram a vida dele fingindo que o Gregor nunca existiu
18. Essa história me fez pensar muito sobre como os pessoas
19. podem descartar os outros quando eles não tem mais
20. utilidade.
21. _____
22. _____
23. _____
24. _____
25. _____
26. _____
27. _____
28. _____
29. _____
30. _____

Produção 2:

PRODUÇÃO TEXTUAL FINAL – A METAMORFOSE

Nome: _____

Turma: 1º C1 Data: ____/____/____

Pergunta:

A morte de Gregor representa apenas o fim de um personagem ou a reorganização da vida familiar e dos valores presentes na narrativa?

1. Inicialmente, como Gregor desempenhou um papel de
2. importância financeira dentro do seu vínculo familiar, ele
3. era tratado dignamente e seus parentes demonstravam
4. preocupação. Lentamente, após a transformação isso
5. passou a ser deixado para trás, o que mostra o valor
6. de um indivíduo sendo opaco ao não ser mais
7. "funcional" em relação a renda, entre outros.
8. Ao decorrer da obra, a desumanização do
9. personagem é enfatizada pelo autor no momento em
10. que o protagonista passa a ser chamado de
11. "bicho" e tratado como um fardo a ser car-
12. regado. As atitudes do seu pai, mãe e, principal-
13. mente, de sua irmã, Grete, mostram uma mudan-
14. ça significativa dos valores. Grete, que no começo
15. cuidava do irmão, passa a concordar com
16. seu desprezo e abandono. E, por fim, após
17. sua morte, é demonstrado alívio e pensamentos
18. no futuro ao invés do luto esperado.
19. Minha visão sobre Gregor também mudou
20. Primeiro achei que sua aparência e aspecto físi-
21. co era o principal problema, mas a real pro-
22. blemática está na metamorfose do tratamento
23. familiar.
24. Logo, a morte do protagonista não representa
25. um fim, mas uma reorganização da vida de
26. sua família. Gregor é tratado como um despa-
27. cho.
28. _____

Produção 3:

PRODUÇÃO TEXTUAL FINAL – A METAMORFOSE

Nome: _____

Turma: 1^oC1

Data: _____

Pergunta:

A morte de Gregor representa apenas o fim de um personagem ou a reorganização da vida familiar e dos valores presentes na narrativa?

1. A morte de Gregor pode ser vista como o momento em
2. que seu sofrimento finalmente termina. Durante toda
3. a narrativa, ele vive preso entre aquilo que sen-
4. te por sua família e a rejeição que recebe dela. Mes-
5. mos transformado, continua pensando nos outros
6. antes de pensar em mesmo.
7. Quando Gregor morre, não acontece apenas o desa-
8. parecimento de um personagem. A morte dele revela
9. o quanto a convivência familiar já estava desgas-
10. tada e como cada pessoa havia mudado ao lon-
11. go da história. Percebe-se, no final da obra, mes-
12. mo que o problema não era apenas a transforma-
13. ção física de Gregor, mas também a incapacidade
14. da família de aceitar alguém que havia se tornado
15. diferente.
16. Assim, a morte de Gregor serve para destacar temas
17. importantes da narrativa, como a solidão, a ex-
18. clusão e a dificuldade de manter os laços familia-
19. res diante das mudanças. Dessa forma, ela tem um
20. significado muito maior do que apenas o fim
21. do protagonista.
22. _____
23. _____
24. _____
25. _____
26. _____
27. _____
28. _____
29. _____
30. _____

Produção 4:

PRODUÇÃO TEXTUAL FINAL - A METAMORFOSE

Nome: _____

Turma: 101

Data: 06/06/2026

Pergunta:

A morte de Gregor representa apenas o fim de um personagem ou a reorganização da vida familiar e dos valores presentes na narrativa?

1. No começo do livro, Gregor era quem sustentava
2. toda a família. Ele trabalhava como caixa de correio.
3. E era o mais importante da casa. Mas quando
4. nasceu um irmãozinho, ele deixou de ser útil.
5. Aos poucos, a família de Gregor foi tratando ele
6. de forma diferente. Kafka usa palavras como "monstro"
7. "inseto" para mostrar que Gregor perdeu o valor
8. como pessoa. Então, que era a irmã que mais ges-
9. tava dele, diz a mãe que "precisava se livrar
10. disso".
11. A linguagem de Kafka é bem fria. Ele conta a mor-
12. ti de Gregor de um jeito seco, como se fosse só
13. mais um problema. Esse método que, para a família
14. ele não era mais um filho ou irmão, e sim um
15. peso.
16. Isso mostra um valor triste da história que
17. a família só amava Gregor enquanto ele dava dinheiro.
18. Então, quando ele não pôde mais trabalhar, virou
19. um problema.
20. Por isso, a morte de Gregor é mais que o fim
21. dele. É o começo da família.
- 22.
- 23.
- 24.
- 25.
- 26.
- 27.
- 28.
- 29.
- 30.

Produção 5:

PRODUÇÃO TEXTUAL FINAL – A METAMORFOSE

Nome: _____

Turma: 1^o

Data: 29/05/26

Pergunta:

A morte de Gregor representa apenas o fim de um personagem ou a reorganização da vida familiar e dos valores presentes na narrativa?

1. No começo do livro, eu achava que a história era só sobre o sustento do
2. Gregor, viver um bicho. Mas depois, lendo com mais calma, mudou minha ideia e mudou
3. totalmente. Percebi que a pior parte não é a transformação física, mas o
4. jeito que as pessoas tratam ele. O autor usa umas palavras bem boas e
5. boas para falar de Gregor, e a coisa fica tão boa que até a própria irmã
6. para chamar ele pelo nome. Ela fala com todas as letras: queridos Pais, nós
7. podemos continuar assim. Se vocês não se lembram disso, eu se lembrando. Não
8. quero preservar o nome de meu irmão diante desta morte, e por isso digo assim:
9. ~~meu~~ mas que tentem nos livros dele! Esse jeito de falar mostra que a
10. família só ligava para o dinheiro que ele fazia. O Gregor deixa de ser o
11. irmão deles e fica só um problema que gasta energia e atrapalha a casa. Por
12. isso, para mim, a morte dele faz uma reorganização da família. O fim dele foi
13. igual a pagar para um negócio que quilibra e não serve mais. Já tem um isso
14. tem no final do texto assim que ele morre, os Pais e a irmã parecem que tira-
15. ram um peso das costas, saem para passear, fazem planos de viagem e já pensam
16. no futuro. A morte dele agitou a vida deles porque tirou a obrigação de ter para
17. decência.
18. _____
19. _____
20. _____
21. _____
22. _____
23. _____
24. _____
25. _____
26. _____
27. _____
28. _____
29. _____

Produção 6:

PRODUÇÃO TEXTUAL FINAL – A METAMORFOSE

Nome: _____

Turma: _____

Data: _____

Pergunta:

A morte de Gregor representa apenas o fim de um personagem ou a reorganização da vida familiar e dos valores presentes na narrativa?

1. Final da história, que mostra os pais e a irmã de Gregor
2. deitando um grande e grande plano super animados, dizem que
3. o maior dele servir para reorganizar a vida da família. Minha
4. opinião mudou muito de como do livro aqui: o que parecia
5. uma história louca de monstro virou crítica sobre a socie-
6. de. O autor escreve de um jeito que a gente vai vendo o gregor
7. seminando ideias, por causa das ideias e das atitudes da família que têm
8. trazido a dignidade dele. Ele virou um problema que eles queriam es-
9. conder de qualquer jeito. Os valores daquela época eram base-
10. dos em aparência e status. E tinha um que a primeira coisa
11. a gente dele e queria tudo mundo gritando: "qualquer um, espere,
12. está lá, deitado, totalmente estragado". No fim dos tempos, a mor-
13. te de gregor fez o remocido do elemento que impedia a fami-
14. lia de viver em paz e construir uma nova rotina.
15. _____
16. _____
17. _____
18. _____
19. _____
20. _____
21. _____
22. _____
23. _____
24. _____
25. _____
26. _____
27. _____
28. _____

Produção 7:

PRODUÇÃO TEXTUAL FINAL - A METAMORFOSE

Nome: _____

Turma: 1º C - Data: 28.05.16

Pergunta:

A morte de Gregor representa apenas o fim de um personagem ou a reorganização da vida familiar e dos valores presentes na narrativa?

1. Principalmente, morte de Gregor acordando em outra forma é
2. ele não demonstra desespero algum como se ele não se
3. importasse com sua saúde ou aparência a única demonstração de preocupação é com seu trabalho "Se eu, tentasse algo assim como o meu chefe, seria demitido na hora!" ele fala como "enquanto"
6. isso é melhor se me lembrarem se quiser falar o bem dos Gregor"
7. ele seria um trabalhador CLT típico que acaba não se preocupando
8. com sua saúde e nem com seu trabalho é isso que Gregor mostra
9. a relação de Gregor com sua família acaba deixando o caráter
10. no início poderia até haver algum tipo de preocupação mas
11. ao decorrer da história é mostrada como a família de Gregor
12. abandonou e perdeu suas experiências nele, como nos falar pensar
13. mentes de Gregor pensando sua irmã / irmã / irmã / irmã
14. "De fato que ele se comporta, poderiam pensar que ele se mortificou"
15. "ainda assim, cada vez que entra no quarto, ele fica impiedoso" esse parágrafo
16. mostra de Gregor mostrando de como a sua irmã / irmã / irmã / irmã
17. se / se / se / se em relação ao Gregor é isso não muda as reações
18. da família de Gregor um exemplo é sua mãe / sua mãe / sua mãe / sua mãe
19. demais se o filho / o filho / o filho / o filho
20. no final após a morte de Gregor a sua família não demonstra luto,
21. tristeza / desespero é nem falta de Gregor, isso demonstra de como a
22. família de Gregor abandonou ele e tornou a sua morte como uma forma
23. de reorganização da vida familiar e mostra a morte de Gregor
24. como um problema Resolvido "Vierherren, agora a família de Gregor, agora
25. preocupação para tirar..." e tem algumas considerações pelo menor
26. sentimento"
27. _____
28. _____
29. _____

ANEXO B – Reportagem

Existe uma forma de invisibilidade que atinge pessoas muito queridas por todos, e ela não acontece porque foram deixadas de lado, acontece porque se tornaram tão estáveis por fora que ninguém imagina que também precisam ser cuidadas

Patrick Silva 25/04/2026

Por que o excesso de estabilidade emocional acaba gerando uma solidão invisível?

Para entender esse fenômeno, precisamos observar como as pessoas ao redor projetam suas próprias necessidades em quem parece inabalável. Quando alguém nunca reclama ou pede ajuda, o círculo social presume erroneamente que essa pessoa possui recursos emocionais infinitos e inesgotáveis. Essa percepção distorcida cria uma barreira de silêncio que impede a oferta de cuidados básicos diários. A invisibilidade que atinge pessoas muito queridas por todos, e ela não acontece porque foram deixadas de lado, acontece porque se tornaram tão estáveis por fora que ninguém imagina que também precisam ser cuidadas.

Muitas pessoas ocupam um papel central em seus círculos sociais, oferecendo supressa despercebida pelos amigos. Entender essa dinâmica é fundamental para a estabilidade para todos ao redor de forma constante. No entanto, essa força aparente muitas vezes esconde uma necessidade silenciosa de afeto e reconhecimento que constrói relacionamentos saudáveis e gratificantes.

Muitos indivíduos estáveis acabam sendo vítimas do seu próprio sucesso na gestão de crises alheias durante toda a vida produtiva. Eles se tornam o porto seguro de todos, mas raramente encontram um lugar para ancorar suas próprias vulnerabilidades e medos. Essa invisibilidade emocional é extremamente desgastante, pois exige a manutenção de uma fachada de força absoluta e permanente.

Como o papel de pilar da família pode silenciar as necessidades individuais?

Dentro da dinâmica familiar, o pilar é aquele indivíduo que resolve conflitos e sustenta o bem-estar de todos sem hesitar. Esse papel heróico acaba desumanizando a pessoa, transformando-a em uma função utilitária em vez de um ser humano com fragilidades. A família esquece que até os alicerces mais fortes precisam de manutenção e atenção para não ruírem.

Esse silenciamento ocorre porque ninguém quer acreditar que o seu herói particular também pode sofrer ou precisar de colo urgente. O medo de perder a segurança oferecida por essa pessoa faz com que os outros ignorem sinais sutis de esgotamento ou tristeza profunda. Reconhecer essa fragilidade exige uma mudança de postura de todos os membros do grupo.